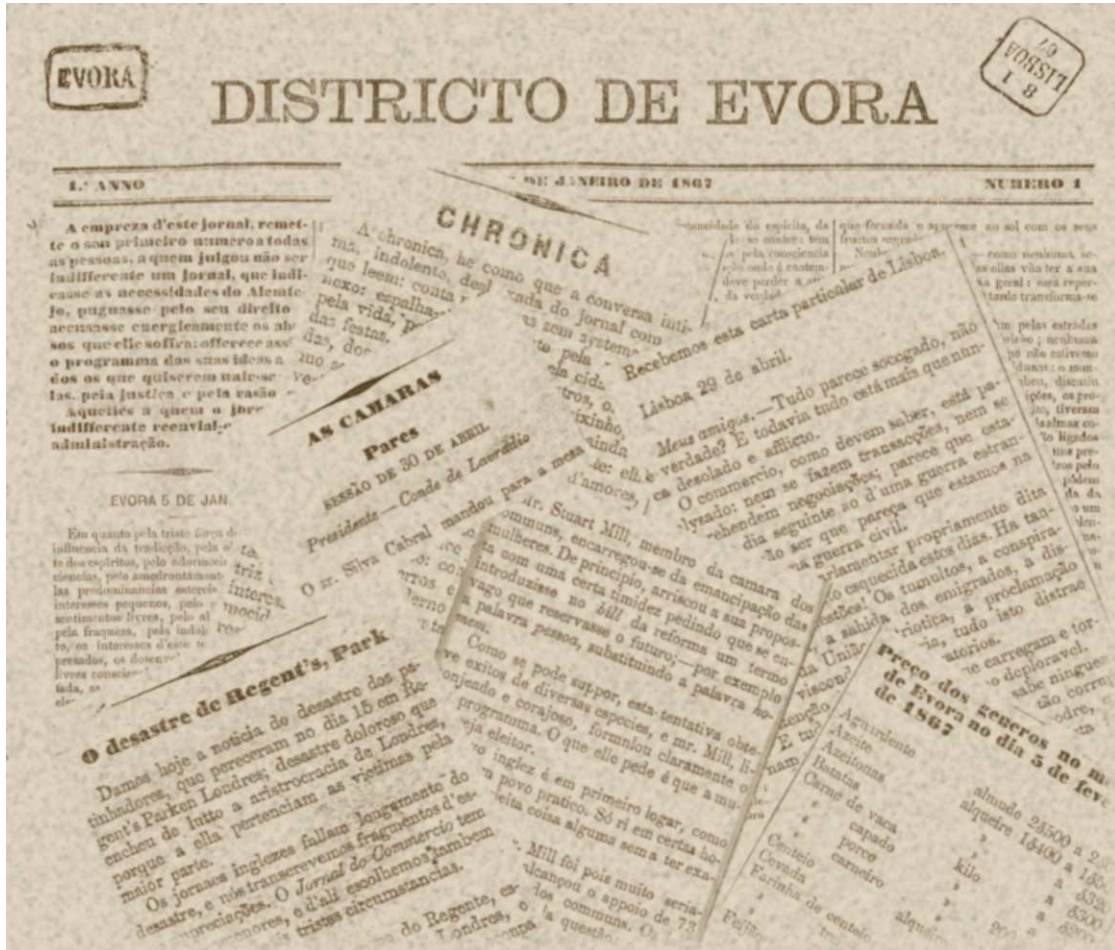


ANA PAULA FERNANDES RODRIGUES



## EÇA DE QUEIRÓS E AS PÁGINAS DESCONHECIDAS DO DISTRITO DE ÉVORA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM  
LITERATURA E CULTURA PORTUGUESAS

UNIVERSIDADE ABERTA

LISBOA 2008

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Universidade Aberta para a obtenção  
do grau de Mestre em Literatura e  
Cultura Portuguesas

**ANA PAULA FERNANDES RODRIGUES**

**EÇA DE QUEIRÓS E AS PÁGINAS DESCONHECIDAS DO  
*DISTRITO DE ÉVORA***

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM  
LITERATURA E CULTURA  
PORTUGUESAS**

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA  
ANA NASCIMENTO PIEDADE**

**UNIVERSIDADE ABERTA  
LISBOA 2008**

## ÍNDICE

Introdução -----	p. 3
<b>I</b> – Eça em Évora -----	p. 7
<b>II</b> – O jornal <i>Distrito de Évora</i> -----	p. 22
<b>III</b> – Sete textos sem autor -----	p. 47
Conclusão -----	p. 91
Anexos -----	p. 95
Bibliografia -----	p. 141

“A todas estas [...] abandonadas produções do engenho queirosiano chamarei - «Páginas Desconhecidas» [...] - páginas esquecidas já não, mas ainda no património de Eça, desastadamente enjeitadas, repudiadas...”

Lopes de Oliveira,  
*in Eça de Queirós*, pp. 365-366.

## I – INTRODUÇÃO

Um dos mais significativos fenómenos históricos do século XIX foi o desenvolvimento da imprensa periódica. Com as rotativas a atingir velocidades inimagináveis poucos anos antes e com o número de leitores a crescer, os jornais tornaram-se um elemento importante na vida de um cada vez maior número de pessoas. Instrumentos de divulgação, fazedores de opiniões, meios de aproximação ao poder, os periódicos constituíam uma sedução a que poucos escritores portugueses desse século resistiram, quer escrevendo regularmente artigos de opinião, quer publicando as suas obras de ficção que eram divulgadas no espaço do folhetim.

Seguindo uma tendência da época, Eça de Queirós iniciou o seu percurso literário com a publicação de folhetins no jornal quadrissemanário *Gazeta de Portugal*, posteriormente reunidos no volume intitulado *Prosas Bárbaras*. Essa colaboração foi interrompida, para ser reatada sete meses depois, pela sua partida para Évora onde fundou e dirigiu o jornal bissemanário *Distrito de Évora*. De Janeiro a Julho, ininterruptamente, o escritor oitocentista redigiu praticamente na íntegra o texto das quatro páginas do jornal alentejano, mantendo uma intensa actividade redactorial que passava pela escrita da própria correspondência que ficticiamente chegava de Lisboa.

Será pela tentativa de recriação da vivência de Eça em Évora que começaremos o nosso estudo, tarefa dificultada pela escassez de documentos acerca desse período, que não vão além da colecção de jornais que a Biblioteca Nacional conserva. Não há quaisquer referências a esta época na extensa obra epistolográfica do autor, nem nenhum dos que com ele conviveram se lhe referem, o que faz com que muitos estudiosos da obra queirosiana considerem que o envolvimento neste projecto possa ter sido uma experiência negativa que o escritor preferiu esquecer. Recolher o máximo de opiniões e de estudos sobre este período pouco conhecido da vida e obra de Eça foi o nosso primeiro passo na tentativa de reproduzir a sua vivência na cidade alentejana e de conhecer as razões que motivaram o ainda jovem e inexperiente escritor a aceitar tamanha empresa e a desistir dela meses mais tarde.

Produto de laborioso esforço, o jornal espelha os meses passados pelo escritor na cidade alentejana e reflecte o estado de espírito do seu, para muitos único, autor.

Depois de um início vigoroso e entusiástico, a tarefa parece ter começado a perder interesse para o jovem escritor que se viu envolvido em estéreis quezílias partidárias, bem distantes dos seus ideais reformadores e progressistas. Com propósitos bem definidos no início da publicação, Eça organizou o seu jornal em secções, nem sempre originais, mas que parecia pretender continuar a preencher com textos de sua autoria. No entanto, muitas delas desapareceram logo após o número inicial, outras surgiram apenas esporadicamente. Perceber alguma regularidade no tratamento dos temas seus contemporâneos e compreender de que forma a organização interna do periódico poderá reflectir diferentes envolvimentos e estados anímicos do seu director será um objectivo a atingir neste nosso trabalho.

Mas porque a disposição por temas dos textos recolhidos dificulta a percepção, quer da estrutura interna do periódico, quer da evolução do envolvimento do escritor no projecto, procuraremos fazer uma descrição o mais detalhada possível da organização do jornal, criando quadros descritivos que o facilitem.

Os textos do *Distrito de Évora* são alvo das mais variadas apreciações que vão desde o elogio à sua originalidade e intensidade, à crítica ao seu parcial pendor partidário e à cópia de modelos de outros jornais já consagrados. Num período de intensa evolução jornalística e tipográfica, muitos eram os periódicos que poderiam servir de modelo à obra queirosiana. Encontrar essas semelhanças e perceber até que ponto o jornal alentejano se inspirou ou se afastou de outros do mesmo período será outro dos objectivos deste nosso trabalho.

Quando encetámos este estudo, procurámos consultar uma edição que reunisse os textos ecianos do periódico eborense, mas aquilo que se nos deparou foram diversas publicações que seguiam também diferentes lições de vários estudiosos. Se algumas edições de obras completas não faziam sequer referência aos textos do jornal, como se estes não tivessem feito parte da extensa obra do escritor oitocentista, outras havia que apresentavam a mais completa discrepância dos textos que reuniam relativamente aos originais. Acreditando estar a usar uma edição fidedigna, começámos pela leitura dos artigos na edição da Livros do Brasil. Mas o primeiro confronto com o original existente na Biblioteca Nacional revelou diferenças abissais, não só entre as várias colectâneas que reuniam os textos, como também entre elas e o original, que nos

conduziram ao confronto das várias compilações dos textos do *Distrito de Évora*. Parte do trabalho que agora apresentamos é também o produto desse cotejo e o resultado da vontade de trazer à luz a recolha pouco rigorosa que algumas edições revelam.

Face aos resultados desse cotejo, foi possível constatar a existência de mais de uma centena de textos que, apesar de terem sido publicados no jornal eborense, não foram incluídos em nenhuma das colectâneas por nós estudadas e que, por isso, nos suscitaram algumas dúvidas relativamente à sua autoria. Partindo da ideia veiculada por muitos estudiosos da obra eciana de que o projecto alentejano teria sido uma produção toda saída da pena de um único escritor, Eça de Queirós, procuraremos encontrar pontos de contacto que evidenciem uma possível autoria comum aos vários textos do *Distrito de Évora*.

Por questões de delimitação do *corpus* textual, circunscrevemos esse trabalho de confronto aos sete textos que surgem sob a epígrafe “Do nosso Correspondente Político”. Será a partir deles que procuraremos reflectir sobre a sua possível condição de textos que constituem produto da imaginação de um escritor que recusava já, nos tempos iniciais da sua produção literária, os limites de uma entidade homogénea, revelando uma pluridiscursividade totalmente inovadora na época e muitas vezes confundida com logro e dissimulação.

Sempre que for possível, referir-nos-emos a textos da Edição da Lello & Irmão, aquela que contém a recolha mais completa dos artigos publicados no periódico alentejano. Há apenas dois textos que constam de outras antologias e que não existem nessa edição. Todos os restantes textos citados serão transcritos do *Distrito de Évora*.

Para facilitar o contacto com alguns dos artigos só acessíveis numa consulta às colecções do periódico original que se encontram na Biblioteca Nacional e na Biblioteca de Évora, foi feita a sua transcrição que se anexa no final do trabalho. A selecção dos textos transcritos circunscreveu-se àqueles que não apresentam qualquer assinatura e que não foram incluídos em nenhuma das colectâneas já publicadas. Mas devido ao elevado número de textos a reproduzir, optou-se por não transcrever os seguintes: todos os incluídos na secção «Crónica» que ficaram de fora das anteriores recolhas efectuadas; os quadros de preços que surgiam com regularidade no jornal, exceptuando dois que se repetiram ao longo de vários números; os textos da secção

«Câmaras» que reproduziam as sessões parlamentares; as transcrições de artigos de outros periódicos.

À semelhança do que foi feito em todas as recolhas anteriores, actualizámos a grafia dos textos do periódico eborense, mas mantivemos a sua pontuação. Actualizámos também o nome de todos os periódicos consultados, bem como o nome do jornal objecto do nosso estudo, que na época se grafava “Districto de Evora” e ao qual nos referiremos utilizando também as iniciais *DE*.

Limitámos o nosso objecto de estudo aos números do *DE* dirigidos por Eça de Queirós, ou seja a todas as publicações desde o número 1 (de 6 de Janeiro de 1867) até ao número 59 (de 1 de Agosto do mesmo ano), uma vez que, depois desta data, o jornal foi trespassado, embora continuasse a publicar textos deixados por Eça.

## I - EÇA EM ÉVORA

A passagem de Eça por Évora está pouco documentada. Não há qualquer correspondência sua desse período e Celestino David, que estudou a permanência do escritor nessa cidade alentejana, diz mesmo que as cartas escritas nesse período foram queimadas<sup>1</sup>. Eça também não se refere à sua estada em texto algum, o que parece ser confirmado por Machado da Rosa que destaca um comentário eciano como sendo o único momento em que o escritor oitocentista se referiu à sua participação no jornal alentejano: “No mesmo espírito, mas sem suspeitar que falava, pela primeira e única vez, do seu *Distrito de Évora*”<sup>2</sup>. Este autor cita o excerto de uma carta escrita mais de uma década depois da experiência no Alentejo, em que Eça se interroga acerca da obra dos membros da geração de Coimbra, condenando o silêncio e a falta de trabalho de quem se tinha excepcionalmente preparado para a revolução. É talvez nesta crítica à falta de iniciativas dos jovens de Coimbra que Machado da Rosa vislumbra uma autocrítica do escritor ao seu próprio silêncio após o fim do projecto jornalístico alentejano.

Jaime Batalha Reis, que no seu prefácio às *Prosas Bárbaras* descreve o Eça deste período e algumas curiosidades da sua personalidade e modo de vida<sup>3</sup>, estranhamente omite a passagem do amigo por terras alentejanas, não se lhe referindo nem mesmo para explicar que ela foi a causa da interrupção de sete meses da sua produção literária para a *Gazeta de Portugal*.

Corria o ano de 1866, em que o deficit das contas públicas atinge os 2160 contos, valor elevadíssimo para a época, e em que não se anunciam poupanças por parte de um governo esbanjador, presidido por Joaquim António de Aguiar, que quer melhorar a rede de estradas e alargar a recente rede ferroviária. Desde o ano anterior que o chamado *governo da fusão*, por reunir históricos e regeneradores, saíra vitorioso

---

<sup>1</sup> Cf. DAVID, Celestino, *Eça de Queirós em Évora*, p. 149.

<sup>2</sup> ROSA, Alberto Machado da, “Prefácio”, in *Eça de Queiroz, Prosas Esquecidas IV (polémica 1867)*, p.13.

<sup>3</sup> Cf. REIS, Jaime Batalha, “Na primeira fase da vida literária de Eça de Queirós”, in *Prosas Bárbaras*, pp. 7-46.

das eleições e empreendia um conjunto de reformas estruturais que quase reuniam o consenso das principais forças políticas.

Eça terminara o seu bacharelato em Direito havia pouco tempo e habitava em casa de seus pais, em Lisboa, quando recebeu a proposta de dirigir o *Distrito de Évora*. Gaspar Simões afirma que o “pai de Eça de Queirós nessa altura figurava no partido da oposição”<sup>4</sup>, tendo sido “amigos e parentes do pai, residentes em Évora”<sup>5</sup> que lhe fizeram o convite de fundar um jornal. Para Calvet de Magalhães, os autores do desafio, para além dos laços familiares e de amizade, partilhavam com ele os ideais políticos, constituindo “um grupo de políticos opositores do governo de tendência regeneradora, presidido por Joaquim António de Aguiar, o famoso «Mata-Frades»”<sup>6</sup>, e pretendiam um órgão de comunicação social que veiculasse as suas ideias de oposição. Numa época em que surgiam diariamente inúmeros jornais, esta era uma prática comum, tal como afirma José Tengarrinha:

Os jornais, nascendo, em geral, por iniciativa de um pequeno grupo de indivíduos com as mesmas ideias políticas ou de uma sociedade por acções sem o intuito do lucro, começavam com o capital reduzido (suficiente apenas, quase sempre, para pagar as habilitações e fianças e acorrer às primeiras despesas).<sup>7</sup>

Não se pretendia a criação de um periódico inovador e criativo, mas sim a de um veículo das ideias partidárias. Para Viana Moog, a tarefa do jovem escritor seria bastante redutora e limitativa, “Sua função era ladrar e morder.”<sup>8</sup>, opinião secundada por Gaspar Simões que afirma que o grupo oposicionista queria apenas dar seguimento a jornais já extintos, fazendo oposição ao jornal de ideologia governamental *Folha do Sul*. Para isso, não desejava sequer inovação, mas sim o seguimento do modelo já usado por esses periódicos: “Um jornal que na cidade mantivesse viva a oposição ao governo.

---

<sup>4</sup> SIMÕES, João Gaspar, *Vida e Obra de Eça de Queirós*, p. 139.

<sup>5</sup> *Idem, ibidem*, p. 141.

<sup>6</sup> MAGALHÃES, José Calvet de, “Lisboa: começo da vida literária”, in *Eça de Queiroz, A Vida Privada*, p. 55.

<sup>7</sup> TENGARRINHA, José, “A imprensa Romântica ou de Opinião”, in *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, p. 190.

<sup>8</sup> MOOG, Viana, “Homem de Partido”, in *Eça de Queirós e o século XIX*, p. 97.

Não seria necessário um grande periódico. Os moldes estavam feitos. Seguir-se-ia o modelo local.”<sup>9</sup>

O convite foi aceite pelo jovem escritor, sendo várias as razões que se lhe apontam para a aceitação do projecto. Gaspar Simões apresenta como um dos motivos que tornaram o convite irrecusável o vantajoso valor de cem mil reis de ordenado mensal oferecido a Eça, considerando-o “Uma fortuna, na época!”<sup>10</sup>. Se tivermos em conta o valor de cento e dezanove mil reis recebido por Júlio Dinis, no mesmo ano, pela primeira edição do romance *As Pupilas do Senhor Reitor*<sup>11</sup>, poderemos compreender que se tratava, de facto, de um valor aliciante. Mas Joel Serrão aponta, para além desta razão monetária, outras que terão feito Eça aceitar deixar a capital e a casa paterna e ir para a província fundar um jornal. A “tentação da viagem e as correlativas experiências” [...] [e] “a hipótese de vir a advogar em Évora”<sup>12</sup> são as outras duas razões que, segundo este autor, determinaram a partida de Eça. Mas Jaime Brasil ainda avança a possibilidade de início de uma carreira política, como uma outra razão possível.<sup>13</sup>

Fosse por motivos económicos, por motivos profissionais ou por ambição política, o cargo apresentava-se tentador para alguém tão jovem que parece ter visto neste projecto um orgulho pessoal, tal como sugere Gaspar Simões: “Ser director de um jornal – eis glória capaz de tentar um moço de vinte e dois anos. Eça de Queirós não resistiu: fez a mala e embarcou...”<sup>14</sup>

O jovem escritor, que até então pouco mais escrevera para além de um conjunto de textos para o jornal lisboeta *Gazeta de Portugal*, terá chegado a Évora, no final de 1866 e ter-se-á instalado, segundo Aníbal Pinto de Castro, em casa daqueles que lhe dirigiram o convite, na Travessa dos Grilos<sup>15</sup>. Mas Celestino David aponta mais locais onde o escritor residiu, como o Paço da Quinta, casa de uma ilustre eborense,

---

<sup>9</sup> SIMÕES, João Gaspar, *op. cit.*, p. 141.

<sup>10</sup> *Idem, ibidem*, p. 141.

<sup>11</sup> Cf. GUEDES, Fernando, “Livros e leitura na primeira metade do século XIX”, in *O Livro e a Leitura em Portugal*, p. 224.

<sup>12</sup> SERRÃO, Joel, “Eça à procura de si próprio”, in *O primeiro Fradique Mendes*, p.116.

<sup>13</sup> Cf. BRASIL, Jaime, “Eça de Queiroz, Jornalista”, in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, p. 511.

<sup>14</sup> SIMÕES, João Gaspar, *op. cit.*, p. 142.

<sup>15</sup> Cf. CASTRO, Aníbal Pinto de, “Entre a sedução da literatura e a busca de um rumo na vida”, in *Eça de Queirós da realidade à perfeição pela fantasia*, p. 35.

Leonor Barahona Caldeira<sup>16</sup>, com cujo tio Eça se correspondeu, ou uma das pensões existentes, à data, em Évora.<sup>17</sup>

O ano seguinte assistiu a um período de relativa acalmia política e a uma série de reformas sociais, entre as quais se destacam a abolição da pena de morte, com a reforma do sistema penal e prisional, e a promulgação do novo Código Civil com legislação sobre o casamento civil. O governo de fusão a que Eça se vai opor durante a sua permanência na cidade alentejana só virá a ser derrotado no início de 1868, no seguimento de uma revolta provocada por um impopular imposto de consumo, criado por decreto do Ministro da Fazenda, Fontes Pereira de Melo.

Enquanto aí permaneceu, o escritor editou ininterruptamente o *Distrito de Évora*, praticamente sem quaisquer colaboradores. Calvet de Magalhães apresenta uma justificação economicista para essa tarefa solitária, “Para evitar despesas não contratou quaisquer jornalistas, assumindo ele o encargo de produzir sozinho todas as secções do bi-semanário.”<sup>18</sup>, mas tal tarefa, de redigir, quase na íntegra, um jornal duas vezes por semana, exigia-lhe um considerável esforço que é elogiado por muitos autores. Machado da Rosa exalta a inexorabilidade do desempenho, “Sob a pressão implacável de produzir dois números por semana, impondo-se o dever e a disciplina do magistério cívico, Eça realiza em sete meses uma obra extraordinária, verdadeiro atestado da integridade do seu carácter e ideais.”<sup>19</sup>, e Lopes de Oliveira destaca o carácter único de tal proeza:

Não há na nossa literatura – e julgo que em nenhuma outra – coisa igual a esta: um moço de 21 anos, formado há pouco em Direito, apenas conhecido por algumas páginas com intenções de arte, que toma conta de um bi-semanário de província, e durante sete meses, tratando os mais variados assuntos, o redige todo, desde o artigo de fundo até aos anúncios!<sup>20</sup>

---

<sup>16</sup> Cf. DAVID, Celestino, *op. cit.*, p. 148.

<sup>17</sup> *Idem, ibidem*, p. 67.

<sup>18</sup> MAGALHÃES, José Calvet de, *op. cit.*, p. 55.

<sup>19</sup> ROSA, Alberto Machado da, “Prefácio”, in *Eça de Queiroz, Prosas Esquecidas I (crítica 1867)*, p. 7.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Lopes de, *Eça de Queirós*, p. 373.

O que fazia durante o período em que não estava a trabalhar na sua publicação não é conhecido, daí que Celestino David diga que “aqueles com quem ele mais de perto conviveu aqui, as companhias preferidas que tinha e os passos que dava – há que imaginar tudo isso.”<sup>21</sup> Segundo este autor, Eça era pouco conhecido em Évora, cidade que, à data, “era a cidade típica do fidalgo-lavrador”<sup>22</sup>, e que, embora segura, era fastidiosa. A ligação por comboio tinha apenas quatro anos e os acontecimentos culturais eram escassos, o que, para alguns autores terá levado Eça a desinteressar-se do projecto. Beatriz Berrini destaca a falta de assunto para as suas crónicas como causa da desmotivação do escritor:

Com o passar das semanas, todavia, o seu tédio começa a manifestar-se, os acontecimentos de interesse são quase inexistentes, e escassos são os entretenimentos. A sua veia de cronista não tem muito em que aplicar-se, e em geral gira em torno de três classes de eventos: os roubos frequentes, o estado em que encontram os monumentos históricos e artísticos e as feiras regionais.<sup>23</sup>

Calvet de Magalhães aponta, para além desse tédio provocado também pela falta dos companheiros que deixara na Capital, o desinteresse pela luta política, e incompatibilidade com um familiar próximo:

A luta política no terreno nunca foi coisa que o empolgasse muito, embora a crítica política independente, fora da arena política, o interessasse bastante. Além disso, José Maria aborrecia-se profundamente em Évora, com a pequenez daquela vila provinciana e a falta de companheiros para participar ou formar uma tertúlia literária. Finalmente coincidindo com a sua aventura jornalística, foi designado juiz em Évora o seu tio, Dr. Joaquim Augusto de Almeida Queiroz, um homem complicado, de comportamento por vezes escandaloso, casado com uma mulher que José Maria detestava. Esta questão foi, decerto, a gota de água que levou José Maria a abandonar Évora.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> DAVID, Celestino, *op. cit.*, p. 66.

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p. 39.

<sup>23</sup> BERRINI, Beatriz, “Eça e o Alentejo”, in MATOS, A. Campos (org. e coord.), *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*, p.190.

<sup>24</sup> MAGALHÃES, José Calvet de, *op. cit.*, p. 57.

António Cabral corrobora esta opinião publicando uma carta do Conselheiro Pinto Osório, segundo a qual o comportamento indecoroso do tio do escritor terá provocado a sua partida da cidade alentejana: “Quanto a não se demorar mais em Évora, apesar de ter lá um tio juiz, poderia contar a V. Ex.<sup>a</sup> diversos factos pelos quais me convenço que o tio concorreria para ele sair mais depressa de Évora.”<sup>25</sup>. Gaspar Simões, que partilha da mesma opinião, também apresenta como motivos para o abandono do projecto o ambiente sócio-cultural limitado da província, “A mesquinhez provinciana asfixiava-o.”<sup>26</sup>, e o conseqüente enfado que terá provocado no escritor, “O jogo cénico como jornalista político começava a entediá-lo.”<sup>27</sup>

O clima daquela região do país é também apontado como um aspecto determinante, “Os calores do Alentejo sufocavam-no.”<sup>28</sup>, mas a sua referência pode ser interpretada metaforicamente, na medida em que a expressão de Gaspar Simões pode ser uma alusão à acesa luta política travada pelo escritor em Évora. No entanto, parece-nos que o termo ganha um sentido mais literal quando confrontado, linhas à frente, com a brisa do Tejo que, por oposição, se fazia sentir em Lisboa. Assim sendo, para este autor, o clima quente da região do interior sul do país foi um factor que também pesou na decisão de Eça.

Além disso, o texto de Gaspar Simões veicula sempre uma visão negativa nas referências à estada de Eça em Évora, deixando a ideia de que o período que o escritor passou no Alentejo foi um desperdício e uma limitação ao seu génio criativo, “esses seis meses de alvoroço, de lutas, de intrigas, de polémicas, de tempo perdido”<sup>29</sup>, da qual Eça acabou por se libertar: “Ia acabar o cativo”<sup>30</sup>.

Mas para Viana Moog, o motivo para o abandono do projecto prendeu-se com as limitações ideológicas a que o jovem director do periódico se via sujeito. Já dissemos que a Eça não foram pedidas ideias nem inovação, mas apenas que “desancasse os adversários [políticos] sem piedade.”<sup>31</sup>. No entanto, este espartilho

---

<sup>25</sup> CABRAL, António, *Eça de Queirós, A sua vida e a sua obra – cartas e documentos inéditos*, p. 109.

<sup>26</sup> SIMÕES, João Gaspar, *op. cit.*, p. 153.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, p. 154.

<sup>28</sup> *Idem, ibidem*, p. 157.

<sup>29</sup> *Idem, ibidem*, p. 154.

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, p. 156.

<sup>31</sup> MOOG, Viana, *op. cit.*, p. 97.

ideológico que o obrigava a reconhecer nos do seu círculo partidário “todas as virtudes, inteligência, serenidade, elevação moral, honestidade, civismo [...] [enquanto] do outro lado só devia existir ignorância, vileza, desonestidade”<sup>32</sup> constituía para Eça uma disciplina partidária que o desgostava e limitava.

Curiosamente, como que a confirmar o motivo avançado por Moog, anos mais tarde, Eça retomaria esta ideia numa das cartas de *A Correspondência de Fradique Mendes*, criticando a falta de imparcialidade dos jornais como um dos aspectos que mais lhe desagradavam na prática jornalística. Numa carta dirigida a um amigo que lhe manifestara a intenção de fundar um jornal, Fradique classifica essa ideia como “daninha e execrável”<sup>33</sup> e procura dissuadi-lo de tal propósito devido, entre outros motivos, à falta de imparcialidade da imprensa: “Em torno de ti, do teu partido, dos teus amigos, ergues um muro [...] Toda a ideia que eleve, para além do muro, a condenarás como funesta”.<sup>34</sup> Eça parece assim, através da sua criação ficcional Fradique Mendes, corroborar a ideia apresentada por Moog para o fim do projecto jornalístico de Évora.

Jacinto Batista apresenta uma razão diferente e que se prende com as acusações de plágio de que o escritor foi alvo por parte do jornal concorrente *Folha do Sul*. Esta polémica tem início a 2 de Maio, data em que, na secção da revista de imprensa, Eça faz um comentário crítico acerca de um texto do jornal concorrente. O comentário é considerado demasiado parecido com um excerto de uma obra de Vítor Hugo e Eça é acusado de desonestidade por não ter identificado a origem inspiradora das suas palavras. Estas acusações vão tornar mais acesa a luta verbal entre os dois jornais e vão, segundo Jacinto Batista, contribuir para o desânimo do escritor relativamente ao projecto jornalístico:

Tal batalha, em que Eça se vê acusado de plagiar (e traduzir mal) o seu venerado Vítor Hugo, «crime» que não enjeita, terá sido, talvez, a razão principal do prematuro desfecho da experiência de Eça como jornalista profissional.<sup>35</sup>

---

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*, p. 99.

<sup>33</sup> QUEIRÓS, Eça de, “Carta XV: A Bento de S.”, in *A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 215.

<sup>34</sup> *Idem, ibidem*, p. 219.

<sup>35</sup> BAPTISTA, Jacinto, “Eça Jornalista”, in A. Campos Matos (org.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, p. 211.

Mas para Aníbal Pinto de Castro, que distingue a ideologia partidária da ideologia política, a primeira terá constituído a razão central da desistência por ser aquela que verdadeiramente limitava o jovem escritor na sua actividade enquanto jornalista. Para este autor, não eram as linhas político-ideológicas que eram discutidas no *Distrito de Évora*, não eram as linhas condutoras de uma desejável e desejada regeneração do país que eram debatidas, mas sim as dissensões partidárias, as pequenas discordâncias militantes, o que frustrava as ambições e as ilusões do director do periódico eborense:

Actividade que não podia deixar de o desiludir [...] pelo tipo de jornalismo preso com mesquinhas quezílias de campanário que impediam a quem a ele se dedicava de abordar as questões de fundo e os princípios político-ideológicos que poderiam levar a uma efectiva regeneração do País.<sup>36</sup>

Após o fracasso do projecto, o periódico rival *Folha do Sul*, publicou um comentário depreciativo, “A empresa do *Distrito* entregou o seu papel ao seu tipógrafo e já não quer responsabilidade moral e política. // Fez bem.”<sup>37</sup>, enquanto em Lisboa, o periódico *A Revolução de Setembro*, também afecto ao partido governamental, publicou uma mordaz referência ao facto de Eça ter terminado a sua colaboração no periódico alentejano:

A empresa que sustentava o «Distrito de Évora», jornal da oposição, trespassou-o ao responsável, que era o sr. Bravo, tipógrafo. O Sr. Eça Queirós [sic] deixou, pois, de fazer parte da redacção do jornal, cujas colunas ele se encarregou de adjectivar. Tudo isto mostra que a oposição vai... de vento em popa.<sup>38</sup>

Terá sido este texto, segundo Viana Moog, que motivou a única explicação que o jovem escritor forneceu para o desaire da experiência. Para aquele autor, Eça

---

<sup>36</sup> CASTRO, Aníbal Pinto de, “Entre a sedução da literatura e a busca de um rumo na vida”, in *Eça de Queirós da realidade à perfeição pela fantasia*, pp. 40-41.

<sup>37</sup> *Folha do Sul*, 31 de Julho de 1867.

<sup>38</sup> *A Revolução de Setembro*, 2 de Agosto de 1867.

apresentara como razão da desistência a redutora função que lhe coubera e a parcialidade de uma luta imposta por um estreito vínculo partidário:

Quem não estivesse disposto a tolerá-lo estaria perdido para a vida pública. Este era o seu caso. Isto pelo menos o que ele explicava aos que o interpolavam em Lisboa sobre a nota da *Revolução de Setembro*, indagando dos exactos motivos de sua renúncia.<sup>39</sup>

Para além desta explicação, apenas referida por este autor, o mutismo do escritor oitocentista acerca desse período da sua vida foi a constante atitude adoptada, o que parece confirmar as anteriores opiniões de que, para ele, esta experiência foi assaz negativa. Ao que tudo indica, Eça não mais voltou a mencionar a sua permanência na cidade, nem o trabalho jornalístico que aí desenvolveu, como se, dessa forma, procurasse apagar essa experiência negativa. Machado da Rosa atribui essa negatividade à frustração do projecto político, motivada pelas limitações do público provinciano:

Tudo indica que Eça ocultou, com inalterável mutismo, as suas dolorosas experiências eborenses. Tudo sugere que julgou o *Distrito* de 1867, particularmente na polémica, uma absoluta perda de tempo, porque tentara inutilmente, com uma doutrinação de fundo abstracto, converter um público primário, de nível ainda inferior ao de Lisboa, incapaz de compreender o que excede as evidências e insinuações superficiais do concreto.<sup>40</sup>

À semelhança do que também afirmara Gaspar Simões, estas palavras sugerem igualmente a inutilidade e a perda de tempo que o projecto constituiu. Contudo, outros autores destacam a vantagem deste desempenho para o jovem escritor. Viana Moog afirma que “Dessa estada na direcção de um jornal de província recolheria Eça para sempre uma dolorosa experiência.”<sup>41</sup>, mas destaca o carácter pedagógico dessa prova e o benefício para a formação da personalidade do ainda jovem escritor, “Estava curado das suas veleidades. Aprendera que escola de intolerância é o jornalismo, que curioso

---

<sup>39</sup> MOOG, Viana, *op. cit.*, p. 99.

<sup>40</sup> ROSA, Alberto Machado da, “Prefácio”, in *Eça de Queiroz, Prosas Esquecidas IV (polémica 1867)*, p. 12.

<sup>41</sup> MOOG, Viana, *op. cit.*, p. 99.

demarcador de virtudes e de vícios!”<sup>42</sup> Também Helena Cidade Moura destaca a importância da experiência, opondo-a ao diletantismo e ociosidade que caracterizavam a alta sociedade portuguesa e que o autor tantas vezes criticou:

Este empenhamento, breve mas total, n’*O Distrito de Évora* é, quanto a nós, fortemente expressivo do projecto de vida de Eça de Queirós que, desde a sua primeira actuação como profissional, deu provas de ser incapaz de viver o diletantismo que literariamente tão bem expressou.<sup>43</sup>

Mas foi a sua escrita ficcional que mais terá beneficiado com a sua passagem por Évora. Aníbal Pinto de Castro chama ao trabalho deste período “um verdadeiro laboratório de estilo.”<sup>44</sup> e destaca os benefícios para a capacidade de observação da realidade, que tanto vieram a caracterizar o Eça romancista, que essa experiência trouxe, uma vez que contribuiu para o “aperfeiçoamento da capacidade de observação que, com exímia mestria, o autor exerceu sobre a realidade que o cercava, proporcionando farta matéria-prima que o ficcionista havia de transformar em arte”.<sup>45</sup>

Joel Serrão, por seu lado, afirma que “Terá sido, na verdade, uma experiência fundamental na aprendizagem daquilo que viria a ser o seu ofício de escritor.”<sup>46</sup>, destacando o contributo que o contacto com a realidade terá constituído para o jovem romancista. Para aquele autor houve “uma complexa mediação dialéctica que a experiência provinciana portuguesa imporia ao ainda indeciso projecto literário de Eça. [...] uma cidade como Évora [...] obrigava-o a mergulhar em realidades efectivas, - gentes, costumes, ambientes socioculturais”<sup>47</sup>, sem as quais muitas das mais importantes obras de Eça seriam inviáveis. Este contacto com as realidades terá, segundo João Medina, constituído importante influência na criação das muitas personagens que povoam os textos ecianos:

---

<sup>42</sup> *Idem, ibidem*, p. 99.

<sup>43</sup> MOURA, Helena Cidade, “*Os Maias*: A Azazel de Eça de Queirós”, in *Eça e «Os Maias»*, *Actas do 1º encontro internacional de queirosianos*, p. 174.

<sup>44</sup> CASTRO, Aníbal Pinto de, *op. cit.*, p. 40.

<sup>45</sup> *Idem, ibidem*, p. 38.

<sup>46</sup> SERRÃO, Joel, *op. cit.*, p. 117.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, p. 117.

Esse estágio inicial de enorme valia seria mais sensível no período em que, fiel aos cânones do Realismo zolaico, transcrevia em registo propriamente novelesco aquilo que, para o seu farnel de romancista, fora forrageando, antigo colunista em Évora e em Lisboa, dos mil e um “fait divers” que a vida quotidiana lhe ia fornecendo como material para reflexão, chacota, crítica ou até desfastio: com essa matéria-prima amassaria ele as figuras dos políticos, das “cocottes”, dos burgueses, dos inevitáveis profissionais da imprensa – sempre tão satirizada por Eça – dos aristocratas, dos homens do povo e ainda “tutti quanti” povoam a vasta galeria de personagens dos seus romances.<sup>48</sup>

Dessas personagens destacamos os vários jornalistas que Eça criou nos seus romances. Personagens sempre vistas por um prisma negativo, eles e os jornais para os quais escreviam, davam da profissão jornalística uma imagem degradante e pouco honrosa. Como João Medina explica, a experiência alentejana terá sido decisiva para a criação desta figura do universo ficcional queirosiano:

A curta experiência do jovem de vinte e um anos à frente do *Distrito de Évora* deixou-lhe uma arreigada e perdurável animadversão em relação à imprensa portuguesa e, de um modo mais geral, ao meio jornalístico do país. [...]

Geralmente oportunistas, ignorantes, pulhas, sem escrúpulos morais ou intelectuais, os membros da profissão jornalística formam assim uma das categorias socioprofissionais mais deprimentes do seu mundo romanesco.<sup>49</sup>

Mas outras personagens das suas obras surgiram da inspiração que a passagem por Évora constituiu, tal como assevera João Gaspar Simões, “E era ali, no «Distrito de Évora», que ele estava ensaiando os primeiros passos das personagens que mais tarde criaria.”<sup>50</sup>, e como exemplifica Helena Cidade Moura ao afirmar a convicção de que “o ambiente social de Évora, nesse tempo, marcou as obras de Eça.”<sup>51</sup>, assegurando que as manas Gançoso, personagens do romance eciano *O Crime do Padre Amaro*, são inspiradas no juiz Gançoso a quem Eça se opôs nas páginas do *DE*.

---

<sup>48</sup> MEDINA, João, “D’As Farpas a’Os Maias: da crítica sociológica d’As Farpas ao opus magnum romanesco de 1888”, in *Eça e «Os Maias»*, *Actas do 1º encontro internacional de queirosianos*, p. 152.

<sup>49</sup> MEDINA, João, “Eça e o jornalismo” in *Eça de Queiroz e o seu tempo*, pp. 62-63.

<sup>50</sup> SIMÕES, João Gaspar, *Vida e Obra de Eça de Queirós*, p. 147.

<sup>51</sup> MOURA, Helena Cidade, “Os Maias: A Azazel de Eça de Queirós”, in *Eça e «Os Maias»*, *Actas do 1º encontro internacional de queirosianos*, p. 174.

No romance *A Capital!*, a personagem do tio de Melchior, António de Moura, funda, em Beja, um jornal de oposição ao governo que tem o nome *Voz do Distrito*, facto que constitui uma semelhança assinalável, não só a nível do espaço alentejano, como também no que diz respeito ao nome da publicação e à sua orientação política. Curiosamente, esta personagem vai a Lisboa à procura de um redactor, a quem oferece salário e alojamento, para escrever inspirados artigos contra as forças governamentais, tal como fizera Eça alguns anos antes:

Proprietário em Beja, exaltado pelas questões da política local, ardendo num ódio de província pelo Governador Civil, fundara um jornal de oposição, «A Voz do Distrito», e não tendo encontrado em Beja um escritor bastante eloquente para lhe pôr em períodos floridos os insultos à autoridade – vinha procurar a Lisboa um estilista.<sup>52</sup>

Ramos de Almeida destaca a rudeza da criação de uma personagem muito semelhante, no romance *O Crime do Padre Amaro*: Agostinho Pinheiro, redactor da *Voz do Distrito*, que, em Leiria, à semelhança do que fizera Eça em Évora, redigia quase todos os artigos da publicação<sup>53</sup>. Também ele viera de Lisboa e fora contratado por um grupo oposicionista fundador do periódico:

A «Voz do Distrito» fora criada por alguns homens, a quem chamavam em Leiria o «Grupo da Maia», particularmente hostis ao senhor governador civil. [...] [Precisavam de] um patife com ortografia, sem escrúpulos, que redigisse em linguagem sonora os insultos, as calúnias [...] Davam-lhe quinze mil reis por mês e casa de habitação na redacção [...] Agostinho fazia o artigo de fundo, as locais, a Correspondência de Lisboa,<sup>54</sup>

Em ambos os casos, o redactor do periódico é alguém dominado pelo poder económico de quem lhe paga o salário e limita-se a cumprir uma medíocre tarefa de lançar para o papel as ideias belicosas dos fundadores do jornal e de, segundo Ramos de Almeida, manter “polémicas estereis de carácter mesquinho, como era do dever de

---

<sup>52</sup> QUEIRÓS, Eça de, *A Capital*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 173.

<sup>53</sup> ALMEIDA, António Ramos de, *Eça*, p. 76.

<sup>54</sup> QUEIRÓS, Eça de, *O Crime do Padre Amaro*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 161-162.

uma folha da oposição”<sup>55</sup>. Parece que, através destas personagens, Eça justifica, de certa forma, algumas atitudes mais radicais que revelou durante a sua permanência em Évora, escusando-se atrás da ideia de que representava um papel que lhe era destinado, tal como afirma Joel Serrão: “Eça não era nem seria jamais um doutrinador político; «representava» o melhor que sabia e podia um papel que os fados lhe haviam atribuído e para o qual nem sequer estava bem preparado.”<sup>56</sup>

Mário Sacramento vê mesmo, nos artigos sobre política do *DE*, o tom com que falam alguns políticos presentes na obra queirosiana. Percebendo nestes artigos já o começo da ironia que caracterizaria o discurso eciano, aquele autor generaliza mesmo a criação das personagens, associando-as a fases passadas da vida de Eça, nas quais, obviamente, inclui esta experiência jornalística do ainda jovem Eça:

“É, com efeito, o tom com que costumam falar os políticos que atravessam a obra de Eça. Rufino não enjeitaria aquela peça, depois de a ter diluído num pouco mais de retórica e Gouvarinho, opondo-se ao ensino da ginástica nas escolas e fazendo o seu célebre paralelo entre o crucifixo e o trapézio, praticava a mesma linguagem. Que significa isto? Que a ironia, em Eça, surgiu, de facto, de um esforço auto-crítico e que os seus personagens [...] simbolizam fases ultrapassadas pelo próprio Eça.”<sup>57</sup>

Esta fase inicial da vida de Eça e este contacto muito próximo com as forças do poder e da oposição teriam tido, assim, uma importância fulcral na criação de algumas das suas mais conhecidas personagens, mas também teriam sido fundamentais para o desenvolvimento de um estilo irónico que se tornou imagem de marca da produção ulterior deste escritor oitocentista.

Beatriz Berrini vai ainda mais longe na apreciação das influências alentejanas na obra ficcional do escritor, ao associar à experiência eborense um pequeno pormenor de um dos romances queirosianos, nomeadamente a reacção negativa de Carlos da Maia à visão do anúncio do seu consultório médico publicado num jornal:

---

<sup>55</sup> ALMEIDA, António Ramos de, *op. cit.*, p. 267.

<sup>56</sup> SERRÃO, Joel, *op. cit.*, p. 120.

<sup>57</sup> SACRAMENTO, Mário, “Conquista da Ironia”, in *Eça de Queirós, Uma Estética da Ironia*, p. 61.

Carlos até fizera anunciar o consultório nos jornais; quando viu porém o seu nome em letras grossas, entre o de uma engomadeira à Boa Hora e um reclamo de casa de hóspedes, - encarregou Vilaça de retirar o anúncio.<sup>58</sup>

Segundo a autora, este desagrado do protagonista de *Os Maias* terá coincido com o do próprio escritor ao ver-se anunciado como advogado nas páginas do *Distrito de Évora*.<sup>59</sup>

E ainda que esta autora refira a presença do Alentejo em outras obras de Eça, nomeadamente em *José Matias*, *A Ilustre Casa de Ramires* e *O Primo Basílio*, outros autores consideram que esta região, nomeadamente a própria cidade de Évora, parece de tal forma ter desagradado ao escritor que ele quase não a referiu na sua extensa obra e procuram razões para esse facto.

António Cabral considera que o aborrecimento que a estada na cidade constituiu terá sido o responsável pela sua omissão, “Eça de Queirós aborrecia-se, bocejava de enfado, na velha cidade alentejana, a qual nunca lhe mereceu referência de relevo.”<sup>60</sup>, enquanto Cândido Marrecas apresenta razões que se prendem com estados de espírito e gostos pessoais do autor:

Um e outro [a cidade de Évora e o campo alentejano] não lograram fixar-lhe a atenção. É possível que existissem disparidades de medida, antagonismos especiais, inaptações entre as curiosidades ou simpatias do seu espírito e o meio, a paisagem, o ambiente em que teve de viver aqui.<sup>61</sup>

Este autor aponta ainda como razões para a diminuta presença do Alentejo na obra eciana o facto de o escritor ser ainda muito jovem e ter vivido muito absorvido pelas lides jornalísticas durante a sua estada.

Monarca Pinheiro aponta outras razões, como a falta de disponibilidade mental e de tempo, refutando a ideia de que a região sul não lhe tivesse agradado, “A Évora

---

<sup>58</sup> QUEIRÓS, Eça de, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, 2000, p. 99.

<sup>59</sup> Cf. BERRINI, Beatriz, “Eça e o Alentejo”, in MATOS, A. Campos (org. e coord.), *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*, p. 192.

<sup>60</sup> CABRAL, António, *Eça de Queirós, A sua vida e a sua obra – cartas e documentos inéditos*, p. 115.

<sup>61</sup> MARRECA, Cândido, “Eça de Queirós e o Alentejo”, in *Arquivo de Beja*, Jan.–Jun., 1945, p. 73.

histórica-estética não lhe interessou? Não acredito. Provavelmente faltou-lhe a disponibilidade de espírito e o tempo para lhe dedicar alguns textos.”<sup>62</sup>, enquanto Celestino David procura dar explicações para o facto de Évora não ter inspirado a obra eciana citando Alberto D’Oliveira que o atribui à falta de gosto do escritor pelas coisas antigas e arqueológicas.<sup>63</sup> Para um escritor preocupado com o quotidiano, com a realidade política e social do momento presente, Évora afigurava-se como um elemento antigo que não constituía objecto de inspiração artística.

A verdade é que, quer tenha sido uma experiência negativa que marcou o escritor a ponto de não a voltarmos a encontrar referida nos seus textos, quer tenha sido uma experiência enriquecedora que o influenciou, não só a nível pessoal, mas também a nível artístico, o projecto jornalístico do *Distrito de Évora* é elogiado por vários estudiosos da obra eciana. É sempre enaltecida a luta travada, frente a um público provinciano e limitado, contra adversários políticos e profissionais que se moviam num meio jornalístico medíocre e adverso, que as palavras de João Medina bem ilustram:

Num meio servil e rotineiro, como o da imprensa da época (aquele mesmo que Eça praticava com esforço e tédio no Alentejo; à frente do Distrito de Évora, em 1867), num mundo de folhas com ausência de ideias, mundo rasteiro e servil, de pequenos interesses e pequenos homens<sup>64</sup>

É neste meio adverso que a obra jornalística da juventude de Eça de Queirós ganha um tamanho maior, uma importância acrescida, pois é reveladora da sua força de carácter, da sua tenacidade e do seu espírito empreendedor, factores estes que contribuiriam para a criação da vasta obra que nos legou. As palavras de Helena Cidade Moura demonstram a qualidade da sua obra e o valor da sua tarefa, pois apesar dos seus apenas vinte e dois anos e da sua pouca experiência, Eça de Queirós “Tinha deixado em Évora não obra esporádica de estudante rebelde, mas obra de profissional que cumpre.”<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> PINHEIRO, J. M. Monarca, *Évora em Eça*, p. 71.

<sup>63</sup> Cf. DAVID, Celestino, *Eça de Queirós em Évora*, p. 136.

<sup>64</sup> MEDINA, João, “As Farpas ou ‘o riso que peleja’: As Farpas Queirozianas (1871-1872)”, in *Reler Eça de Queiroz*, p. 48.

<sup>65</sup> MOURA, Helena Cidade, “Os Maias: A Azazel de Eça de Queirós”, in *Eça e «Os Maias»*, *Actas do 1º encontro internacional de queirosianos*, p. 174.

## II - O JORNAL *DISTRITO DE ÉVORA*

O jornal *Distrito de Évora* é referido em muitas das obras acerca de Eça de Queirós, mas apenas como aspecto biográfico. Há poucos (ou nenhuns) estudos sobre este periódico e nem mesmo especialistas no discurso de imprensa queirosiano, como Elza Miné, se debruçam sobre os seus textos. Bibliografia crítica foi, portanto, extremamente difícil de encontrar.

A colecção que reúne todos os números publicados do *DE*, sob a direcção de José Maria Eça de Queirós, é composta por cinquenta e oito números de um jornal bissemanário (saído à quinta-feira e ao domingo), publicado ininterruptamente desde o dia 6 de Janeiro de 1867 até ao dia 28 de Julho do mesmo ano. No entanto, a Biblioteca Nacional e a Biblioteca de Évora incluem nessa colecção mais números correspondentes às edições que, apesar do fim da colaboração do escritor, ainda apresentam textos da sua autoria. Em todos os números saídos até ao dia 25 de Agosto, foram publicados textos da autoria de Eça de Queirós, embora a sua responsabilidade editorial tivesse já cessado e apesar da edição do dia quatro desse mês abrir com uma declaração a negrito, em que o escritor anunciava a cessação de funções directivas e redactoriais e punha fim à sua colaboração:

José Maria d'Eça de Queirós declara que desde o dia 1 de Agosto deixou de ser o redactor e director político do jornal *Distrito de Évora* e, desligado da empresa fundadora, dá como terminada a sua responsabilidade material, moral, política e literária.<sup>66</sup>

Apesar da colecção da Biblioteca Nacional só incluir os jornais até ao número 66, segundo Gil do Monte, o jornal foi publicado até ao número 67 que saiu em 1 de Setembro do ano da sua fundação, tendo surgido apenas mais nove números depois da saída do escritor.<sup>67</sup>

Cada número do jornal é composto por quatro páginas escritas a quatro colunas e integralmente preenchidas pelo texto. Os títulos dos textos são raros, fazendo-

---

<sup>66</sup> *Distrito de Évora*, 4 de Agosto de 1867. Ver anexo 45.

<sup>67</sup> Cf. MONTE, Gil do, *O Jornalismo Eborense (1846-1976)*, pp. 11.

se a divisão dos diferentes artigos através de filetes gráficos. A última página é quase sempre destinada à publicidade, zona em que abundam os títulos escritos em letras de formas e tamanhos variados e até, por vezes, algumas gravuras.

O cabeçalho do jornal é extremamente discreto, contendo apenas o nome da publicação, todo em maiúsculas, por baixo do qual, entre dois traços horizontais, surge, do lado esquerdo, o ano da edição, ao centro, a data que inclui o dia da semana e, à direita, o número da publicação. Não há qualquer referência ao director do jornal, aos redactores, ou à tiragem de cada número. Só no final dos artigos, imediatamente antes da publicidade, surge o nome de F. da Cunha Bravo, responsável pela tipografia que publicava o jornal. A sobriedade da publicação continua nas páginas interiores que apenas são encabeçadas pelo número de cada página e um fino e longo filete.

Na última página, umas vezes antes, outras depois da publicidade, surge um segundo espaço com informações sobre o jornal, nomeadamente acerca da periodicidade, do endereço da redacção, que é também o local de venda das assinaturas e da folha avulsa, e dos preços, quer da venda das assinaturas e de cada número, quer dos anúncios vendidos à linha.

Quanto às dimensões, o jornal apresenta a altura de quarenta e oito centímetros e a largura de trinta e quatro, medidas que se assemelham às de outros jornais da época, nomeadamente o *Diário de Notícias* de Lisboa que surgira dois anos antes, em 1865. Curiosamente, o aspecto físico do *DE*, o cabeçalho, o tipo de letra, o número de colunas e a sucessão dos artigos ao longo da página assemelham-se a esse jornal.

À forma de dispor os textos na página, praticada por muitos outros jornais desta época, chamou-se “chouriço”, desde que, em *A Revolução de Setembro* (1840), assim se designara a “maneira como era costume, então, dispor as notícias ao longo das colunas: umas a seguir às outras, sem títulos nem tipos diferentes, numa massa compacta, apenas [...] separadas por um meio filete (hoje chamado *bigode*).”<sup>68</sup> Segundo Nuno Crato, enquanto o filete é um traço direito, o bigode é um “traço mais curto, por vezes fino nos bordos.”<sup>69</sup> Os filetes divisórios existentes no *DE* são apenas de

---

<sup>68</sup> TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, pp. 215-216.

<sup>69</sup> CRATO, Nuno, *Comunicação Social. A Imprensa*, p. 147

dois tipos, e só o rodapé destinado ao folhetim é dividido do resto do jornal por um filete duplo que se prolonga, por vezes, pelas páginas seguintes.

Mas era praticamente só a nível gráfico que estes dois periódicos apresentavam semelhanças. José Tengarrinha afirma que, com o surgimento do *DN*, “vemos desenvolver-se no nosso país, em 1865, a Imprensa preponderantemente *noticiosa*, que se opõe à Imprensa preponderantemente de *opinião*.”<sup>70</sup> Assim, a nível de estratégia editorial, os dois jornais eram bem diferentes pois ao jornalismo inovador de vertente mais informativa do primeiro opunha-se o tradicional jornalismo de opinião do segundo. O estatuto programático do *DE* fora definido a partir do convite feito a Eça de Queirós para dirigir um jornal da oposição, numa cidade em que a *Folha do Sul* se apresentava como afecta ao regime político vigente. Assim, sempre iniciados com um longo artigo de opinião, os números deste periódico não apresentavam tipologias textuais como a reportagem e a informação noticiosa já comuns em muitos jornais das grandes cidades e muito apreciadas pelo grande público.

Também o preço praticado era bastante díspar pois o *DN* era vendido ao preço de 10 reis, contra o de 40 reis do *DE*. Óscar de Mascarenhas considera inovadora a estratégia comercial levada a cabo pelo primeiro, com a criação da venda por ardinhas e a tiragem elevada.<sup>71</sup> Estes dois aspectos propiciavam a inclusão de publicidade que suportava quase integralmente o custo de edição do jornal e permitia a descida do preço de capa. O *DE* não assentava nesse tipo de estratégia comercial, uma vez que era vendido, à maneira tradicional, por assinatura ou num único posto fixo. Segundo José Tengarrinha, em 1867 publicavam-se mais de setenta e cinco jornais em Portugal, mas, à província, os periódicos de Lisboa e Porto chegavam com grande dificuldade.<sup>72</sup> A demora das comunicações e o elevado custo dos portes de correio impediam uma larga expansão dos jornais da capital e do Porto pelo resto do país. Isso acabou por incrementar a criação de jornais de província e facilitar a sua venda, ainda que com preços mais elevados do que os que já se praticavam nas grandes cidades.

---

<sup>70</sup> TENGARRINHA, José, *op. cit.*, p. 215.

<sup>71</sup> Cf. MASCARENHAS, Óscar, “Um jornal de iniciativa”, in *Diário de Notícias fundado em 1864 – Um jornal ao serviço do leitor*, pp. 6-17.

<sup>72</sup> Cf. TENGARRINHA, José, *op. cit.*, p. 187.

João Gaspar Simões considera que o *DE* não era inovador e que imitava outros jornais da capital, mas não aponta o *Diário de Notícias* como um deles, referindo apenas a *Gazeta de Portugal*, na qual Eça colaborara antes de partir para Évora, e *A Revolução de Setembro*.<sup>73</sup>

O jornal *Gazeta de Portugal*, com sede em Lisboa e que é publicado às terças, quintas, sextas e sábados, tem uma periodicidade diferente da do *DE* e também não é graficamente semelhante pois apresenta um formato maior: cinquenta centímetros e texto a seis colunas. A página destinada à publicidade é também mais exuberante do que a do *DE*, uma vez que ocupa frequentemente mais do que uma página e que inclui títulos com letras garrafais e várias gravuras. Só o local destinado ao folhetim se assemelha ao do periódico eborense, uma vez que lhe é destinado o rodapé da primeira página, como era prática corrente em todos os jornais. Este espaço fixo, habitualmente ocupado pelos textos de ficção que se publicavam com regularidade na maioria dos jornais, permitia o recorte, com vista à leitura diferida e à encadernação e, por isso, como explica Ernesto Rodrigues, a sua localização raramente variava de jornal para jornal:

Forma de fidelização e reconhecimento é maquetar o folhetim de molde a, recortado, poder ser regular e facilmente encadernado: afora o eventual negócio das capas, acumulam-se os episódios de história cuja leitura pode ser diferida ou guardada para o futuro próximo. Justifica-se, por isso, a paginação em rodapé e, se continuado em páginas seguintes, sensivelmente à mesma altura. São raros os casos de texto que não preenche toda a largura da mancha ou vem ao cimo da página; ainda aqui, o recorte não sai prejudicado.<sup>74</sup>

Mas as diferenças fazem-se sentir em outros aspectos para além da mancha gráfica. Ao contrário do jornal alentejano, a *Gazeta de Portugal* exhibe o nome do director político no cabeçalho e apresenta, antes dos restantes artigos, um índice das várias matérias incluídas em cada número, logo seguido por uma síntese informativa em língua francesa a que se atribui o nome de «Bulletin pour l'étranger». Este resumo em língua estrangeira dá também conta de pequenas notícias de acontecimentos sociais

---

<sup>73</sup> Cf. SIMÕES, João Gaspar, *Vida e Obra de Eça de Queirós*, p.142.

<sup>74</sup> RODRIGUES, Ernesto, *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*, p. 247.

e culturais, numa subsecção também escrita em francês, mas que recebe um nome inglês - «High Life».

No *DE*, o espaço inicial é ocupado por um longo artigo, antecedido pela data e local de redacção, e que João Gaspar Simões considera ser um artigo de fundo.<sup>75</sup> Neste texto, ao longo dos cinquenta e oito números que dirige, Eça comenta a governação do país, a impassibilidade e indolência da população, a atitude das forças de autoridade, múltiplas questões económicas e um sem número de temas invariavelmente ligados à sua assumida posição oposicionista que confere um tom censório aos comentários feitos ao poder político. Este artigo de fundo apresenta as características do moderno editorial jornalístico, pelo que Ernesto Rodrigues o considera o seu antecessor, referindo-o a par de outros textos opinativos: “o artigo de fundo propriamente dito, tão entediante e marcadamente político em Oitocentos, antecessor do editorial, com o qual pode ir a par;”<sup>76</sup>

Nos actuais periódicos, o editorial tem uma importância acrescida relativamente ao restante texto jornalístico, na medida em que é o artigo de opinião do director da publicação e só surge esporadicamente, em momentos cuja importância justifique o comentário do responsável máximo. Fernando Cascais define-o mesmo como “Principal texto de opinião num órgão de informação.”<sup>77</sup> No entanto, na sua essência, não apresenta diferenças relativamente aos restantes textos opinativos que surgem no periódico, uma vez que, neste artigo de opinião, a perspectiva noticiosa desaparece para dar lugar a uma visão subjectiva baseada numa interpretação pessoal dos acontecimentos. Nesta medida, o editorial do presente e o artigo de fundo são textos de opinião que Nuno Crato define assim:

Quando dado acontecimento é focado não no ponto de vista informativo, mas pondo em evidência uma perspectiva pessoal, estamos perante um artigo de opinião. O que importa precisamente não é informar mas sim emitir uma apreciação, uma visão dos factos, um comentário explicativo.<sup>78</sup>

---

<sup>75</sup> Cf. SIMÕES, João Gaspar, *op. cit.*, p. 142.

<sup>76</sup> RODRIGUES, Ernesto, *op. cit.*, p. 77.

<sup>77</sup> CASCAIS, Fernando, “Editorial”, in *Dicionário de Jornalismo, As Palavras dos Media*, p. 76.

<sup>78</sup> CRATO, Nuno, *op. cit.*, p. 143.

Por isso, parece poder dizer-se que, enquanto o jornal lisboeta remete para texto inicial, dando-lhe com isso certo destaque, um artigo acerca de acontecimentos a raiar uma certa frivolidade, o jornal alentejano dá destaque à visão pessoal do seu director sobre temas da actualidade política, social e económica do país.

Além disso, uma das diferenças mais significativas é a inexistência, naquele jornal, da secção «Crónica» que no *DE* é quase permanente pois só não aparece em seis dos cinquenta e oito números publicados sob a direcção de Eça de Queirós.<sup>79</sup> Em vez dela, na *Gazeta*, surge a secção chamada «Noticiário», da qual fazem parte subsecções semelhantes às que o periódico alentejano inclui na secção «Crónica», tais como «Proclamas de casamento» e «Obituário».

Esta secção do *DE* foi objecto de estudo de Annabela Rita que assinalou a evolução, a que chamou conformação, dos textos cronísticos ecianos desde o *DE* até a *As Farpas*, quatro anos depois. A homogeneidade que viriam a revelar posteriormente, distingue-se do carácter heterogéneo que estes textos ainda aqui apresentam:

N' *O Distrito de Évora*, a «Chronica» é uma secção do periódico, espécie de miscelânea de textos de diferente natureza, do informativo ao poético e ao anedótico, chegando mesmo a admitir organizar tal heterogeneidade em subsecções especializadas a que chegavam, por vezes, a atribuir subtítulos [...] tratava-se, pois, de um espaço graficamente delimitado e intitulado onde quase tudo podia ocorrer, espécie de *abrége* do jornal dentro dele mesmo.<sup>80</sup>

No jornal eborense, a crónica é constituída por uma multiplicidade de textos, alguns deles apresentando como subtítulos «Obras municipais», «Crimes e delitos», «Obituário», «Gado suíno», «Proclamas de casamento», «Preço dos géneros no mercado» e «Acidentes e sinistros». E se muitos deles eram anedóticos, ou mesmo poéticos<sup>81</sup>, a grande maioria manifesta um carácter informativo que aproxima esta

---

<sup>79</sup> A secção «Crónica» só não surge nos números 21, 22, 23, 24, 25 e 28 do *DE*.

<sup>80</sup> RITA, Annabela, «Crónica», in MATOS, A. Campos, (org. e coord.), Suplemento ao *Dicionário de Eça de Queiroz*, p. 129.

<sup>81</sup> A crónica do número 7, de 27 de Janeiro, inclui um poema de um amigo do autor cujo nome não é revelado, e a do número 8, de 31 de Janeiro, apresenta uma charada. Estes dois textos são considerados da autoria de Eça, surgindo publicados em várias compilações de textos do *DE*.

secção da dos *fait divers*<sup>82</sup> presente em muitos jornais. É Maria de Fátima Outeirinho que assim classifica as crónicas ecianas do *DE*, referindo-se à diversidade e heterogeneidade desses textos neste periódico:

Cultivam grandemente o *fait-divers*, passando em revista e registando pequenas ocorrências nacionais e regionais, assemelhando-se mesmo em alguns casos com a secção do noticiário pelo carácter breve e, por vezes, acrítico na transmissão de informação.<sup>83</sup>

Esta habitual secção dos jornais é descrita por Nuno Crato que ressalta também a ideia de diversidade e de relativa independência em relação ao restante texto do jornal:

Habitualmente incluem-se nesta classificação, e seguindo à letra o que o nome indica, as notícias sobre acontecimentos diversos – acidentes, roubos, catástrofes, casos de polícia, etc. Essas informações são habitualmente recolhidas nos hospitais, polícias, bombeiros, ou procuradas pelos jornalistas nas sessões dos tribunais, nos acontecimentos da vida pública. Segundo esta ideia, os *fait divers* serão os acontecimentos do quotidiano aparentemente não relacionados entre si e com pouca importância relativa no conjunto do noticiário.<sup>84</sup>

O espaço do *DE* que a secção ocupava, sempre depois de todos os restantes textos da publicação e imediatamente antes da publicidade, parece até confirmar esta pouca importância de uma secção essencialmente noticiosa que ainda não apresenta o carácter judicativo e censório da moderna crónica. Na *Gazeta de Portugal*, o «Noticiário», que desempenha a função da «Crónica» do *DE*, apresentando informações com características de *fait divers*, também surge perto do final do texto jornalístico, acrescentando às afinidades de conteúdo as relativas à sua localização no periódico.

---

<sup>82</sup> A expressão francesa “*fait divers*” surge escrita de formas diferentes nas várias obras consultadas, pelo que, neste trabalho, se adoptou a grafia usada por Nuno Crato.

<sup>83</sup> OUTEIRINHO, Maria de Fátima, *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras*, p. 161.

<sup>84</sup> CRATO, Nuno, *Comunicação Social. A Imprensa*, p. 140.

Mas as semelhanças entre os dois periódicos estendem-se a outras secções, existindo em ambos as de «Política estrangeira», «Política interna» e «Revista dos jornais», esta última com uma extensão muito superior no jornal lisboeta. Neste periódico, a revista de imprensa divide-se em jornais nacionais e da província, chegando a apresentar mais de duas dezenas de títulos.

É integrado na subsecção «Províncias» que surge uma referência ao *DE*, relativa a um texto publicado dois dias antes, no dia 13 de Janeiro. No entanto, à semelhança do que acontece com os restantes títulos referidos, são poucas as palavras que se lhe dedicam: “Distrito de Évora (13) Diz que hoje o povo está indolente, indiferente adormecido. // Insere uma correspondência de Lisboa.”<sup>85</sup> Desinserida de contexto e demasiadamente mutilada, esta transcrição de um excerto de um artigo do *DE* não deixa perceber nem o assunto do texto, nem a intenção do escritor, pelo que, esta primeira alusão feita ao novo jornal eborense nos parece redutora e dispensável.

Todas as referências aos outros periódicos, nesta secção da *Gazeta de Portugal*, são igualmente diminutas e acríicas, aspecto em que muito se distinguem da desenvolvida revista de imprensa do *DE*. Se a extensão da secção, no jornal lisboeta, é muito superior e se a quantidade de referências excede largamente a do eborense, pelo contrário o seu conteúdo é muito inferior em termos de desenvolvimento. As transcrições do primeiro parecem ter saído da pena de um redactor que faz a rotineira tarefa de ler os jornais publicados e se limita a redigir os resumos do maior número possível de periódicos. Já a revista de imprensa do *DE*, ainda que relativa a um número muito mais diminuto de títulos, revela um assinalável trabalho crítico do seu autor.

A administração do jornal lisboeta dirige-se com frequência ao público e escolhe para isso o início da primeira página. Em quase todos os números surge um texto a negrito sobre questões que se prendem com as assinaturas ou com outros assuntos de distribuição e paginação, sempre antes do texto jornalístico ou do habitual resumo preambular com que a publicação se inicia. No *DE*, surgem, por vezes, textos desse cariz, mas nunca a abrir a edição. Quando aparecem, são sempre relegados para o interior do jornal, não recebendo a importância de um artigo de abertura, como é exemplo o texto presente no número 34 do jornal alentejano, em que o responsável pelo

---

<sup>85</sup> *Gazeta de Portugal*, 15 de Janeiro de 1867.

periódico se dirige aos seus leitores devido a questões ligadas à distribuição dos números editados e que aparece numa das páginas interiores da publicação:

Vários assinantes e algumas redacções se nos queixam de não terem recebido o *Distrito de Évora*.

E todavia a remessa tem sido feita com uma escrupulosa regularidade. Não tendo havido descuido nosso, há de certo menos vigilância na fiscalização dos correios.

Estas queixas têm sido tão frequentes, que parece que os nossos jornais sofrem um sistema combinado de subtracção.

Nós tomamos muito a peito o gozar esta liberdade, da inviolabilidade de correspondência. O Sr. inspector geral dos correios, com aquele zelo que tanto o glorifica, terá de certeza em atenção esta acusação nossa, e voltará para os nossos jornais a regularidade e a boa ordem, e a justa fiscalização.<sup>86</sup>

O jornal lisboeta apresenta secções semelhantes às do *DE* e apresenta também um aspecto gráfico idêntico, mas em tudo o resto, mesmo na orientação política de base, parecem haver dissemelhanças que contrariam a afirmação de João Gaspar Simões de que Eça teria copiado o modelo da *Gazeta de Portugal* para a criação do seu periódico.

Quanto ao *A Revolução de Setembro*, o segundo jornal lisboeta referido por Gaspar Simões como inspirador directo do periódico eborense, há também alguns aspectos interessantes a confrontar. Existem diferenças entre os dois jornais quanto ao seu aspecto gráfico, uma vez que este tem também uma dimensão maior, trinta e oito centímetros, e é escrito a cinco colunas. Embora a arrumação dos textos siga a “técnica do chouriço”, alguns filetes separadores são muito diferentes dos do *DE*: os filetes formam pequenas caixas, dentro das quais são dispostos os vários artigos, assim divididos de uma forma mais marcada, enquanto as secções são separadas por um filete duplo. Ainda que, à semelhança do *DE*, o nome do director da publicação não surja no cabeçalho, há diferenças quanto à periodicidade, sendo *A Revolução* um jornal diário que só não se publica à segunda-feira.

O primeiro artigo do jornal nunca é o artigo de fundo, iniciando-se vários números por uma secção intitulada «Despachos Telegráficos» e constituída por um

---

<sup>86</sup> *Distrito de Évora*, 5 de Maio de 1867. Ver anexo 35.

conjunto de textos muito breves, de tipo telegráfico, em que são dados a conhecer vários acontecimentos internacionais. O facto deste jornal trazer essa secção para a primeira página e para o seu início confere destaque à informação proveniente do estrangeiro, destaque que parece ser confirmado por uma outra secção, com o título «Correio Estrangeiro», que surge na ausência da anterior e que analisa de forma mais alargada acontecimentos ocorridos em outros países. A temática nacional só surge no interior do periódico numa secção habitualmente bastante curta com o título «Interior».

Com secções que recebem títulos completamente diferentes dos do *DE*, o jornal lisboeta só se assemelha no que diz respeito à existência do folhetim e ao espaço que ele ocupa e ainda à presença da secção «Crónica». Esta última apresenta características idênticas às da homónima secção do jornal eborense, quer pela sua extensão e localização relativa ao restante texto, quer pela sua heterogeneidade correspondente à variedade de temas tratados e tipologias textuais apresentadas.

Há ainda uma outra analogia entre os dois jornais que se prende com uma secção que, no jornal lisboeta, tem o título «Cortes». Esta secção, que dá conta das sessões da assembleia, das intervenções dos deputados e de algumas decisões tomadas, é muito semelhante à do *DE*, intitulada «Câmaras», pois apresenta idênticas organização e temática. Em ambas as publicações, os artigos reproduzem, quase exaustivamente, as sessões parlamentares, igualando quase na íntegra o texto que surge em muitos jornais nacionais da época.

Para além da importância dada à temática internacional, sempre destacada no início da publicação, e apesar do diferente aspecto gráfico, existem mais semelhanças entre o *Distrito de Évora* e este jornal do que entre aquele e a *Gazeta de Portugal*. Assim, parece confirmada a afirmação de Gaspar Simões de que Eça de Queirós terá seguido o modelo de outros jornais já existentes para criar a sua publicação.

Mas Gaspar Simões também se refere aos três jornais existentes em Évora no ano anterior à fundação do *DE*, como tendo sido o “molde” que Eça seguiu para a feitura do seu jornal:

Não seria necessário um grande periódico. Os moldes estavam feitos.  
Seguir-se-ia o modelo local. Em 1866 houvera em Évora nada menos que

três jornais: o «Sul de Portugal», «O Alentejo» e o «Jornal de Évora». Não seria demais, portanto, que em 1867 houvesse dois.<sup>87</sup>

Gil do Monte, que fez uma recolha de todos os jornais da cidade alentejana<sup>88</sup>, apresenta divergências relativamente aos títulos indicados por Gaspar Simões que, curiosamente, não inclui nos três títulos a *Folha do Sul*, jornal fundado em 1863, com que o *DE* manteve acesa polémica, e que só finalizou a sua publicação em Dezembro de 1867. Além desse jornal, aquele autor apresenta ainda outros títulos que também se publicaram nesse ano em Évora, como o semanário *Sileno*, jornal satírico publicado entre Maio de 1866 e Janeiro do ano seguinte, e o *Opinião Nacional*, cuja existência é garantida por Celestino David, mas do qual não se encontraram quaisquer exemplares.

O segundo jornal que Gaspar Simões refere é *O Alentejo*, contudo, o periódico com esse nome é de Estremoz e só foi publicado em 1888. Mas a semelhança com o título do periódico eborense *O Alentejano*, esse sim publicado no ano anterior ao do *DE*, entre Junho e Julho de 1866, faz-nos acreditar que se trata de um lapso de terminologia e que seria a este jornal que o autor se estaria a referir.

A publicação, de Maio a Dezembro de 1866, do periódico *Sul de Portugal*, que Gaspar Simões também destaca, é confirmada por Gil do Monte, o que já não acontece relativamente ao *Jornal de Évora* que só se publicou entre Novembro de 1863 e Março de 1864, tendo deixado de existir dois anos antes da data avançada por aquele estudioso.

Ainda que em 1867 se tivesse publicado, em Lisboa, um periódico com o nome *Opinião Nacional*, o que pode revelar um lapso de Celestino David e reduzir o número de jornais eborenses, depreende-se, mesmo assim, que teriam existido, na cidade alentejana, mais do que três jornais no ano anterior ao da publicação do *DE*, dos quais apenas a *Folha do Sul* perdurou. Parece-nos que Gaspar Simões poderá ter sido induzido em erro pela compilação da Biblioteca Nacional que contém a colecção do *DE*, uma vez que a encadernação deste periódico foi feita juntamente com três outros jornais da mesma cidade alentejana que são precisamente os três títulos que o crítico refere.

---

<sup>87</sup> SIMÕES, João Gaspar, *op. cit.*, p. 141.

<sup>88</sup> Cf. MONTE, Gil do, *O Jornalismo Eborense (1846-1976)*.

Relativamente ao jornal *O Alentejano*, que se publicava em Évora às terças e sextas-feiras, sabe-se que iniciou a sua publicação em 12 de Junho de 1866, mas desconhece-se a data da sua extinção. A colecção da Biblioteca Nacional é composta por dez exemplares, sendo o último de 17 de Julho do mesmo ano, mas a da Biblioteca de Évora, segundo Gil do Monte, é ainda mais pequena, só possuindo três números, o que dificulta a determinação exacta da data do seu fim.<sup>89</sup> O jornal tinha a sua sede e redacção na mesma morada que veio a ser a sede do *Distrito de Évora* e, embora se possa pensar que este é um pormenor de somenos importância, um olhar atento pelas suas páginas revela que a mesma localização espacial pode ter sido determinante para as muitas semelhanças que existem entre os dois periódicos.

O cabeçalho é a principal diferença gráfica entre as duas publicações, possuindo o jornal mais antigo o seu nome escrito a letras estilizadas, antecedido pelo ano de publicação e logo seguido pelo do proprietário. Mas tudo o resto é muito idêntico, a começar pela própria dimensão do jornal que apresenta a altura de cinquenta centímetros (mais dois do que o *DE*) e a largura de trinta e cinco (apenas mais um) e pela organização do texto a quatro colunas. As indicações relativas ao ano e data de publicação e ao número do jornal são exactamente iguais às do *Distrito de Évora*, assim como o são os filetes que separam os vários artigos e o espaço destinado ao folhetim e também o tipo de letra usado, quer no corpo dos textos quer nos títulos.

Mas as maiores e mais interessantes semelhanças estão nos quase iguais títulos de secção, como «Revista dos Jornais do Alentejo» ou «Revista Estrangeira», na forma como se inicia o artigo de fundo de cada número (com o local e a data da sua redacção) e ainda na secção «Noticiário» em tudo semelhante àquela a que Eça designou por «Crónica», no seu *Distrito de Évora*. Curiosa e total é ainda a semelhança dos textos que ocupam o espaço informativo acerca do jornal e que, em ambos os jornais, se encontram na última página:

Administração

Administrador – F. M. Pereira de Macedo

Assina-se, e vende-se, no escritório do jornal, Praça de D. Pedro, 3 A. –  
As assinaturas são pagas adiantadas. – Para Évora: Por ano 4500 reis;

---

<sup>89</sup> *Idem, ibidem*, pp. 9-10.

semestre 2000 reis; trimestre 1000 reis. – Para outro qualquer ponto do reino (com estampilha): Por ano 4480 reis; semestre 2240 reis; trimestre 1120 reis. Número avulso 40 reis; trimestre 1120 reis. – Número avulso 40 reis – Correspondências, por linha 60 reis; anúncios, por linha 40 reis. – N. B. os srs. Assinantes têm direito a um abatimento no preço de cada linha.

#### Redacção

Redactor principal – M. J. de Torres Mangas

*O Alentejano* publica-se às terças e sextas-feiras, não sendo dias santificados. – Toda a correspondência do jornal deve ser dirigida, franca de porte, à Redacção do *Alentejano*, Évora. – Não será recebida toda a correspondência não franqueada. – Todos os artigos enviados à redacção, sejam ou não publicados, não serão devolvidos. – As publicações literárias serão feitas, logo que na redacção se recebam dois exemplares. – Far-se-á o juízo crítico das mesmas, quando os respectivos autores o pedirem.<sup>90</sup>

O periódico de Eça reproduz exactamente o texto criado para *O Alentejano*, introduzindo-lhe umas alterações mínimas, relacionadas com diferentes preços praticados e com um diferente destaque dado ao preço do anúncio e ao do próprio jornal. Estas indicações, no *DE*, surgem destacadas do texto, ocupando o centro da página, mas não impedindo a percepção de que não se trata de um texto original criado para o novo periódico.

#### Administração

Assina-se, e vende-se, no escritório do jornal, Praça de D. Pedro, 3 A.

As assinaturas são pagas adiantadas.

Para Évora:

Por ano 4000 reis; semestre 2000 reis; trimestre 1500 reis.

Para outro qualquer ponto do reino (com estampilha):

Por ano 4480 reis; semestre 2240 reis; trimestre 1120 reis.

Correspondências, por linha 30 reis;

Anúncios, por linha 20 reis

Folha avulso 40 reis

#### Redacção

*Distrito de Évora* publica-se aos domingos e quintas-feiras.

---

<sup>90</sup> *O Alentejano*, 10 de Julho de 1866.

Toda a correspondência do jornal deve ser dirigida, franca de porte, à  
Redacção do *Distrito de Évora*.  
Não será recebida toda a correspondência não franqueada. – Todos os  
artigos enviados à redacção, sejam ou não publicados, não serão  
devolvidos.  
As publicações literárias serão feitas, logo que na redacção se recebam  
dois exemplares.<sup>91</sup>

Parece então que o facto de a tipografia e a redacção do *DE* ocuparem o espaço físico anteriormente ocupado por *O Alentejano* contribuiu para que fossem aproveitados os modelos tipográficos já existentes. Ganham por isso um sentido literal as palavras de Gaspar Simões quando afirmou que este jornal servira de “molde” àquele.

Mas para além das pequenas variações de pormenor, há duas alterações relativamente ao texto do jornal mais antigo que nos parecem significativas porque são reveladoras da nova filosofia que preside à publicação mais recente e que poderá ter tido origem numa decisão do próprio director. A primeira relaciona-se com a omissão dos nomes do administrador e do redactor principal, confirmando a discrição já revelada pela ocultação sistemática do seu nome desde o primeiro número do jornal. A segunda consiste na eliminação da última frase do texto de *O Alentejano*, o que também nos parece revelador de uma intenção do próprio Eça. Na secção «Crítica de Literatura e Arte», iniciada logo no primeiro número, o escritor manifesta a intenção de fazer crítica cultural e artística de forma isenta: “O seu ideal é a justiça, a verdade e a beleza, e só aceitará as obras literárias e as obras de arte que revelem a justiça, a verdade e a beleza. Não procede por admirações infinitas nem por acrimónias viperinas”.<sup>92</sup> Assim, ao suprimir a frase em que o jornal já extinto se comprometia a fazer “o juízo crítico [...] [das obras literárias enviadas para a redacção] quando os respectivos autores o pedirem”, está a assumir uma postura consentânea com os propósitos enunciados no texto daquela secção.

É como “Devorador de periódicos, lendo tudo quanto lhe caía nas mãos”<sup>93</sup>, que Beatriz Berrini apresenta Eça de Queirós, não sendo pois de estranhar que outras

<sup>91</sup> *Distrito de Évora*, 29 de Janeiro de 1867.

<sup>92</sup> QUEIRÓS, Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. II, p. 418.

<sup>93</sup> BERRINI, Beatriz, *Introdução Geral, Obra Completa*, vol. 3, p. 12.

publicações periódicas o tenham influenciado na criação da sua. No entanto, percebe-se a sua marca pessoal e original na definição das secções, na escolha dos temas a abordar, na limitação dos jornais a comentar, na visão muito pessoal do Portugal da sua época e da Évora onde residia. João Gaspar Simões chamou ao periódico eborense o primeiro romance de Eça<sup>94</sup> e, tal como se de um romance se tratasse, o jornal apresenta uma organização interna que parece reflectir o estado de espírito do seu autor. Percebe-se, ao longo dos sete meses de publicação, uma evolução na escrita e uma alteração até do estado anímico e do grau de empenho e motivação do seu escritor que a compilação dos textos agrupados tematicamente não deixa perceber. Ao reunir os textos do *DE* por temas, os estudiosos autores das compilações por nós consultadas escondem uma evolução natural da própria publicação jornalística e impedem que, através do conhecimento desta, se consigam perceber diferentes envolvimento do autor em diferentes momentos da sua produção.

Relativamente à separação temática dos artigos do *DE*, Beatriz Berrini, autora da mais recente compilação dos textos deste periódico, afirma:

Separando os textos pelo assunto abordado, de acordo com as rubricas propostas pelo próprio Eça, acabamos por realizar uma transcrição até certo ponto arbitrária do original, longe da sua realidade primeira, quando os assuntos de cada número publicado distribuía-se por suas quatro páginas. A leitura, em consequência, é por assim dizer irreal, uma vez que no periódico os diferentes assuntos apresentavam-se distintos e variados, embora interligados pela data da publicação.<sup>95</sup>

Revela, assim, esta estudiosa da obra queirosiana, a consciência de que, deste modo, se cria uma situação que, não só não evidencia o contexto da produção textual, como ainda coarcta o completo conhecimento do processo de escrita e do estado de espírito que o presidiu.

Além disso, o facto de muitos textos não terem sido incluídos por Eça em nenhuma secção do periódico obrigou os estudiosos a tomar decisões, por vezes arbitrárias, relativamente à respectiva temática e tipologia textual, para os poder organizar e compilar separadamente. Assim, em algumas compilações, surgem

---

<sup>94</sup> Cf. SIMÕES, João Gaspar, *op. cit.*, p. 156.

<sup>95</sup> BERRINI, Beatriz, *op. cit.*, p. 111.

imprecisões que não correspondem ao que foi publicado no jornal eborense, considerando-se, por exemplo, como crónicas textos que Eça não considerou e apresentando-se artigos que ele incluiu na secção «Crónica» como textos não pertencentes a essa secção.<sup>96</sup> Interessante seria, portanto, uma compilação destes textos organizada por número de publicação pois, assim, permitiria perceber a estrutura interna de cada edição, afinal toda ela produto da actividade criativa de um único autor, a que João Medina chamou “jornalismo de one man show”.<sup>97</sup>

No primeiro número do *Distrito de Évora*, o texto de abertura que apresenta as intenções editoriais da direcção parece ser um texto de Eça. No entanto, não surge em nenhuma das compilações dos textos ecianos por nós consultadas:

A empresa deste jornal remete o seu primeiro número a todas as pessoas, a quem julgou não ser indiferente um jornal, que indicasse as necessidades do Alentejo, pugnassem pelo seu direito e acusasse energicamente os abusos que ele sofria: oferece assim o programa das suas ideias a todos os que quiserem unir-se a elas, pela justiça e pela razão. // Aqueles a quem o jornal for indiferente reenviá-lo-ão à sua administração.<sup>98</sup>

Não se trata de um artigo de fundo, como virá a acontecer na quase totalidade dos restantes números editados, uma vez que é curto e não apresenta as respectivas características de comentário crítico, mas parece-nos um texto importante pois antecede e completa o texto-programa em que se explanam os objectivos do projecto jornalístico que se inicia. Este texto define, de certa forma, o público-alvo do jornal pois dirige-se aos que, partilhando das mesmas ideias, se quisessem juntar a uma luta cujo início agora se anuncia. Helena Cidade Moura considera que foi “no *Distrito de Évora* que Eça teve pela primeira vez a noção da prosa empenhada, feita para um público concreto, visível.”<sup>99</sup> e este texto parece confirmá-lo, na medida em que é uma interpelação a esse mesmo público e uma assunção de um compromisso perante ele.

---

<sup>96</sup> Ver desenvolvimento no capítulo III.

<sup>97</sup> MEDINA, João, “*As Farpas* ou ‘o riso que peleja’: *As Farpas Queirozianas (1871-1872)*”, in *Reler Eça de Queiroz – Das Farpas aos Maias*, p. 65.

<sup>98</sup> *Distrito de Évora*, 6 de Janeiro de 1867. Ver anexo 1.

<sup>99</sup> MOURA, Helena Cidade, “O caminho a partir da Estrada de Sintra”, in AA. VV., *Vária Escrita, nº4*, Actas do Colóquio Internacional de Sintra (22 a 25 de Nov. de 1995), p. 162.

Outro aspecto que torna este texto importante é o facto de também definir um conjunto de linhas condutoras da acção do periódico, como são o apontar das necessidades da região e a denúncia dos atropelos aos seus direitos. Estas linhas condutoras, desenvolvidas no texto que se lhes segue, apresentam-se, já neste pequeno texto, ao público a que se dirigem.

Mas é só no texto que se lhe segue que os verdadeiros objectivos do jornal são traçados. Jacinto Batista afirma que este segundo texto do jornal é um “parágrafo que, embora de contorno retórico, enuncia um nobre programa de jornalismo de intervenção que escritores públicos mais exercitados não desdenhariam subscrever.”<sup>100</sup> No entanto, este importante período só é recolhido nas compilações mais recentes, sendo completamente ignorado por todos os estudiosos que fizeram a recolha dos textos do *DE* depois de Alberto Machado da Rosa<sup>101</sup>:

Enquanto pela triste força dos factos, pela influência da tradição, pela obediência inerte dos espíritos, pelo adormecimento das consciências, pelo amedrontamento das almas, pelas predominâncias estéreis, pela força dos interesses pequenos, pelo afrouxamento dos sentimentos livres, pelo abaixamento moral, pela fraqueza, pela indolência, por tudo isto, os interesses deste território forem desprezados, os desenvolvimentos impedidos, as livres consciências esmagadas, a acção abafada, as administrações descuradas, todos os elementos fecundos sufocados, um jornal que procure representar o Direito, a Justiça, a Razão, o Princípio, a Consciência moral, não será por certo inútil.<sup>102</sup>

Aqui, o escritor mostra-se grandiloquente no apontar dos valores que o jornal pretende defender e na enumeração dos obstáculos que até aí se tinham interposto à sua consagração. Este jornal é, assim, apresentado como o garante de uma voz denunciadora das violações dos direitos da população eborense.

Neste primeiro número dá-se também início a várias secções que se vão mantendo mais ou menos estáveis ao longo dos meses em que o jornal se publica. A «Revista crítica dos jornais» é aqui apresentada, revelando-se, no texto que a introduz, a intenção de a repetir em todos os números. No entanto, isso não se vem a verificar,

---

<sup>100</sup> BAPTISTA, Jacinto, “Eça Jornalista”, in A. Campos Matos (org.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, p. 210.

<sup>101</sup> ROSA, Alberto Machado da, *Prosas Esquecidas II (crítica 1867)*, p. 15.

<sup>102</sup> *Distrito de Évora*, 6 de Janeiro de 1867.

uma vez que ela já não surge no número seguinte e só volta a aparecer no número 19, agora com o nome ligeiramente alterado: «Revista Crítica dos Jornais do Alentejo».

Nesse texto introdutório à secção da revista de imprensa, Eça apresenta a doutrina acerca da missão jornalística, continuando as ideias dos dois textos iniciais que o antecedem. O artigo não faz realmente a análise de imprensa pois não refere nem um título jornalístico; apresenta sim as intenções do seu autor relativamente a futuros textos desta secção: “O jornalismo, na sua justa e verdadeira atitude, seria a intervenção permanente do país na sua própria vida política, moral, religiosa, literária e industrial.”<sup>103</sup>

Nele definem-se funções do jornal e estabelecem-se os objectivos e deveres de um periódico que deve informar, interpretar e também intervir política, moral, religiosa, literária e culturalmente no sentido de criar nos “que lêem, uma consciência justa do estado dos espíritos e da opinião neste canto da terra.”<sup>104</sup> A este propósito faz Aníbal Pinto de Castro um interessante comentário que remete para a actualidade da visão do escritor relativamente à função do jornalismo, considerando que, neste texto, Eça apresenta uma “definição perfeita e completa de jornalismo, segundo a qual o indivíduo hoje pomposamente chamado «profissional da informação» se vê investido de uma elevada missão formativa e pedagógica”.<sup>105</sup> Destaca ainda este autor os valores que Eça defende no seu texto, como são a “consciente objectividade, isenção, tenacidade, coerência e clareza [...] Conceitos que os jornalistas dos nossos dias muito ganhariam em considerar com atenção!”<sup>106</sup>

Percebe-se, no primeiro número, uma força, uma motivação que leva o escritor a produzir verdadeiros tratados teóricos sobre a missão do jornalista e sobre as características dos textos que ele deve escrever. A secção «Crónica» também apresenta mais um artigo teórico em que o autor define o seu conceito de texto cronístico:

A crónica é como que a conversa íntima, indolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas, sem sistema nem nexos, espalha-se

---

<sup>103</sup> QUEIRÓS, Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. II, p. 299.

<sup>104</sup> *Idem, ibidem*, p. 304.

<sup>105</sup> CASTRO, Aníbal Pinto de, “Nota introdutória”, in QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I, p. XXVI.

<sup>106</sup> *Idem, ibidem*, p. XXVI.

livremente, pela Natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, das modas, dos enfeites, fala em tudo baixinho, como quando se faz um serão ao braseiro, ou como no Verão, no campo, quando o ar está triste.<sup>107</sup>

Esta famosa crónica, talvez o texto mais conhecido do *DE*, foi analisada por vários autores que estudaram esta tipologia textual, constituindo uma excelente base teórica a partir da qual se podem estudar, e se estudaram, muitas das “conversas íntimas” que o escritor manteve com os seus leitores ao longo da sua extensa produção cronística posterior.<sup>108</sup>

Anuncia-se também, neste número inicial, a intenção de criar uma secção destinada aos protestos, anseios e denúncias dos habitantes da região. Com o nome «Interesse provincial», esta secção apela à colaboração dos leitores que poderão, se o desejarem, fazer dela um veículo de divulgação das suas exigências e reclamações.<sup>109</sup>

A própria secção «Crítica de Literatura e Arte» apresenta um texto teórico sobre a importância da crítica. Mais uma vez, num texto deste primeiro número, o que se apresenta é uma fundamentação teórica do texto jornalístico de apreciação crítica, uma justificação das vantagens da sua inclusão num periódico. A crítica cultural é, assim, apresentada como necessária para a prossecução de um objectivo maior de qualquer órgão de imprensa: a elevação cultural e espiritual do seu público. E é por isso que, neste texto, se garante uma crítica justa e elevada que seleccione a literatura de verdadeiro valor pois é essa que, “como educação social, pode consagrar um justo movimento popular, pode envenenar as fontes do espírito público, pode elevar, robustecer e fortificar os espíritos abatidos e desalentados.”<sup>110</sup>

São poucos os textos deste primeiro número que não apresentam este carácter teorizante revelador de uma enorme motivação por parte do escritor oitocentista e de uma quase ingénua ilusão de que iria conseguir concretizar, na prática, essas teorias. Celestino David refere-se-lhes como um projecto infrutuoso que deveu o seu fracasso,

---

<sup>107</sup> QUEIRÓS, Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. II, p. 7.

<sup>108</sup> Os extensos estudos efectuados por Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves, Maria de Fátima Outeirinho e Annabela Rita acerca desta tipologia textual eciana em geral, e desta crónica em particular, dispensam-nos do seu estudo mais aprofundado neste nosso trabalho.

<sup>109</sup> Ver anexo 2.

<sup>110</sup> QUEIRÓS, Eça de, *op. cit.*, p. 418.

não à intervenção frustrada do seu teorizador, mas ao tempo e espaço em que teve lugar:

No que se disse no primeiro número do *Distrito* está um mundo de boas intenções, de ideias novas e espírito superior: uma lufada de ar novo sobre a vida nacional. Mas não era tempo de tais sementes darem fruto e o que se vai seguir não é uma simples exposição de princípios, mas um combate cheio de paixões: essas paixões que na província mais se exacerbam talvez porque há menos onde o pensamento se distraia e aplique.<sup>111</sup>

Elza Miné, no entanto, considera que as teorias que estes textos veiculam serviram de base à posterior produção jornalística de Eça de Queirós que, na colaboração que manteve ao longo da sua vida como correspondente estrangeiro, nunca perdeu de vista estes objectivos por que um órgão de imprensa se deveria pautar:

Especialmente no número de 6 de Janeiro de 1867, a presença de um conjunto de afirmações teóricas permite-nos detectar os germes do que se poderia chamar a sua «teoria do jornalismo». Tais definições, projecto de uma prática ainda incipiente, pode contudo constituir-se em ponto de referência para o estudo dos trabalhos que posteriormente enviou de Newcastle e Bristol como correspondente de imprensa.<sup>112</sup>

Mas a estudiosa também afirma que tais fundamentos teóricos revelam preocupações político-sociais que são bem características de um homem, ainda que muito jovem, perfeitamente integrado no seu tempo e nos valores regeneradores de uma nação que poderia ter nos jornais um importante auxiliar de elevação cultural e intelectual:

Ao definir funções e potencialidades do jornal, Eça de Queirós focalizou naquela folha alentejana os objectivos e deveres primordiais de um órgão de imprensa, apresentou características da actividade jornalística e traçou as linhas mestras que deveriam pautar o comportamento de um profissional do periodismo, num conjunto de afirmações que tecem, marcadas por certa feição retórica, uma verdadeira proclamação

---

<sup>111</sup> DAVID, Celestino, *Eça de Queirós em Évora*, p. 96-97.

<sup>112</sup> MINÉ, Elza, *Eça de Queirós Jornalista*, p.15.

apologética (do jornalismo) e a que subjaz uma convicção plena que é do seu tempo e de sua geração, no poder mobilizador da palavra.<sup>113</sup>

Mário Sacramento destaca a intenção reformadora dos textos do *DE* que revelavam um autor de convicções fortes e cheio de intenção de as pôr em prática. Segundo aquele autor, não só os teorizantes textos iniciais, mas também os que se lhe seguiram, ao longo dos sete meses de produção jornalística, revelavam uma força de vontade e uma motivação que parecem ter desaparecido daqueles que Eça produziu posteriormente, já mais velho e concomitantemente mais materialista, para os jornais com que colaborou:

E por todo o *Distrito de Évora* perpassa um tom sério de reforma. Os seus artigos políticos têm já o recorte das correspondências que, mais tarde, fora de Portugal, enviará a diversos jornais. Mas têm um carácter que a estes faltará: convicção. As correspondências que posteriormente escreverá são, antes de tudo, um recurso económico, um exercício de estilo e um meio de contacto com o público. Eça dedica-se-lhes o menos que é possível à sua honestidade intelectual.<sup>114</sup>

No entanto, ainda que veiculando as fortes convicções do seu director, com o passar do tempo, o jornal começa a ser revelador de um certo tédio e aborrecimento. A fase inicial de grande euforia parece dar lugar a uma outra de menos criatividade, em que o director e redactor principal recorre à transcrição de textos de outros jornais, à repetição exaustiva e enfadonha de quadros de preços e à publicação de textos enviados pelos correspondentes.

Muitas secções iniciadas nos primeiros números do jornal são abandonadas, reaparecendo apenas esporadicamente em algumas edições. É o caso da secção «Crítica de Literatura e Arte» que reaparece no segundo número e depois só no décimo segundo, ou a secção «Ciências Económicas» que surge nos números 3, 5 e 6 para só voltar a aparecer no número 17. A secção «Correspondência do Reino», que surgiu ininterruptamente nos dezanove primeiros números do jornal, incluindo, muitas vezes,

---

<sup>113</sup> *Idem, ibidem*, p. 15.

<sup>114</sup> SACRAMENTO, Mário, “Conquista da Ironia”, in *Eça de Queirós, Uma Estética da Ironia*, pp. 63-64.

mais do que um texto ficticiamente enviado por um colaborador de Lisboa, mas produto da criatividade de Eça, é interrompida no número 20 e só reaparece nos números 43 e 53.

Consciente da irregularidade do periódico que dirigia, que contrariava as suas intenções iniciais, bem patentes nos textos de abertura, de manter regularmente certas secções, Eça inclui, no número 22, a seguinte declaração:

Estes números que têm passado, como alguns que se seguirão têm apresentado uma certa irregularidade de matérias, falta de alguma secção, prolongamento desacostumado de outras etc.

Pedimos desculpa aos que nos lêem. Nestes momentos de crise política e jornalística, é tal a abundância de matéria, a acumulação de publicações urgentes, que não sobra espaço para as secções costumadas e de menos interesse.

Pedimos pelo mesmo motivo, desculpa a todos aqueles senhores que nos honram com as suas correspondências, da demora de publicação de algumas, pois de tal sorte têm afluído, que as condições do jornal, as não comportam, regular, ou simultaneamente.<sup>115</sup>

Curiosamente, este texto não surge em nenhuma das compilações de textos do *DE*, como se não se tratasse de um texto do seu director. No entanto, as preocupações nele expressas parecem-nos espelhar o desconforto de alguém que manifestara, nos textos com que iniciara as secções, uma intenção distinta daquela pela qual agora se desculpa. Além disso, parece-nos que, ao atribuir a responsabilidade da falta de organização do periódico à abundância de matéria informativa e ao classificar como assuntos de “menos interesse” aqueles a que, no início da publicação, parecia determinado a dar destaque, o seu director está também como que a justificar uma certa frustração que parecia começar a sentir e que se virá a revelar mais claramente nos números que se seguem.

Uma organização dos textos por número de publicação, e não por temática abordada, permite verificar que a produção eciana de artigos variados para o periódico foi oscilante, na medida em que, a partir do número 20 parece ter havido um decréscimo da quantidade de textos redigidos pelo director. A título de exemplo podemos referir os números 22 a 30 que incluem poucos artigos e onde se constata uma

---

<sup>115</sup> *Distrito de Évora*, 24 de Março de 1867. Ver anexo 25.

inusitada não inclusão da habitual secção «Crónica» a que o escritor costumava dedicar extensas linhas.

Em substituição e a ocupar grande parte do espaço destinado ao texto jornalístico e de opinião encontra-se o relato das sessões das Cortes que ganha grande relevância no periódico e que surge em trinta e cinco dos cinquenta e oito números publicados. A secção «Câmaras», que dá conta das sessões parlamentares e das intervenções dos deputados, surgindo sempre dividida em duas partes com os subtítulos «Pares» e «Deputados», é publicada pela primeira vez no número 14 e é antecedida pelo seguinte texto introdutório:

De hoje em diante daremos sucintamente o espírito das sessões parlamentares, sob a sua forma oficial, para dar assim aos que nos lêem uma ideia constante dos debates, dos projectos apresentados, das discussões encetadas, das organizações determinadas, de todos os actos do governo e dos combates da tribuna.<sup>116</sup>

O que começa, a partir do décimo quarto número, por ser uma secção que surge quase em dias alternados e ocupa apenas uma coluna, torna-se numa presença ininterrupta e quase dominante a partir do número 26 e até ao 51, edição correspondente à data em que se realiza a última sessão do parlamento.<sup>117</sup> Tal como preconizava o texto introdutório que inicia esta secção, tratam-se de textos pouco criativos que procuravam reproduzir, de forma sintética, os acontecimentos parlamentares e que quase não exigiam a apreciação crítica do seu autor.

Percorrendo outros periódicos da época, encontramos secções análogas a esta em jornais como *A Revolução de Setembro* e *Gazeta de Portugal*. Na sua secção «Cortes», estes periódicos apresentam textos de dimensões e pormenores muito semelhantes aos que surgem no *DE* e que, por se publicarem no dia imediatamente a seguir à sessão parlamentar, poderiam ter servido de fonte à redacção da secção do jornal alentejano, de publicação mais tardia. Mas os textos do *Distrito de Évora* não são uma mera transcrição das sessões; eles apresentam uma súmula do que o seu autor considerou mais interessante e manifestam muitas marcas da sua subjectividade. Um

---

<sup>116</sup> *Distrito de Évora*, 24 de Fevereiro de 1867.

<sup>117</sup> Os números do *DE* em que surge esta secção são os seguintes: 14, 15, 16, 17, 19, 20, 22 e 24 a 51.

exemplo poderá ser o da sessão de vinte sete de Fevereiro cuja discussão dos assuntos da ordem do dia é detalhadamente relatada pelos jornais de Lisboa. No *DE*, esses relatos são substituídos por um curto e lacónico comentário do redactor: “Nada de interessante na ordem do dia.”<sup>118</sup>

Mas, apesar dessas esporádicas marcas de subjectividade do autor, a maior parte dos textos é constituída por relatos das sessões ou transcrições dos discursos proferidos, exactamente iguais aos que os outros jornais também publicam.

É certo que a secção «Crónica» não deixou de ocupar o redactor e que a «Revista Crítica dos Jornais do Alentejo», reiniciada no número 19, depois da interrupção logo no segundo número, o envolvia em acesas polémicas com o jornal afecto ao governo *Folha do Sul*, mas os textos sobre Economia, sobre Ciências Sociais e até de crítica literária desapareceram completamente. É também certo que não desapareceu o longo artigo de fundo que abria sempre a publicação, mas durante sete números seguidos foi substituído por um quadro de preços quase sempre igual.

Esse quadro, sobre os aumentos dos preços provocados por uma nova tributação, surgiu pela primeira vez no número vinte e nove e foi repetido em todas as edições até ao número trinta e cinco. À excepção da primeira vez em que surgiu, o quadro foi sempre texto de abertura da edição, substituindo o habitual artigo de fundo.<sup>119</sup> Embora reveladora da militância do seu autor e da sua incessante luta contra as elevadas tributações que encareciam os bens e agravavam as condições de vida dos mais desfavorecidos, a repetição do quadro não deixa de também revelar algum cansaço e abrandamento da motivação criadora com que Eça iniciara a sua actividade ao serviço do *DE*.

Até a secção «Leituras Modernas», destinada a ocupar o espaço do folhetim, no rodapé da primeira página, teve uma existência irregular. Começou, no primeiro número, como mais um espaço do periódico destinado à literatura, mas veio a incluir diversas tipologias textuais como a crítica literária, traduções de obras de consagrados artistas da época, poemas de autores portugueses, e até o início de um conto que Eça não chegou a terminar e que recebeu como título “O Réu Tadeu”.

---

<sup>118</sup> *Distrito de Évora*, 3 de Março de 1867.

<sup>119</sup> Ver anexos 47 e 48.

Também de uma forma irregular, esta secção passou a ser espaço para a correspondência da autoria do Correspondente Literário. A partir do número 12, estes textos deixam de fazer parte da secção «Correspondência do Reino», passando a surgir na secção que ocupa o espaço destinado ao folhetim. No número 14, o director apresenta uma explicação para esta mudança na localização das cartas, justificando-a com a falta de espaço no corpo do jornal: “De ora em diante daremos as cartas do nosso correspondente literário nesta secção, para deixar no corpo restante do jornal, mais espaço para as matérias políticas, e de mais moderno interesse.”<sup>120</sup> No entanto, é possível que a verdadeira razão desta mudança se prendesse com as crescentes dificuldades que se lhe deparavam para continuar a produzir criativamente textos novos, a cada três dias, de forma a preencher todo o espaço do periódico e a conseguir cumprir os sempre rigorosos prazos de tipografia.

A secção «Leituras Modernas» ainda surgiu com regularidade até ao vigésimo número do jornal, mas depois disso esteve ausente durante um longo período de mais de vinte números.<sup>121</sup> Curiosamente foi nesta secção que textos escritos por Eça continuaram a ser publicados após o fim da sua responsabilidade editorial e a sua saída de Évora.

Embora o jornal tenha sido publicado sempre nos dias da semana estipulados, o que revela uma pontualidade e uma capacidade de trabalho invulgares por parte do seu director e principal redactor, a partir do número 20, as suas páginas começam a ser preenchidas com longas transcrições de comunicados, de discursos e de sessões parlamentares que tornam enfadonha a sua leitura pois já anunciam, de certa forma, o desencantamento do seu director e a frustração das expectativas que o tinham levado, meses antes, a encetar o projecto.

---

<sup>120</sup> QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I, p. 576.

<sup>121</sup> Esta secção surgiu nos seguintes números do *DE*: 1, 2, 3, 4, 6, 9, 11 a 19, 23, 49, 50, 53, 55, 56. Fez também parte dos números 60 a 66, mas já sob a nova direcção do periódico.

### III – SETE TEXTOS SEM AUTOR

Muitas são as colecções que reúnem as obras completas de Eça de Queirós. Editadas em Portugal ou no estrangeiro, escritas em Português ou traduzidas para outras línguas, as obras do escritor surgem publicadas nos mais variados formatos, tamanhos e tipos de papel. No entanto, poucas edições são de facto completas, uma vez que poucas são as que incluem os textos do *Distrito de Évora* nas suas páginas.

Abandonados pelo autor que se lhes não referiu nunca mais após a sua saída de Évora, rejeitados pelos seus familiares que tiveram de ser persuadidos a publicá-los e ignorados pelos seus críticos e admiradores que os mantiveram quase esquecidos, os textos do *DE* constituem um objecto de estudo que há muito merecia alguma atenção.

Talvez devido a essa falta de atenção a que têm estado votados, alguns destes textos surgem de forma muito incompleta e imprecisa nas poucas colecções da obra queirosiana que os encerram. Há textos que são incluídos numa colecção e noutras não e há outros que são deturpados, quer através da omissão de algumas partes, quer através da alteração de títulos e da eliminação das divisões e subsecções que os compõem.

Muitas das colecções das Obras Completas de Eça de Queirós não incluem qualquer texto do jornal eborense. A edição em três volumes da Lello & Irmão, de 1966, impressa em papel de Bíblia, não contém qualquer texto do *DE*, e a Edição do Centenário, também da mesma editora, apesar dos seus quinze volumes, não destina nenhum a esses textos. O mesmo acontece com uma edição em trinta e dois volumes do Ediclube, com data desconhecida.

Os textos que Eça escreveu para o periódico que dirigiu mantiveram-se praticamente desconhecidos até 1943, ano em que Lopes de Oliveira os enviou a Câmara Reys, co-fundador e um dos responsáveis pela revista *Seara Nova*, acompanhados por uma carta a sugerir a sua publicação. O rigor da recolha e os critérios que presidiram à edição dos textos ficam bem patentes nas palavras deste estudioso que afirma ter recolhido “o que me pareceu melhor”<sup>122</sup> e que sugere como

---

<sup>122</sup> OLIVEIRA, Lopes de, *Eça de Queirós*, p. 372.

critério de publicação, “Escolha, e publique o que quiser.”<sup>123</sup> Essa falta de rigor dos critérios usados deixa antever que se trata de uma compilação fragmentada, composta por apenas alguns dos textos do jornal alentejano que foram saindo na revista, entre Dezembro de 1943 e Setembro de 1944, e que, segundo Machado da Rosa, foram também reunidos num pequeno livro de reduzida tiragem,<sup>124</sup> a que não tivemos acesso. No entanto, teve o mérito de ter sido a primeira colecção dos textos do *DE* e de ter posto fim a anos de desconhecimento por parte do público e até de indiferença por parte dos herdeiros do escritor oitocentista.<sup>125</sup>

Só vinte e dois anos depois, em 1965, voltariam a ser reeditados, agora a partir de uma recolha de Alberto Machado da Rosa, que os reuniu sob o nome de *Prosas Esquecidas*, numa edição da Editorial Presença. E mais vinte anos se passariam até que novas edições surgissem, o que veio a acontecer, no início dos anos oitenta, quando três grandes editoras decidiram, quase ao mesmo tempo, publicar os textos do *DE*. A primeira a fazê-lo foi a Editora Livros do Brasil que publicou três volumes, respectivamente, em Abril, Junho e Setembro de 1980, adoptando a lição de Lopes de Oliveira e de Machado da Rosa.<sup>126</sup> Mas é logo seguida pelo Círculo de Leitores que edita os seus dois volumes em Setembro do mesmo ano e em Janeiro do ano seguinte, não indicando a autoria da recolha.<sup>127</sup> No entanto, através do cotejo com as outras edições, parece-nos poder concluir que foi seguida a lição de Machado da Rosa.

Aproveitando este súbito interesse por estes textos, a Lello & Irmão, também em 1981, publica a recolha efectuada por Aníbal Pinto de Castro, numa edição em dois

<sup>123</sup> *Idem, ibidem*, p. 372.

<sup>124</sup> Cf. ROSA, Alberto Machado da, “Prefácio”, in *Eça de Queiroz, Prosas Esquecidas II (crítica 1867)*, p. 13.

<sup>125</sup> Cf. OLIVEIRA, Lopes de, *Eça de Queirós*, p. 372. O autor refere a relutância dos herdeiros de Eça em aceitar as “Cartas de Londres” e reproduz a carta enviada a Câmara Reys, em Novembro de 1943, em que lhe pede que entregue aos herdeiros as «Cartas de Lisboa»: “E se déssemos também à família as «Cartas de Lisboa»? Ameaça-as de perto a morte: existirá talvez uma única colecção do *Distrito de Évora*, e ainda agora a ser muito maltratada... Os filhos e netos de Eça não poderão, neste duro Inverno, acolher as pobrezinhas, que são também do seu sangue, filhas do seu espírito, da sua alma? [...] Não serão tão perfeitas como as «Cartas de Londres» [...] São de Janeiro a Julho de 1867 – dos 21 anos de Eça!”

<sup>126</sup> Cf. QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Da Colaboração no «Distrito de Évora» - I (1867)*.

<sup>127</sup> Reveladora da falta de rigor desta publicação é a resposta da editora ao nosso pedido de informação acerca da autoria da recolha e da responsabilidade da edição. Através de correio electrónico, a actual responsável editorial respondeu: “Esta colecção foi da responsabilidade de um antigo colega nosso que já cá não trabalha e do qual não possuímos o contacto.”

volumes. Mas só em 1986, complementa a colecção das obras completas em papel de Bíblia, acrescentando-lhe um quarto volume que finalmente incluía os textos do periódico eborense.

Já mais recentemente, em 2000, a editora Brasileira Nova Aguilar reuniu, num dos seus onerosos quatro volumes em papel de Bíblia, a recolha destes textos feita por Beatriz Berrini e, em 2007, o Projecto Vercial, ligado à Universidade do Minho, editou um DVD que também inclui textos do periódico eborense. Esta recentíssima edição não é acompanhada de qualquer nota explicativa acerca da recolha dos textos e a editora responsável, só quando contactada, forneceu, por correio electrónico, a indicação de que seguira a recolha de Machado da Rosa efectuada mais de quarenta anos antes.

São, portanto, seis as edições dos textos do jornal eborense que se assumem como colecções completas. No entanto, um confronto com a colecção dos números do jornal existente na Biblioteca Nacional mostra uma grande discrepância, não só entre as várias edições, como entre elas e o original que deveriam reproduzir fielmente.

A edição da Livros do Brasil deixa de fora mais de metade dos textos que Eça de Queirós publicou no jornal sob o título «Crónica», coarctando partes importantes dos artigos e deixando uma ideia imprecisa do seu conteúdo. Esta habitual secção do periódico era constituída por vários textos informativos, acerca dos mais variados assuntos, que se iam sucedendo ao longo das colunas, separados por um curto e singelo filete e, por vezes, iniciados por um subtítulo a negrito. A crónica do número 6, de 24 de Janeiro, é constituída por treze pequenos textos, cada um deles versando uma temática diferente. No entanto, a edição da Livros do Brasil apresenta apenas dois deles e omite os restantes onze. Outro exemplo é o que sucede em relação ao número 37, de 16 de Maio, em que, como habitualmente, aquela secção é constituída por quatro textos. A editora não publica nenhum deles, veiculando a ideia errada de que, neste número, Eça decidiu não redigir a habitual crónica. Mais significativo da falta de rigor desta edição é ainda o que acontece com a crónica do número 52, de 7 de Julho, constituída por seis pequenos textos. Esta editora separa o primeiro e publica-o como um texto independente, pertencente à secção «Política Estrangeira», mantém os três seguintes como fazendo parte da secção «Crónica» (o que, neste caso, está conforme o

original) e ignora os dois últimos, como se não tivessem sido escritos pelo autor e não estivessem junto dos restantes, nas páginas deste jornal.

A editora Lello & Irmão é a que apresenta menos discrepâncias relativamente ao original. Embora não publique todos os textos constitutivos da «Crónica», deixando de fora alguns que considera de menor importância como o “Obituário”, as “Proclamas de Casamento”, ou “Crimes e Delitos”, apresenta a maior parte dos restantes artigos da secção e pela ordem que surgem no jornal eborense. O quarto volume em papel de Bíblia é ainda mais completo pois já inclui todos os textos da secção «Leituras Modernas» que intencionalmente foram deixados de fora na antecedente edição em dois volumes.<sup>128</sup>

A edição prefaciada por Machado da Rosa, da Editorial Presença, é menos completa do que esta última, mas está muito mais próxima do original eborense do que a edição da Livros do Brasil. Tem inclusivamente o mérito de publicar um texto do primeiro número do *DE* que quase nenhuma outra editora contempla.<sup>129</sup> Esse parágrafo, a que fizemos referência no capítulo anterior<sup>130</sup> e em que é feita a apresentação do periódico e dos objectivos a que se propõe, não é considerado por mais nenhuma das edições consultadas como sendo um texto da autoria de Eça de Queirós, embora seja referido por Jacinto Batista como sendo um texto eciano.<sup>131</sup>

O facto de a edição da Círculo de Leitores incluir também este texto quase inédito, mas também o facto de seguir muito de perto a recolha da Editorial Presença, fizeram-nos considerar que terá seguido a lição de Machado da Rosa.

Já a onerosa edição da Nova Aguilar, publicada em 2000 e organizada por Beatriz Berrini, não só não inclui o quase “inédito” texto, como também comete a imprecisão de atribuir títulos aos textos recolhidos que não correspondem ao que surge impresso no jornal alentejano. Por exemplo, o texto da «Correspondência do Reino» do

---

<sup>128</sup> Cf. CASTRO, Aníbal Pinto de, “Nota introdutória”, in QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I, p. XXXV. Neste texto, Pinto de Castro afirma: “Um único texto do *Distrito de Évora* falta nestes volumes – O Réu Tadeu, conto começado a publicar nos nºs 55 e 56 e que o Autor deixou incompleto, ao abandonar a redacção do jornal em princípios de Agosto. Como texto de ficção narrativa que é, terá o seu lugar em outro volume dos que estamos a organizar com outros do mesmo género.”

<sup>129</sup> Ver ROSA, Alberto Machado da, *Prosas Esquecidas II (crítica 1867)*, p. 15.

<sup>130</sup> Ver supra, p. 38.

<sup>131</sup> Cf. BAPTISTA, Jacinto, “Eça Jornalista”, in A. Campos Matos (org.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, p. 210.

primeiro número, ao contrário do que esta edição apresenta, não é, no jornal, antecedido pelo título “Do nosso correspondente político”, epígrafe que só começa a surgir no segundo número. Esta publicação também omite muitos textos que, no jornal, surgem na secção «Leituras Modernas» e, além disso, repete erros das edições que a antecederam, como é exemplo a inexactidão cometida por todas as editoras de considerar como pertencente à secção «Crónica» um texto do número 15 do *DE* que o escritor oitocentista não incluiu nessa secção.

A edição do Projecto Vercial comete as mesmas imprecisões das anteriores recolhas baseadas na de Machado da Rosa e, apesar de ter sido editada mais de quarenta anos depois da edição da Editorial Presença, não lhe acrescenta nada de novo, nem a completa com textos que vieram, mais tarde, a ser recolhidos por outros estudiosos da obra queirosiana.

São todas estas inexactidões, bem como o facto de não haver ainda nenhuma edição crítica destes textos, que fazem suscitar inúmeras dúvidas quanto à autoria de alguns artigos que surgem publicados no *Distrito de Évora*. Não há, em quase nenhuma das colectâneas, a explicitação dos critérios que presidiram à recolha dos textos, desconhecendo-se os preceitos que terão levado os estudiosos a recolher certos artigos e a não considerar outros. A edição da Lello & Irmão é, mais uma vez, excepção pois, na introdução ao primeiro volume, Aníbal Pinto de Castro apresenta alguns critérios que o levaram a considerar, pela primeira vez, como textos de Eça, artigos que não constavam de mais nenhuma edição até à data. Este autor é um dos poucos que explica as preocupações sentidas relativamente ao critério da autoria dos textos recolhidos:

“Dado que o jornal saíra, na sua quase totalidade, da pena de Eça, não pareceria de todo errada uma reedição integral. Só que, nesse caso, não seria legítimo inserir tal reedição numa colecção das suas obras, pois havia ainda bastantes textos que lhe não pertenciam e outros que, sendo meras transcrições, nada tinham que ver com ele. Houve, pois, que reunir apenas aquilo que a Eça pertencia.<sup>132</sup>

---

<sup>132</sup> CASTRO, Aníbal Pinto de, “Nota introdutória”, in QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I, p. XXX.

A assinatura do texto foi um dos critérios que parece ter sido seguido, uma vez que se parece ter partido do princípio de que todos os textos não assinados que surgem no *DE* seriam da autoria do seu director e redactor principal. A reforçar este critério poderá estar o facto de muitos estudiosos afirmarem que Eça não tinha quaisquer colaboradores na redacção do periódico e que o redigia na íntegra.

O reconhecimento de alguns anagramas também foi um critério usado para determinar a autoria eciana dos textos que surgem nas compilações das várias editoras. Segundo Guerra da Cal, para além dos textos que deixou anónimos, Eça terá usado a sigla A.Z. (eça de queiroZ), ou A.M., ou ainda A.G.M. como assinatura.<sup>133</sup> Curiosamente, não conseguimos encontrar esta última em parte alguma do jornal eborense, tendo-se-nos deparado, em vez dela, a sigla A.L.M. como assinatura do texto “O Réu Tadeu”.<sup>134</sup>

A pouco criteriosa recolha dos textos do periódico dirigido pelo escritor oitocentista está patente nas assumidas “deslocações ou aglutinações”<sup>135</sup> que os textos do *DE* sofreram, na edição da Lello & Irmão, para que se pudesse reunir sob uma mesma epígrafe artigos que o escritor oitocentista separara em secções distintas, “bem como alguns outros textos isolados, publicados sem assinatura.”<sup>136</sup> e ainda cartas “que, pela semelhança com outras, da organização estrutural à roupagem estilística, são manifestamente de sua autoria.”<sup>137</sup>

No entanto, além dos critérios de recolha não terem sido apresentados na maior parte das colectâneas de textos do *DE* consultadas, uma observação atenta do jornal permite constatar que há muitos textos, ao longo de todo o periódico alentejano, que escaparam às recolhas efectuadas e que não aparecem publicados em nenhuma das edições consultadas por se ter considerado que não são da autoria de Eça de Queirós.

A secção «Crónica» é uma das que mais imprecisões apresenta relativamente ao original, talvez devido ao seu carácter heterogéneo. O facto de ser constituída por uma multiplicidade de textos de cariz diverso poderá ter motivado a falta de

---

<sup>133</sup> GUERRA DA CAL, Ernesto, *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz (Apéndice – Bibliografía queirociana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra)*, p. 592.

<sup>134</sup> *Distrito de Évora*, 18 e 21 de Julho de 1867.

<sup>135</sup> CASTRO, Aníbal Pinto de, *op. cit.* p. XXXI.

<sup>136</sup> *Idem, ibidem*, p. XXXI.

<sup>137</sup> *Idem, ibidem*, p. XXXII.

coincidência entre os textos publicados no jornal e os recolhidos nas diversas colectâneas, mas Anabella Rita considera que na base desta discordância esteve uma divergência conceptual:

Curiosamente há um consenso implícito nessa falta de coincidência: qualquer dos investigadores [que fizeram a recolha dos textos do *DE*] evitou reproduzir determinadas partes da secção «Chronica». Em vez de recolherem tudo o que está inserido nessa secção do periódico, fizeram uma selecção, excluindo *o que não lhes parecia susceptível de ser considerado de natureza cronística* e que chega a constituir subsecções da «Crónica». Ou seja, a incompletude das recolhas explica-se por um problema de critério: o conceito de crónica do autor difere do dos seus estudiosos.<sup>138</sup>

Para esta exegeta do grande escritor, entre o *DE* e *As Farpas*, a crónica eciana sofre uma transformação que a aproxima do conceito moderno atribuído a essa tipologia textual. Actualmente é-lhe atribuída uma definição próxima desta de Fernando Cascais que a apresenta como a “peça de opinião mais personalizada entre os géneros jornalísticos [...] [e] que transmite a perspectiva pessoal do seu autor”<sup>139</sup>, mas, até à publicação de *As Farpas*, este texto apresentava características bem diferentes:

O fragmentarismo dá lugar à unidade textual e uma certa homogeneidade tonal e estrutural sucede à sua heterogeneidade. [...] Já não encontramos nas *farpas* sucessões de notícias em registo às vezes estritamente informativo, nem a combinatória da informação com o enunciado lúdico.<sup>140</sup>

O conceito de Crónica para o escritor que, em 1867, redigia os textos do *DE* é distinto daquele que subjaz à redacção de *As Farpas*, em 1871. Parece até haver uma nota de originalidade na escolha desse nome para uma secção que, pelas suas características informativas, recebia, em quase todos os periódicos da época, o título de «Noticiário».

---

<sup>138</sup> RITA, Annabela, *Eça de Queirós Cronista: do «Distrito de Évora» (1867) às «Farpas» (1871-72)*, p. 19.

<sup>139</sup> CASCAIS, Fernando, “Crónica”, in *Dicionário de Jornalismo, As Palavras dos Media*, p. 63.

<sup>140</sup> RITA, Annabela, *op. cit.*, pp. 48-49.

Mas parece-nos que terá sido com base no conceito moderno de crónica que se procedeu à recolha dos textos desta secção do jornal. Partindo desse conceito de texto único e heterogéneo, os estudiosos apenas consideraram aquilo que, na secção «Crónica» do *DE*, mais se assemelhava com o texto cronístico já “conformado”<sup>141</sup>, daí que só tenham recolhido os pequenos textos que habitualmente iniciavam esta secção e que funcionavam como uma introdução aos textos noticiosos seguintes. É, certamente por isso que são tão incompletas as recolhas dos textos desta secção que as várias colectâneas publicadas apresentam, uma vez que, como assinala Annabela Rita, “o texto da «Chronica» do *Distrito de Évora* excede em muito o que recolheram como tal, falta de coincidência que não é assinalada [...] e que só a consulta do periódico permite descobrir.”<sup>142</sup>

No entanto, para além dos textos que constituem esta secção, existem, nas páginas do *DE*, muitos outros que, por não terem sido contemplados nas recolhas efectuadas e publicadas, deixam dúvidas quanto à sua autoria. Em quase todos os números existem textos não assinados cuja autoria se desconhece, e isso pode se constatado pelos quadros que se seguem.

Para uma visualização mais fácil da quantidade de artigos que não foram recolhidos pelos autores das colectâneas, sombrearam-se a cinza as linhas correspondentes a todos os textos excluídos das recolhas. Uma visualização rápida dos quadros permite constatar uma extensa mancha cinzenta em quase todos os números do periódico dirigido por Eça, correspondente ao elevado número de textos cuja autoria se desconhece.

Os quadros que se seguem permitem também tornar visível o confronto entre as cinco edições consultadas que incluem textos do *Distrito de Évora*. A edição do Projecto Vercial não está incluída no cotejo porque segue a lição de Machado da Rosa e inclui, por isso, os mesmos textos da edição da Editorial Presença.

As tabelas reproduzem os nomes das secções do periódico eborense e os títulos dos vários artigos e procuram repetir a formatação usada no próprio jornal, imitando o

---

<sup>141</sup> Cf. RITA, Annabela, “Crónica”, in MATOS, A. Campos, (org. e coord.), Suplemento ao *Dicionário de Eça de Queiroz*, pp. 129-131, Esta autora designa por “conformação” o processo evolutivo que a crónica eciana sofre entre o *DE* e as *Farpas*.

<sup>142</sup> *Idem, ibidem*, p. 129.

uso das maiúsculas e dos negritos. Sempre que o artigo não é antecedido por qualquer título, indicamos resumidamente, entre parênteses rectos, o assunto nele abordado.

As colunas encimadas pela palavra “Texto” reproduzem o início de cada artigo para facilitar a sua identificação, contudo, algumas palavras foram abreviadas por questões de espaço. A utilização do sinal + antes de alguns textos corresponde, no jornal, ao uso de um separador fino ou a um subtítulo iniciadores de um novo texto. Esta situação ocorre quase sempre em relação à secção «Crónica» por ser composta por vários pequenos textos só separados por um mínimo sinal gráfico. Por questões de espaço, devido à extensão da «Crónica» do número 6, não foi possível apresentar todos os seus textos em linhas separadas.

A última coluna dos quadros apresenta a indicação do número do anexo em que se transcreve o respectivo texto que não consta de nenhuma das colectâneas consultadas. Em nota de rodapé apresentam-se todas as discordâncias das edições consultadas em relação ao original do *Distrito de Évora*.

***DISTRITO DE ÉVORA***

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Editorial Presença	Livros do Brasil	Círculo de Leitores	Lello & Irnão	Nova Aguilar	Anexo nº	
1	6 Jan	[Texto de abertura do jornal]		A empresa deste jornal remete o seu primeiro						1	
		[1º texto da 1ª pág. após o de abertura]	ÉVORA 5 DE JANEIRO	Enquanto pela triste força dos factos, pela	✓		✓ <sup>143</sup>				
		<b>Revista crítica dos jornais</b>		O jornalismo, na sua justa e verdadeira	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		A moderna época política da Europa é	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>CORRESP DO REINO (LISBOA)</b>		Meus amigos: - Nós aqui em Lisboa	✓	✓	✓	✓	✓	✓ <sup>144</sup>	
		<b>CRÓNICA</b>		A crónica é como que a conversa íntima	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>Interesse provincial</b>		Esta secção foi reservada para os interesses							2
		<b>Crítica de literatura e de arte</b>		A crítica como revelação da alma	✓	✓			✓	✓	
		<b>Agricultura, comércio, indústria</b>		O comércio tem sido um elemento	✓	✓	✓		✓	✓	
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>		Alguns julgam um perigo terrível este	✓	✓	✓	✓			
2	10 Jan	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 9 DE JANEIRO	Há no mundo uma raça de homens	✓		✓ <sup>143</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		Os jornais imperialistas de França dizem	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>REVISTA INTERNA</b>		Está aberto o parlamento	✓	✓	✓	✓	✓ <sup>145</sup>	✓	
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	A política tem estado amortecida.							3
		<b>Ciências sociais e políticas</b>	Funcionários deputados	Tem sido debatida a questão de saber	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
		<b>Ciências históricas</b>		O historiador discutindo, criticando	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
		<b>CRÓNICA</b>		A crónica esta satisfeita! E não sabem	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
				+ No dia 5 o vapor que conduzia	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
		<b>MERCADOS</b>		A empresa deste jornal [...] Gado suíno \$							4
		<b>Crítica de literatura e arte</b>	As cantigas	As cantigas, os cantos populares, a	✓	✓	✓	✓	✓		
<b>Agricultura, comércio, indústria</b>		Lastima-se geralmente a decadência	✓	✓	✓	✓	✓	✓			
<b>LEITURAS MODERNAS</b>		Damos hoje umas páginas do livro	✓	✓			✓				

<sup>143</sup> É considerado um Editorial e por isso incluído num capítulo com esse nome onde, além deste texto, só se incluem mais dois.

<sup>144</sup> Surge incluído no capítulo “Comédia Moderna” e antecedido pelo título “Do nosso correspondente político”, o que não corresponde ao que surge no *DE*.

<sup>145</sup> Surge como «Correspondência do Reino».

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº		
3	13 Jan	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 12 DE JANEIRO	Hoje o povo está indolente, indiferente	✓	✓	✓ <sup>146</sup>	✓	✓			
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Não há novidades políticas e nem as							5	
			(Do nosso correspondente literário)	Meus amigos: - Depois da minha última ass AZ	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>Ciências sociais e políticas</b>	ADMINISTRAÇÃO	O discurso da coroa e as declarações	✓	✓	✓	✓	✓			
			Colónias	A fundação das colónias era uma		✓		✓	✓			
		<b>CRÓNICA</b>		A crónica vem hoje um tanto envergonhada	✓	✓	✓	✓	✓			
				+ Uma boa notícia a dar	✓	✓	✓	✓	✓			
				+ Diz-se que nos arredores da cidade	✓	✓	✓	✓	✓			
				+ Que tristes e aborrecidas estas	✓	✓	✓	✓	✓			
				+ <b>Obras municipais</b>	Lembramos a quem de direito que seja							
				+ <b>Crimes e delitos</b>	No dia 6 do corrente Sebastião							
				+ <b>Obituário</b>	Mortandade no mês de Janeiro							
			+ <b>Gado suíno</b>	No mercado de gado								
<b>LEITURAS MODERNAS</b>	OS CHEIROS DE PARIS	Toda a imprensa da Europa	✓	✓			✓					
4	17 Jan	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 16 DE JANEIRO	Em cada cidade, em cada município	✓	✓	✓ <sup>146</sup>	✓	✓			
				A comissão administrativa da Sta Casa	✓		✓ <sup>146</sup>	✓	✓			
		<b>Revista Estrangeira</b>		O mais importante que traz o correio	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Disse-vos na minha última correspondência						6		
		<b>INTERESSE OFICIAL</b>		Transcrevemos uma proposta de lei						7		
				As condecorações, as comendas, os hábitos	✓	✓	✓ <sup>146</sup>	✓	✓			
		<b>Ciências económicas</b>	Sobre as Alfândegas I	Os venezianos e os genoveses chamavam	✓	✓	✓	✓	✓			
			[carta crítica sb notícia de 10 Jan]	Esta carta recebida pede a ra[e]ctificação ...						8		
		<b>CRÓNICA</b>		Segundo as notícias que recebemos do	✓	✓	✓	✓	✓			
				+ O nosso amigo particular, o Sr. Dr. Francisco					✓	✓		
				[Proclamas de casamento]	+ No dia 13 do corrente							
				[Crimes e delitos]	+ Em a noite do dia 13 do corrente							
					+ A comissão de redenseamento [sic]							
	+ <b>Obituário</b>		Mortandade desde									
	+ <b>Gado suíno</b>	Preço dos géneros no mercado										
		O preço do gado										
<b>LEITURAS MODERNAS</b>		Continuamos dando páginas	✓	✓			✓					

<sup>146</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº		
5	20 Jan	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 19 DE JANEIRO	Pesa sobre nos uma imensa tristeza	✓	✓	✓ <sup>147</sup>	✓	✓			
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		O assunto das discussões polític (continua)	✓	✓ <sup>148</sup>	✓ <sup>148</sup>	✓	✓			
				Em o Diário de Lisboa de sábado (continua)	✓		✓ <sup>147</sup>	✓	✓			
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Não há novidades políticas							9	
			(Do nosso correspondente literário)	Ms amgs: - Há quanto tempo não ass AZ	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>Ciências económicas</b>	II Sobre as Alfândegas <sup>149</sup>	Se todos os povos tivessem o mesmo	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>CRÓNICA</b>		A crónica pouco sabe hoje na ausência + Quando ultimamente nos Miseráveis + Transcrevemos do Diário Pop esta notícia + Foi nomeado regedor da freguesia	✓ ✓ ✓ ✓	✓ ✓ ✓ ✓	✓ ✓ ✓ ✓	✓ ✓ ✓ ✓	✓ ✓ ✓ ✓			
6	24 Jan	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 23 DE JANEIRO	Começam a tomar corpo os boatos	✓		✓ <sup>147</sup>	✓	✓			
			(Cont do segund artigo do nº 5)	C.- Seneuil, escrevendo sobre (continua)	✓	✓	✓ <sup>147</sup>	✓	✓			
			ORÇAMENTO	O governo apresentou às câmaras o	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Já vos disse que não gasto o tempo a contar							10	
			(Do nosso correspondente literário)	Ms amgs: - Acordo numa adorável ass AZ	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>Ciências económicas</b>	III Sobre as Alfândegas <sup>149</sup>	As tarifas protectoras são uma arma	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>CRÓNICA</b>			Nos números 4 e 5 do nosso jornal				✓	✓		
					+ Foi no domingo, 20, o segundo baile	✓	✓	✓	✓	✓		
					+ Cobriu-se-nos o coração	✓	✓	✓	✓	✓		
					+ Outro dia passando o cronista	✓		✓	✓	✓		
					+ Quando se lembrará + Hão-de estar lembrad				✓	✓		
					+ Foi para Vila Viçosa + Os meninos da Graça				✓	✓		
					+ A Companh dos Camin + No domingo dia 20				✓	✓		
					+ Pedimos que pela via competente				✓	✓		
			+ Consta-nos que na caçada				✓	✓				
			+ Julgamos de interesse público				✓	✓				
		[Crimes e delitos]	+ Na noite de 16 do corrente				✓	✓				
		+ <b>Obituário</b>										
		+ <b>Gado suíno</b>										
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>	OS CHEIROS DE PARIS	Continuamos dando alguns capítulos	✓	✓		✓				

<sup>147</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>148</sup> Apresenta uma divisão do texto e inicia um novo: “Onde também se agoniza é na Espanha”. No *DE* esta divisão não existe e esse novo texto é apenas mais um parágrafo.

<sup>149</sup> A edição do Círculo de Leitores não apresenta este título.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº	
7	27 Jan	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 23 DE JANEIRO	A política moderna não é	✓	✓	✓ <sup>150</sup>	✓	✓		
				No campeão do Alentejo (continua)	✓	✓	✓ <sup>150</sup>	✓	✓		
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Não há novidades políticas. <i>Le monde va de</i>							11
		<b>CRÓNICA</b>			Estamos em perfeita calma! Em	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ Existe nesta redacção um convite				✓	✓	
					+ Se pudesse fazer-se				✓	✓	
					+ Um nosso amigo nos – “A Polónia”				✓	✓	
					+ Está macadamizada				✓	✓	
					+ Foi nomeado regedor				✓	✓	
					<b>+ Crimes e delitos</b>	+ Foi capturado					
				+ O que é o Peru							
		[nº dos que se curaram no hospital]	+ O movimento clínico								
8	31 Jan	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 30 DE JANEIRO	O partido popular é aquele que	✓	✓	✓ <sup>150</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		O governo de Roma suscita queixas	✓	✓	✓	✓	✓		
			(Cont do segund artigo do nº 5)	O relatório e projecto de lei (continua)	✓	✓	✓ <sup>150</sup>	✓	✓		
			<b>O desastre de Regent's Park</b>	Damos hoje notícia do desastre dos patinadores						12	
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Há poucas novidades políticas; ou para melhor						13	
			(Do nosso correspondente literário)	Como sabem, cantou-se Ernani. ass AZ	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>CRÓNICA</b>			O homem põe e Deus dispõe, diz	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ O dia estava esplêndido!	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ Um destes dias ouviu				✓	✓	
					+ A crónica gosta de charadas – Charada				✓	✓	
					+ Diz Vítor Hugo na sua carta	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ Pedem-nos para lembrarmos				✓	✓	
					+ Não viram, não têm visto				✓	✓	
					<b>+ Crimes e delitos</b>	+ Na noite do dia 27					
		<b>+ Proclamas de casamento</b>									
		<b>+ Preço dos géneros no mercado</b>									
		<b>+ Gado suíno</b>									
		<b>+ Obituário</b>									

<sup>150</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Círc L	Lello	Nv Agui	A nº		
9	7 Fev	<b>CRÓNICA</b>	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 6 DE FEVEREIRO	Diz-se todos os dias opressão	✓	✓	✓ <sup>151</sup>	✓	✓		
			<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		A grande e difícil questão política	✓	✓	✓	✓	✓		
				[Comentário curioso do redactor]	Transcrevemos hoje alguns períodos							14
					Temos ouvido falar num triste ... baile máscaras							15
				<b>A feira de S. Brás</b>	Quem me diria nos meus primeiros	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ Na rua dos infantes				✓	✓		
					+ No sábado houve baile				✓	✓		
					+ Houve também no Seminário				✓	✓		
					+ Esteve um dia lindíssimo	✓	✓	✓	✓	✓		
					+ Que decretos				✓	✓		
					+ Ouvimos dizer que				✓	✓		
					+ Há algum motivo				✓	✓		
					+ Do nosso amigo corresp – “O seu nome”				✓	✓		
					+ Agradecemos a todos				✓	✓		
					+ O sumário do último				✓	✓		
					+ O artista que delineou				✓	✓		
					+ O correio trouxe-nos duas tristes <sup>152</sup>	✓	✓	✓	✓	✓		
					+ Saiu o nº 43 <sup>152</sup>				✓	✓		
					+ Nesta crónica já agradecemos <sup>152</sup>				✓	✓		
					+ <b>Gado suíno</b>							
		+ <b>Crimes e delitos</b>										
		+ <b>Obituário</b>										
		<b>Uma ideia do que são e do que valem os homens avarentos</b>	Dionísio o tirano como entrasse um dia							16		
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>		Continuamos dando as melhores páginas	✓	✓		✓				

<sup>151</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>152</sup> Estes textos surgem, em todas as colectâneas, separados da restante Crónica, como se se tratassem de textos independentes. No entanto, o último texto remete para um outro que o antecede, “Nesta crónica já agradecemos”, o que demonstra que eles são parte integrante de uma mesma crónica.

Obs. A secção «Correspondência do Reino», neste número, é assinada por dois correspondentes que continuarão a ser colaboradores do jornal: F. A. De Carvalho Lamas, do Porto, e Morais Sarmiento, de Borba.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Círc L	Lello	Nv Agui	A nº	
10	10 Fev	[1º texto da 1ª pág.]	ÉV 9 DE FEV <b>O partido novo</b>	O Jornal de Lisboa fez ultimamente	✓	✓	✓ <sup>153</sup>	✓	✓		
			<b>Sobre o aqueduto</b>	O aqueduto de Sertório, que é uma	✓	✓	✓	✓	✓		
			<b>A ESPANHA</b>	Em presença da triste situação da	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>	As ultimas liberdades da França	Em França é extrema a agitação por	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Meus amigos. - Nas câmaras a grande,	✓	✓	✓	✓	✓		
			(Do nosso correspondente literário)	Ms amgs: - Ontem lia os cheiros ass AZ	✓	✓	✓	✓	✓		
				Recebemos o brinde que o DN deu	✓	✓	✓	✓			
				Temos a registar uma cura admirável do							17
				Em Lisboa publicou-se um jornal,	✓	✓	✓	✓	✓		
				+ A Câmara Municipal tem					✓	✓	
				+ Ainda este ano se não mexeu					✓	✓	
				+ O architecto municipal					✓	✓	
				+ Charada	+ Charada				✓	✓	
					+ Foi no dia 31 de Janeiro	✓	✓	✓	✓	✓	
			+ No dia 8 pelas 11	✓	✓	✓	✓	✓			
			+ Vai à exposição de Paris	✓	✓	✓	✓	✓			
			+ Preço dos géneros no mercado								
11	14 Fev	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 13 DE FEVEREIRO	O que são há 20 anos os partidos	✓	✓	✓ <sup>153</sup>	✓	✓		
			(continuação do 2º artigo do nº 7)	Para se fundar o crédito agrícola	✓		✓ <sup>153</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		É incontestável que o espírito	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>Correspondência do reino. (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Como sabem, o Jornal do Comércio	✓	✓	✓	✓	✓		
			(Do nosso correspondente literário)	Ms amgs: - Entramos na doce ass AZ	✓	✓	✓	✓	✓		
				Consta-nos que no dia 7 alguns	✓ <sup>154</sup>	✓	✓ <sup>154</sup>	✓ <sup>154</sup>	✓ <sup>154</sup>		
				No domingo tocou no passeio a	✓	✓	✓	✓	✓		
				+ No domingo houve fartura de	✓	✓	✓	✓	✓		
				+ O regimento de cavalaria				✓	✓		
				+ Está vaga a cadeira de				✓	✓		
				+ Recebemos e agradecemos				✓	✓		
				+ Crimes e delitos							
				+ Proclamas de casamentos							
				+ Gado suíno							
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>		Damos hoje traduzidas do livro	✓	✓		✓			

<sup>153</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>154</sup> Surge como Crónica, embora no *DE* não surja nessa secção.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº		
12	17 Fev	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 16 DE FEVEREIRO	Há dias escrevíamos, magoados	✓	✓	✓ <sup>155</sup>	✓	✓			
			<b>Herdade do Sobral</b>	Tem hoje lugar							18	
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		Em França fala-se e discute-se quase	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Poucas são as novidades políticas; e	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>Agricultura, comércio, indústria</b>	As antigas companhias	As companhias são grandes reuniões de	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>Crítica de literatura e arte</b>	Sobre a caricatura	Em política a caricatura é de boa guerra	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>CRÓNICA</b>			A crónica, hoje um pouco enfastiada	✓	✓	✓	✓	✓		
					+ Transcrevemos							
					+ Transcrevemos							
					+ Mas dir-se-á: e da terra o que conta a crónica?							
					+ Na quinta feira 21 tem lugar no teatro							
		<b>+ Crimes e delitos</b>										
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>		Ms amgs: - Eu sou um correspondent lit ass AZ	✓	✓	✓	✓	✓			
13	21 Fev	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 20 DE FEVEREIRO	Quando se comete uma grande injustiça	✓	✓	✓ <sup>155</sup>	✓	✓			
				O sentimento que hoje domina os espíritos	✓		✓ <sup>155</sup>	✓	✓			
				Em Portalegre tem havido uma oposição	✓		✓ <sup>155</sup>	✓	✓			
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Em Portugal não se pode ser correspondente	✓	✓	✓	✓	✓			
		<b>CRÓNICA</b>			O ar está belo, o céu límpido, a temperatura	✓	✓	✓ <sup>156</sup>	✓	✓		
					+ Transcrevemos do Jornal de Lisboa	✓	✓	✓	✓	✓		
					+ Transcrevemos do Jornal do Comércio				✓	✓		
					+ Parece que o governo Francês	✓	✓	✓	✓	✓		
					+ A companhia de mineração				✓	✓		
					+ Os juizes substitutos				✓	✓		
					+ Está definitivamente nomeado				✓	✓		
					+ Consta que já apareceu dono aos sacos				✓	✓		
				+ O soneto que abaixo publicamos				✓	✓			
		<b>+ Preço dos géneros no mercado</b>										
		<b>+ Gado suíno</b>										
		<b>+ Proclamas de casamentos</b>										
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>	Passeio em Roma de noite	As ruas estão quase desertas	✓	✓		✓				

<sup>155</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>156</sup> Surge como o terceiro texto da secção «Crónica», quando, no *DE*, ele é o primeiro.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Círc L	Lello	Nv Agui	A n°	
14	24 Fev	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 23 DE FEVEREIRO	A nossa política está-se tornando	✓	✓	✓ <sup>157</sup>	✓	✓		
				Há tempos o Campeão das Províncias	✓	✓	✓	✓	✓		
			<b>Liceu de Évora</b>	No Campeão das Províncias							19
				Como dissemos [seguido da transcrição de um texto] <sup>158</sup>							
			<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>	De hoje em diante daremos <sup>159</sup>						
				Retiramos hoje a secção de política estrangeira							20
			<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Não há novidades políticas, como costuma	✓	✓	✓	✓	✓	
			<b>CRÓNICA</b>		Lê-se na Gazeta do Campo				✓	✓	
					+ Transcrevemos do jornal do Comércio	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ O movimento clínico dos enfermos						
15	28 Fev	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 27 DE FEVEREIRO	O artigo publicado há tempo no Campeão	✓	✓	✓ <sup>157</sup>	✓	✓		
				Sempre que no parlamento se levanta	✓		✓ <sup>157</sup>	✓	✓		
			<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		Em França tem causado grande agitação	✓	✓	✓	✓	✓	
					Achamos tão notável, tão cheia de interesse <sup>160</sup>	✓	✓	✓	✓	✓	
			<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	A grande conversa, o assunto supremo	✓	✓	✓	✓	✓	
			<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>							
					Decidiu-se enfim a grande eleição...						21
					Dá-se um caso engraçadíssimo. Mostra	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ O Progrès, jornal de Lyon	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ Segundo o Jornal do Comércio	✓ <sup>161</sup>	✓ <sup>162</sup>	✓	✓	✓	
			+ Todos os dias se lê nos				✓	✓			
			+ <b>Gado suíno</b>								
			+ <b>Crimes e delitos</b>								
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>		Ms amgs: - Desde que me vi descido ass AZ	✓	✓	✓	✓	✓		

<sup>157</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>158</sup> Texto que antecede uma transcrição: “Como dissemos há pouco, em Portalegre houve uma reunião em casa do sr. conde d’Avilez de todos os descontentes para energicamente protestar contra a supressão do distrito. // A representação aponta todos os desastrosos inconvenientes que viriam da supressão do distrito e diz:”

<sup>159</sup> Texto que inaugura a nova secção «As Câmaras»: “De hoje em diante daremos sucintamente o espírito das sessões parlamentares, sob a sua forma oficial, para dar assim aos que nos lêem uma ideia constante dos debates, dos projectos apresentados, das discussões encetadas, das organizações determinadas, de todos os actos do governo e dos combates da tribuna.”

<sup>160</sup> Surge como Crónica, em todas as colectâneas, embora no *DE* não surja nessa secção.

<sup>161</sup> Surge como Crónica, mas separado dos restantes textos desta crónica, como se fosse um texto isolado.

<sup>162</sup> Surge como texto que não faz parte da «Crónica».

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº	
16	3 Mar	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 2 DE MARÇO	Perante uma crise temerosa	✓	✓	✓ <sup>163</sup>	✓	✓		
				O que verdadeiramente nos mata	✓		✓ <sup>163</sup>	✓	✓		
				Sobre todas as coisas amamos a justiça	✓		✓ <sup>163</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		O correio estrangeiro nada nos trouxe	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Continua a expectativa política	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>								
		<b>CRÓNICA</b>				Hoje a crónica retoma uma importância	✓	✓	✓	✓	✓
						+ Esta época do Entrudo	✓	✓	✓	✓	✓
						+ Hoje nenhuma notícia	✓	✓	✓	✓	✓
						+ Diz uma folha de Espanha				✓	✓
						+ Eis um dos despachos				✓	✓
						+ Do Jornal de Londres				✓	✓
						+ No Porto houve				✓	✓
						+ Agora que estamos em pleno	✓	✓	✓	✓	✓
				+ Entre os indivíduos que				✓	✓		
<b>LEITURAS MODERNAS</b>			+ Correspondência da crónica – poema				✓	✓			
				Começo perguntando a mim mesmo ass AZ	✓	✓	✓	✓			
17	7 Mar	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 6 DE MARÇO	Na câmara dos pares,	✓	✓	✓ <sup>163</sup>	✓	✓		
				Disse alguém que o imposto era	✓		✓ <sup>163</sup>	✓	✓		
				Digamos uma profunda verdade	✓		✓ <sup>163</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		Por toda a parte há uma certa serenidade	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Agora nestes dias tudo descansa, a	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>								
		<b>Ciências económicas</b>	O crédito público	O crédito, como todos sabem, é a	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>CRÓNICA</b>				Foi aberto concurso [igreja paroquial]					22
						Ontem apareceram pelas esquinas	✓		✓ <sup>163</sup>	✓	✓
						A época que entra vem pálida de jejuns	✓	✓	✓	✓	✓
						+ A cidade de Hilsboro	✓	✓ <sup>164</sup>	✓	✓	✓
						+ O senado do Kansas	✓		✓	✓	✓
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>			+ O movimento clínico dos enfermos						
						Damos hoje o começo de um poemeto - Pepa	✓	✓	✓	✓	

<sup>163</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>164</sup> Surge como texto que não faz parte da «Crónica».

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº	
18	10 Mar	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 9 DE MARÇO	Quem olha ao longe e ao largo	✓	✓	✓ <sup>165</sup>	✓	✓		
				Por toda a parte começa	✓		✓ <sup>165</sup>	✓	✓		
				Este governo quando não tivesse	✓		✓ <sup>165</sup>	✓	✓		
				As palavras do senhor conde	✓		✓ <sup>165</sup>	✓	✓		
			<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		Na Alemanha só se pensa e só se fala	✓	✓	✓	✓	✓	
			<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Sabem como foram estranhas e ameaçadoras	✓	✓	✓	✓	✓	
			<b>CRÓNICA</b>		Os italianos têm agora um novo método	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ Proclamas de casamentos						
					+ Crimes e delitos						
					+ Movimento de gado						
			+ Obituário								
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>PEPA (continuado do número ...)</b>	(cont)							
19	14 Mar	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 13 DE MARÇO	Temos um défice de perto de 7000	✓	✓	✓ <sup>165</sup>	✓	✓		
				A entrada do sr. Lobo d'Avila	✓		✓ <sup>165</sup>	✓	✓		
				Há dias na câmara electiva	✓		✓ <sup>165</sup>	✓	✓		
			<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	O que querem que eu lhes diga da	✓	✓	✓	✓	✓	
			<b>Revista crítica dos jornais do Alentejo</b> <sup>166</sup>		De hoje em diante, + B + CA + DP + FS	✓	✓	✓	✓	✓	
			<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
			<b>CRÓNICA</b>	+ Crimes e delitos	Consta que o ex.mo senhor						
				+ Acidentes e sinistros	+ Na manhã do dia 7						
			+ Movimento clínico dos enfermos								
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>PEPA (continuado do número ...)</b>	(cont)							

<sup>165</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>166</sup> Os jornais abordados, ao longo do jornal, na secção «Revista crítica dos jornais do Alentejo», são: *Campeão do Alentejo (CA)*, *Bejense (B)*, *Folha do Sul (FS)* e *Democracia Pacífica (DP)*.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº	
20	17 Mar	[1º texto da 1ª pág.]	<b>O MANIFESTO</b>	Publicamos em seguida o manifesto	✓	✓	✓	✓	✓		
				O governo quer a autoridade	✓		✓	✓	✓		
				Por toda a parte se fazem representações	✓		✓	✓	✓		
				Retiramos hoje a secção de Política							23
			<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>							
			<b>CRÓNICA</b>		No meeting que houve em Portalegre				✓	✓	
				+ Brevemente julgar-se-á em Paris	✓	✓	✓	✓	✓		
				+ O seguinte caso sucedeu					✓	✓	
	+ Eis o protesto que os directores						✓	✓			
		<b>+ Crimes e delitos</b>									
		<b>+ Preço dos géneros no mercado</b>									
21	21 Mar	[1º texto da 1ª pág.]	<b>ÉVORA 20 DE MARÇO</b>	Na sessão de 16 de Março	✓	✓		✓	✓		
				A folha do Sul, nalgumas linhas	✓	✓	✓ <sup>167</sup>	✓	✓		
				A Folha do Sul a quem com nosso pesar	✓		✓	✓	✓		
			<b>Correspondência do reino (LX)</b>	(Do nosso correspondente político)	Caíu o ministério, isto é votou-se	✓	✓	✓	✓	✓	
					Recebemos carta do nosso correspondente						24
		<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		No seu primeiro artigo, + B + CA + DP + FS	✓	✓	✓	✓	✓		
22	24 Mar	[1º texto da 1ª pág.]	<b>ÉVORA 22 DE MARÇO</b>	Quando pesa violentamente	✓	✓	✓ <sup>168</sup>	✓	✓		
				Estes números que têm passado ... não há espaço						25	
			<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>							
23	28 Mar	[1º texto da 1ª pág.]	<b>ÉVORA 27 DE MARÇO</b>	O meeting de Lisboa	✓	✓	✓ <sup>168</sup>	✓	✓		
				Por decreto de 21 de Dezembro	✓	✓	✓ <sup>168</sup>	✓	✓		
				[texto sobre o julgamento de Eça]	Teve lugar no dia 26 do corrente						26
					+ Algumas das câmaras municipais	✓	✓	✓ <sup>168</sup>	✓	✓	
					+ Esperamos os actos da comissão	✓	✓	✓ <sup>168</sup>	✓	✓	
				<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		Traz com a sua usual jovial + B + CA + FS	✓	✓	✓	✓	✓
				<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>PEPA (continuado do número ...)</b>	(conclusão)					

<sup>167</sup> É considerado um Editorial e por isso incluído num capítulo com esse nome onde, além deste texto, só se incluem mais dois.

<sup>168</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº	
24	31 Mar	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 30 DE MARÇO	Retiramos hoje o ns artigo principal “Ms amig	✓	✓	✓ <sup>169</sup>	✓	✓ <sup>170</sup>		
			<b>DESPEDIDA</b>	José Feliciano F Themudo							27
				No dia 16 de Março de 1867 ass. um artista							28
			<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
25	4 Abr	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 3 DE ABRIL	O governo não governa	✓	✓	✓ <sup>169</sup>	✓	✓		
				Na Câmara Alta, o sr. Duque	✓		✓ <sup>169</sup>	✓	✓		
				A Folha do Sul no seu jornal de 30	✓	✓	✓ <sup>171</sup>	✓ <sup>171</sup>	✓		
				Hoje saiu desta cidade							29
			<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		Traz com a sua usual + B + DP + CA + FS	✓	✓	✓	✓	✓	
			O sr. Vereador do pelouro							30	
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
26	7 Abr	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 6 DE ABRIL	A oposição todos os dias aumenta	✓	✓	✓ <sup>169</sup>	✓	✓		
			<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		Declara que a única solução + CA + DP + FS	✓	✓	✓	✓	✓	
				Eis o calculo que está feito	✓	✓	✓ <sup>172</sup>				
			<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
		<b>CRÓNICA</b>	+ Crimes e delitos								
			+ Obituário								
27	11 Abr	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 10 DE ABRIL	Foi aprovado na sua generalidade	✓	✓	✓ <sup>169</sup>	✓	✓		
				A uma terrível vacuidade de ideias	✓	✓	✓	✓	✓		
			<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		Historia modestamente + B + DP + FS	✓	✓	✓	✓	✓	
			<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
			<b>CRÓNICA</b>	Crimes e delitos							
			Obituário								
28	14 Abr	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 13 DE ABRIL	O manifesto do povo de Évora	✓	✓	✓ <sup>169</sup>	✓	✓		
				No princípio a imprensa castigou	✓	✓	✓ <sup>169</sup>	✓	✓		
				Recebemos esta correspondência	✓	✓	✓ <sup>169</sup>	✓	✓		
				<b>As cartas à Beira-Mar</b>	Recebemos um livro do Sr. A. Filipe	✓	✓	✓ <sup>172</sup>	✓ <sup>172</sup>	✓	
			<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							

<sup>169</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>170</sup> Surge com um título a anteceder o texto, “Correspondência do Reino”, mas ele não existe no *DE*.

<sup>171</sup> Surge como texto pertencente à secção « Revista crítica dos jornais do Alentejo » e como continuação de um outro artigo incluído nessa secção.

<sup>172</sup> Surge como Crónica, embora no *DE* não surja nessa secção

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Círc L	Lello	Nv Agui	A n°
29	18 Abr	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 17 DE ABRIL	Há na reforma administrativa	✓	✓	✓ <sup>173</sup>	✓	✓	
				Para esclarecimento do povo [quadro de preços]						47
				Tínhamo-nos reservado para responder	✓		✓ <sup>174</sup>	✓ <sup>174</sup>	✓	
		<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		Refere alguns decretos + B + DP + CA + FS	✓	✓	✓	✓	✓	
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
		<b>CRÓNICA</b>	<b>Crimes e delitos</b>							
				Movimento clínico dos enfermos						
30	21 Abr	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 20 DE ABRIL	Para esclarecim do povo [quadro de preços 2ª X]						47
				A oposição organiza-se	✓	✓	✓ <sup>173</sup>	✓	✓	
				A folha do Sul num dos seus últimos	✓	✓	✓	✓	✓	
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
		<b>CRÓNICA</b>		Está definitivamente organizada a	✓	✓	✓	✓	✓	
31	25 Abr	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 24 DE ABRIL	Para esclareci do povo [quadro de preços 3ª X]						47
				Há uma maioria popular	✓	✓	✓ <sup>173</sup>	✓	✓	
				Uma das necessidades mais positivas	✓		✓ <sup>173</sup>	✓	✓	
				Houveram tumultos no Porto						31
				No dia 23 do corrente						32
		<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		Historia, com acobertada + B + CA + DP + FS	✓	✓	✓	✓	✓	
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
		<b>CRÓNICA</b>		Eis a versão que corre acerca dos	✓	✓	✓	✓		
			<b>Crimes e delitos</b>							

<sup>173</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>174</sup> Surge como texto pertencente à secção « Revista crítica dos jornais do Alentejo» e como continuação do texto verdadeiramente incluído nessa secção.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Círc L	Lello	Nv Agui	A n°	
32	28 Abr	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 28 DE ABRIL	Publicamos ampliada [quadro de preços 4ª X]						48	
				O governo vai entrando	✓	✓	✓ <sup>175</sup>	✓	✓		
				Há pouco dizíamos:	✓		✓ <sup>175</sup>	✓	✓		
		<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		Dedica extensíssimas colunas + FS	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
		<b>CRÓNICA</b>			[transcrição de textos de outros jornais]						
					Chegou a esta cidade						
					No dia 24 foi encontrado						
			No dia 23 foi furtada								
			Na noite de 24 para 25								
			Movimento clínico dos enfermos								
33	2 Mai	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 1 DE MAIO	Publicamos ampliada [quadro de preços 5ª X]						48	
				A Lisboa vai a comissão	✓	✓	✓ <sup>175</sup>	✓	✓		
				O Sr. Visconde de Leiria	✓	✓	✓ <sup>175</sup>	✓	✓		
				Recebemos esta carta particular de Lisboa <sup>176</sup>							33
		<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		Acusa os extremos desastrosos + CA + FS	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
		<b>CRÓNICA</b>			Como é sabido, sua majestade				✓	✓	
					+ A feira de Borba				✓	✓	
			+ Vão principiar a inquirir-se				✓	✓			
			+ O correspondente de Lethes				✓	✓			
			+ Chegou a esta cidade				✓	✓			
			+ Consta que, no dia 5				✓	✓			
			+ Crimes e delitos								

<sup>175</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>176</sup> Texto não assinado que começa por “Meus amigos” e termina por “Adeus”. É antecedida por local e data: “Lisboa, 29 de Abril”.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A n°	
34	5 Mai	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 4 DE MAIO	Publicamos ampliada [quadro de preços 6ª X]						48	
				Nós estamos hoje num estado político	✓	✓	✓ <sup>177</sup>	✓	✓		
				Há uma terra onde, por uma	✓		✓ <sup>177</sup>	✓	✓		
				Chegou a Lisb a comissão da câmara do Porto							34
			<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>	Dá conta resumida dos tumultos + B + FS	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
				Vários assinantes e algumas redacções							35
			<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
		<b>CRÓNICA</b>		Foi-nos asseverado por diversas				✓	✓		
				+ Eis alguns pormenores				✓	✓		
				+ Um sujeito que há poucos	✓	✓	✓	✓	✓		
				+ Crimes e delitos							
35	9 Mai	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 8 DE MAIO	Publicamos ampliada [quadro de preços 7ª X]						48	
				“Recebo todas as representações	✓	✓	✓ <sup>177</sup>	✓	✓		
				A Câmara dos Deputados vedou	✓		✓ <sup>177</sup>	✓	✓		
			<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>	Extracta os mais importantes + B + DP + FS	✓	✓	✓	✓	✓		
			<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
			<b>CRÓNICA</b>		Foi hoje oferecido um jantar no casino lisbonense						
		Temos a probabilidade de vir para esta cidade (Meteorologia) citação sobre									
	+ Crimes e delitos	Foi capturado									
36	12 Mai	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 11 DE MAIO	Diz-se geralmente que o imposto	✓	✓	✓ <sup>177</sup>	✓	✓		
				Vai em cinco meses que se abriu	✓	✓	✓ <sup>177</sup>	✓	✓		
				Do jornal de Notícias							36
			<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados							
			<b>CRÓNICA</b>	[métodos agrícolas citação]	Numa província tão agrícola						
	+ Crimes e delitos										
		+ Obituário									

<sup>177</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Círc L	Lello	Nv Agui	A n°	
37	16 Mai	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 15 DE MAIO	A maioria cresce.	✓	✓	✓ <sup>178</sup>	✓	✓		
			[Texto introdutório à Revista Crítica]	Respeitámos sempre a folha do Sul	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		+ Descreve com grande + <i>B + DP + FS</i>	✓	✓	✓	✓	✓		
				Recebemos esta correspondên particular de Lx <sup>179</sup>							37
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ <b>Pares</b> + <b>Deputados</b>								
		<b>CRÓNICA</b>	[Concurso para prof primária]	Pela direcção geral de instrução pública					✓	✓	
				+A Democracia Pacífica relata a chegada					✓	✓	
	+ Escrevem de Braga						✓	✓			
	+ Consta que no dia 19						✓	✓			
		+ <b>Crimes e delitos</b>									
38	19 Mai	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 18 DE MAIO	Continuam representando as câmaras	✓	✓	✓ <sup>178</sup>	✓	✓		
				A imprensa ministerial tem adoptado	✓	✓	✓ <sup>178</sup>	✓	✓		
				Continua no Porto a convenção	✓	✓	✓ <sup>178</sup>	✓	✓		
			[Esclarecimento sb imposto de selo]	Para esclarecimento público							38
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ <b>Pares</b> + <b>Deputados</b>								
		<b>CRÓNICA</b>		Alguns jornais italianos fazem menção	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
				+ Por cartas de um nosso	✓		✓	✓	✓	✓	
	+ Tal é o juízo que o júri		✓		✓	✓	✓	✓			
	+ Foi apresentado na igreja						✓	✓			
		+ <b>Crimes e delitos</b>									
39	23 Mai	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 23 DE MAIO	De toda esta luta moral	✓	✓	✓ <sup>178</sup>	✓	✓		
				Em Lisboa recebeu-se há dias um	✓	✓	✓ <sup>178</sup>	✓	✓		
		<b>Revista crítica dos jornais do Alentej</b>		Num artigo jocoso + <i>B + DP + CA + FS</i>	✓	✓	✓	✓	✓		
				Recebemos de Lx esta correspo la marée monte				✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ <b>Pares</b> + <b>Deputados</b>								
		<b>CRÓNICA</b>		O jornal francês L'Exposition	✓	✓	✓	✓	✓	✓	
				+ Os jornais ingleses					✓		
	+ <b>Crimes e delitos</b>										

<sup>178</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>179</sup> Texto não assinado que começa por “Meus amigos”.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Círc L	Lello	Nv Agui	A n°	
40	26 Mai	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 25 DE MAIO	É incontestável que há no país	✓	✓	✓ <sup>180</sup>	✓	✓		
				O digno par Sr. Ferrer	✓	✓	✓ <sup>180</sup>	✓	✓		
				Há em Portugal uma maneira sábia	✓		✓ <sup>180</sup>	✓	✓		
				Recebemos de Lisboa esta correspondência	✓	✓	✓ <sup>180</sup>	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>								
		<b>CRÓNICA</b>			Consta que deu entrada				✓	✓	
					+ É esta igualdade segundo a entendem	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ A semana passada	✓		✓	✓	✓	
					+ Alguns agricultores estrangeiros				✓	✓	
					+ Recebem-se de todas				✓	✓	
		+ Publica o Times				✓	✓				
41	30 Mai	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 29 DE MAIO	Há uns poucos de meses que Portugal	✓	✓	✓ <sup>180</sup>	✓	✓		
				Há em Portugal um estranho sistema	✓	✓	✓ <sup>180</sup>	✓	✓		
				Complica-se de uma maneira pérfida	✓	✓	✓ <sup>180</sup>	✓	✓		
				Recebemos esta correspondência particular de Lx				✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>								
		<b>CRÓNICA</b>			Aplica-se há pouco um meio				✓	✓	
					+ As nações que se fazem notar	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ A Rússia como já é sabido	✓		✓	✓	✓	
					+ Pelas imediações de Braga				✓	✓	
					+ Caiu uma praga de gafanhotos				✓	✓	
			+ Desde 24 de Março				✓	✓			
			+ Para tirar o sabor				✓	✓			
		+ Diz o jornal a Presse				✓	✓				
		<b>+ Crimes e delitos</b>									

<sup>180</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº	
42	2 Jun	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 1 DE JUNHO	Em Portugal não há Ciência	✓	✓	✓ <sup>181</sup>	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
		<b>CRÓNICA</b>			Tem-se ultimamente falado tanto	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ Poucos são os que sabem	✓		✓	✓	✓	
					+ Um inglês, antigo capitão de navios	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ Encontrámos a seguinte espirituosa lição	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ Pelo novo sistema adoptado	✓		✓	✓	✓	
					+ O Fígaro descreve assim				✓	✓	
		+ Crimes e delitos									
43	6 Jun	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 5 DE JUNHO	O país está dando na política	✓	✓	✓ <sup>181</sup>	✓	✓		
			[Lista de despesas]	Eis a nota das despesas com							
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		O Estado actual da Europa é de expectativa	✓	✓	✓	✓	✓		
				Recebemos de Lx esta corresp “Os ministros				✓	✓		
			(Do nosso correspondente literário)	Ms ams: - Eu tinha morrido pela política <sup>182</sup>	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
		<b>CRÓNICA</b>			Chega do Egipto uma notícia extremamente	✓	✓	✓	✓	✓	
					+ As últimas chuvas				✓	✓	
			+ A quantidade total de cereais				✓	✓			
			+ Os maçons da França acabam				✓	✓			
		+ Crimes e delitos									
		+ Obituário									

<sup>181</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>182</sup> Este texto não é antecedido, no jornal, pelo habitual título de secção: «Correspondência do Reino».

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Círc L	Lello	Nv Agui	A n°			
44	9 Jun	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 8 DE JUNHO	Em política dizer a verdade era um erro	✓	✓	✓ <sup>183</sup>	✓	✓				
				Em Portugal como em todos os estados	✓		✓ <sup>183</sup>	✓	✓				
				No Porto está-se organizando um	✓		✓ <sup>183</sup>	✓	✓				
				O jornal de Lisboa, como abaixo se lê <sup>184</sup>	✓	✓	✓ <sup>183</sup>	✓	✓				
				Foi solto o sr. José Manuel <sup>184</sup>								39	
				O interesse da política agora reside no	✓	✓	✓	✓	✓				
				Mr Stuart Mill ... encarr da mancipação mulher								40	
				[Lista de preços]									
				<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>								
				<b>CRÓNICA</b>	Importantíssimas diligências policiais	✓			✓	✓			
					+ Na exposição Paris é sempre grande		✓	✓	✓	✓			
					+ Sendo a purificação das águas				✓	✓			
					+ Por ordem superior inserta				✓	✓			
					+ Participa um veterinário de				✓	✓			
+ Um assinante da Reforma Agrícola					✓	✓							
+ De uma carta particular					✓	✓							
+ Dizem as correspondências				✓	✓								
+ Ontem foi remetido				✓	✓								
+ Sabe-se à última hora				✓	✓								
45	13 Jun	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 12 DE JUNHO	Diz-se todos os dias que a desorganização	✓	✓	✓ <sup>183</sup>	✓	✓				
				Há duas maneiras de prejudicar uma	✓		✓ <sup>183</sup>	✓	✓				
				O que mais ocupa hoje a França	✓	✓	✓	✓	✓				
				Recebemos de Lx esta corres ... então que me				✓	✓				
				<b>AS CÂMARAS</b>	<b>+ Pares + Deputados</b>								
				<b>CRÓNICA</b>	O Morning Herald vê na viagem do Sultão				✓	✓			
					+ O Sultão vai ser hóspede				✓	✓			
+ No dia 4, quando o Czar					✓	✓							
+ As religiosas do convento					✓	✓							
<b>+ Crimes e delitos</b>													

<sup>183</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>184</sup> Estes dois textos estão separados por um filete fino, o que pode sugerir a mesma autoria.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Círc L	Lello	Nv Agui	A n°	
46	16 Jun	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 15 DE JUNHO	Começou na câmara a discussão	✓	✓	✓ <sup>185</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		O governo prussiano não parece	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
				Os moradores da rua de Avis							41
				<b>Notícias da exposição de Paris</b>	Em primeiro lugar devemos declarar	✓	✓	✓ <sup>186</sup>	✓ <sup>186</sup>	✓	
					+ Cartas de Paris referem	✓		✓ <sup>186</sup>	✓ <sup>186</sup>	✓	
47	20 Jun			+ Depois da galeria dos tecidos	✓		✓ <sup>186</sup>	✓ <sup>186</sup>	✓		
		<b>CRÓNICA</b>	+ Crimes e delitos								
		[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 19 DE JUNHO	Muitas vezes sucede que se toma	✓	✓	✓ <sup>185</sup>	✓	✓		
				Um dos maiores males de Portugal	✓		✓ <sup>185</sup>	✓	✓		
48	23 Jun	<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
		<b>CRÓNICA</b>		Os produtos da livraria e da fotografia	✓	✓	✓	✓	✓		
			[inf. de leilões de propriedades]	+ Por ordem superior ...							
				Dizem ainda os jornais ministeriais	✓	✓	✓ <sup>185</sup>	✓	✓		
				Estes dias são de movimento, de comércio	✓		✓ <sup>185</sup>	✓	✓		
49	27 Jun	<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
		<b>CRÓNICA</b>		O Monde Artiste continuando os seus artigos				✓	✓		
				+ No Bulletin Hebdomadaire				✓	✓		
				+ Diz o agricultor francês				✓	✓		
				+ A galeria das artes liberais em que o público	✓	✓	✓	✓	✓		
49	27 Jun	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 26 DE JUNHO	Têm ultimamente os jornais ministeriais	✓	✓	✓ <sup>185</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		Tem o telegrafo anunciado a nota colectiva	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
				José Mª de Alm Teixei de Queirós despede-se						42	
		<b>CRÓNICA</b>		Em Lisboa realizou-se o meeting da	✓	✓	✓	✓	✓		
				+ Acaba de instalar-se na				✓	✓		
		+ Crimes e delitos									
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>	Vítor Hugo	Em seguida publicamos	✓	✓		✓			

<sup>185</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>186</sup> Surge como Crónica, embora no *DE* não surja nessa secção.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº	
50	30 Jun	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 29 DE JUNHO	Fecharam-se as câmaras. É a ocasião	✓	✓	✓ <sup>187</sup>	✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Deputados								
		<b>CRÓNICA</b>		Évora nestes dias tem estado com	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>LEITURAS MODERNAS</b>	A FEIRA DE SÃO JOÃO M.	O pitoresco vai-se! Vai-se como os deuses	✓	✓	✓	✓			
51	4 Jul	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 3 DE JULHO	Fecharam-se as câmaras; o rei vai viajar	✓	✓	✓ <sup>187</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		Alguns jornais publicam um despacho				✓	✓		
		<b>AS CÂMARAS</b>	+ Pares + Cortes gerais								
		<b>CRÓNICA</b>		Vários jornais publicaram telegramas					✓	✓	
				+ Confirmam-se desgraçadamente					✓	✓	
				+ Acerca das colheitas em França					✓	✓	
				+ O novo jornal francês					✓	✓	
				+ A fruta é de melhor ou pior					✓	✓	
				+ Uma folha de Paris descreve					✓	✓	
				+ Diz uma carta de Paris					✓	✓	
	+ O Vice-Rei do Egipto						✓	✓			
	+ Diz um jornal francês					✓	✓				
	+ Vítor Hugo escreveu uma carta					✓	✓				
	<b>+ Crimes e delitos</b>										
52	7 Jul	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 6 DE JULHO	Foi fuzilado o imperador Maximiliano	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		As últimas notícias recebidas do México				✓	✓		
				+ Na Itália lê-se o seguinte:				✓	✓		
		<b>Notícias da Exposição</b>	Tendo passado em revista as 7 galerias	✓	✓	✓ <sup>188</sup>	✓ <sup>188</sup>	✓ <sup>188</sup>			
			+ Transcrevemos da Patrie	✓		✓ <sup>188</sup>	✓ <sup>188</sup>	✓			
			+ Depois da galeria das belas artes	✓		✓ <sup>188</sup>	✓ <sup>188</sup>	✓			
			+ O oriente foi quem fez maiores despesas	✓		✓ <sup>188</sup>	✓ <sup>188</sup>	✓			
		<b>CRÓNICA</b>		Vítor Hugo dirigiu a Juarez – carta	✓	✓		✓	✓		
				+ Parece confirmar-se, infelizmente, a notícia	✓	✓	✓	✓	✓		
				+ Os jornais dos Estados Unidos	✓	✓	✓	✓	✓		
	+ É um facto sabido que o parlamento inglês		✓	✓	✓	✓	✓				
	+ Na entrada do palácio da exposição					✓	✓				
	<b>+ Obituário</b>										

<sup>187</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>188</sup> Surge como Crónica, embora no *DE* não surja nessa secção.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº	
53	11 Jul	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 10 DE JULHO	Fica agora a política estacionária	✓	✓	✓ <sup>189</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>	[Dp do discours do imperad Napoleão]	Escrevem de Viena que há mais de um mês				✓	✓		
		<b>CRÓNICA</b>		Diz um jornal da Beira: a colheita de centeio					✓	✓	
				+ Em 1810 o povo mexicano					✓	✓	
				+ Vai fundar-se em Nova York					✓	✓	
			<b>+ Crimes e delitos</b>								
	<b>+ Proclamas de casamento</b>										
	<b>LEITURAS MODERNAS</b>	(Do nosso correspondente literário)	Em Lisboa, meus amigos a notícia ass AZ		✓	✓	✓	✓	✓		
54	14 Jul	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 13 DE JULHO	Segundo a coorte estréna dos panegiristas	✓	✓	✓ <sup>189</sup>	✓	✓		
				Há na vida política, como em toda	✓		✓ <sup>189</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		Entre os pormenores da morte				✓	✓		
		<b>CRÓNICA</b>	<b>O México</b>	Reunimos nesta secção todos os		✓	✓	✓	✓	✓	
				[Transcrição de uma notícia]					✓ <sup>190</sup>	✓ <sup>190</sup>	
				+ Diz-se que o presidente Juarez					✓	✓	
				+ No dia 17 do corrente devia					✓	✓	
				+ Diz um correspondente de Paris					✓	✓	
		+ O sr. Montezuma XV					✓	✓			
	<b>+ Crimes e delitos</b>										
55	18 Jul	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 17 DE JULHO	Hoje a escassez nos ameaça	✓	✓	✓ <sup>189</sup>	✓	✓		
		<b>CRÓNICA</b>	<b>+ Proclamas de casamento</b>								
			<b>+ Crimes e delitos</b>								
<b>LEITURAS MODERNAS</b>	O Réu Tadeu		Ass ALM	✓ <sup>191</sup>			✓ <sup>192</sup>				
56	21 Jul	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 20 DE JULHO	O governo, depois de espoliar o país	✓	✓	✓ <sup>189</sup>	✓	✓		
			<b>Notícias da exposição</b>	Perto do farol de que, num dos artigos antecede	✓	✓	✓ <sup>193</sup>	✓ <sup>193</sup>	✓ <sup>193</sup>		
		<b>CRÓNICA</b>		No dia em que foi fuzilado		✓	✓	✓	✓	✓	
				+ O jornal francês La Liberté		✓		✓	✓	✓	
<b>LEITURAS MODERNAS</b>	O Réu Tadeu Continuado do nº 55		Ass ALM	✓ <sup>191</sup>			✓ <sup>191</sup>				

<sup>189</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

<sup>190</sup> Em nota de rodapé, é dada a informação de que este texto é uma longa transcrição de uma notícia de um jornal açoriano.

<sup>191</sup> A compilação em DVD do Projecto Vercial, ainda que tenha seguido a lição da Editorial Presença, não inclui este texto.

<sup>192</sup> Não surge na edição em 3 volumes de 1981, surgindo apenas na edição em papel Bíblia de 1986.

<sup>193</sup> Surge como Crónica, embora no *DE* não surja nessa secção.

Nº	1867	Secção do jornal	Título do texto	Texto	Presenç	L Bras	Circ L	Lello	Nv Agui	A nº	
57	25 Jul	[1º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 24 DE JULHO	A política ora se concentra	✓	✓	✓ <sup>194</sup>	✓	✓		
				Em a folha do Sul publicada em 13	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		-As cartas de Roma dizem que aquela	✓	✓	✓	✓	✓		
		<b>CRÓNICA</b>			No jornal intitulado Courier				✓	✓	
					+ Foram muitos os presentes oferecidos				✓	✓	
					+ Conta-se que o coronel Lopez				✓	✓	
					+ Informações agrícolas do distrito				✓	✓	
		+ Chegou a esta cidade o sr. António				✓	✓				
		<b>+ Crimes e delitos</b>									
58	28 Jul		<b>[Trespasse do jornal]</b>	A empresa fundadora						43	
		[2º texto da 1ª pág.]	ÉVORA 27 DE JULHO	Em o nosso último número vimos que	✓	✓	✓ <sup>194</sup>	✓	✓		
		<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>	[resumo de um artigo do <i>Times</i> ]	Na correspondência de Matamoros							44
		<b>CRÓNICA</b>			Com o título Prognosticador				✓	✓	
			+ Os médicos e os cirurgiões do hospital	✓	✓	✓	✓	✓			
59	1 Agt	<b>POLÍTICA ESTRANGEIRA</b>		A situação da Itália chama a atenção	✓	✓	✓	✓	✓		
				A folha do Sul em 2 artigos	✓	✓	✓	✓	✓		
60	4 Agt	<b>[Texto inicial a negrito]</b>		José Maria de Eça de Queirós						45	
60	4 Agt	<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>A Sociedade</b> a burguesia	Continuamos apresentando algumas páginas	✓	✓		✓			
61	8 Agt	<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>Viagem a Itália</b> A socied a burg	Aquela gente é extraordinariamente	✓	✓		✓			
62	11 Agt	<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>Viagem a Itália</b> A socied a burg	Nenhum futuro para um Mancebo	✓	✓		✓			
63	15 Agt	<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>Viagem a Itália</b> A socied a burg	Desejam os Romanos?	✓	✓		✓			
64	18 Agt	<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>Viagem a Itália</b> A socied a burg	A grande infelicidade	✓	✓		✓			
65	22 Agt	<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>Viagem a Itália</b> A socied o povo	Primeiro que tudo	✓	✓		✓			
66	25 Agt	<b>LEITURAS MODERNAS</b>	<b>Viagem a Itália</b> A socied o povo	O governo jamais (cont)	✓	✓		✓			

<sup>194</sup> Surge como «Correspondência do Reino» - (do nosso correspondente político).

São mais de uma centena os textos que surgem no *DE* cuja autoria se desconhece, tal como se pode constatar pela leitura dos quadros. No entanto, muitos outros, que surgem assinados e que, por isso, foram excluídos deste estudo, levantam questões relativamente à sua autoria, uma vez que a redacção deste jornal se revestiu de contornos que Joel Serrão considerou teatrais pelo jogo de despersonalização que envolveram: “aquilo que [Eça] poderia levar por diante era uma encenação e representação teatral especialmente complexa porque tudo dependeria de um único actor em cena...”<sup>195</sup>

Tal como já mostrámos anteriormente, vários são os estudiosos da obra eciana que destacam o carácter solitário deste projecto, afirmando que o escritor redigia sozinho todos os textos do periódico. Logo, seriam reais os muitos colaboradores que preenchiam largos espaços do jornal com textos que enviavam sob a forma de correspondência ou seriam personagens dessa encenação que procurava veicular uma ideia de dinamismo e larga divulgação do pequeno periódico provinciano?

A figura do correspondente literário, cujos textos são sempre assinados com as já referidas siglas A.Z., não põe problemas quanto à identificação do seu autor. Levanta sim a questão do jogo dialógico de despersonalização que consistia no escritor assumir a identidade de um outro que era afinal ele próprio e que poderá não se circunscrever a estes textos, mas alargar-se até a muitos outros que surgem assinados.

Carlos Reis fala numa “experiência de alteridade [...] [em que] um tal A.Z., [...] chega a esboçar um discurso dialógico com o redactor principal do jornal, isto é, com Eça ele-mesmo.”<sup>196</sup> e Joel Serrão afirma mesmo tratar-se de um processo de heteronímia: “Aquilo que perturba é que A. Z. nem sempre, mas por vezes, se exprime como um efectivo heterónimo de Eça”.<sup>197</sup> Mas é, talvez, uma outra expressão de Carlos Reis que melhor explica este processo de despersonalização de Eça: “Pode dizer-se, pois, que o jovem Eça cultivava, nesses tempos de iniciação, uma escrita (literária e

---

<sup>195</sup> SERRÃO, Joel, “Eça à procura de si próprio”, in *O primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, p. 116.

<sup>196</sup> REIS, Carlos, *Eça de Queirós: a escrita do mundo* (por ocasião do centenário da sua morte), p.21.

<sup>197</sup> SERRÃO, Joel, *op. cit.*, p. 121.

paraliterária) entendida não só como subversão mas também como factor de dissolução de autoria.”<sup>198</sup>

Ana Piedade referiu-se a estas potencialidades pluridiscursivas de Eça quando estudou a criação da figura de Fradique Mendes, considerando que, no *Distrito de Évora*, já se anunciava a característica dual da personalidade literária deste escritor português que esteve na base da criação de uma imensa galeria de personagens que desfilaram pelos seus muitos textos literários:

[Eça] desde muito cedo se revelou como um verdadeiro «autor-actor»; não só pela tentativa continuada de representação de personagens diversos, mas simultaneamente, porque ele próprio se foi se foi afirmando como uma personagem teatralmente estruturada, assim exibindo um intrínseco modo de ser dialógico que ulteriores obras da sua maturidade virão a configurar com maior nitidez.<sup>199</sup>

Esta teatralização, tantas vezes confundida com tentativa de embuste ou mostra de um carácter desonesto, de que Eça foi frequentemente acusado, e esta simulação lúdica, que o tornava receptor de cartas que não eram enviadas, constituíam uma estratégia literária reveladora de uma personalidade múltipla que espelhava um génio criativo ímpar. O “carácter totalmente inovador que esta experiência assumiu ao inaugurar uma prática cujas tradições não eram bem conhecidas no específico contexto temporal em que escreveu”<sup>200</sup> valeu-lhe, pois, a incompreensão de muitos, incapazes de avaliar o verdadeiro alcance desta sua característica que só viria a ter expressão e reconhecimento no movimento modernista do *Orpheu*.

Esta dissolução de autoria, para utilizar a expressão de Carlos Reis, que lhe permitia veicular uma ideia de dinamismo e polivocalidade relativamente ao jornal que dirigia, parece ter-se repetido em outros textos do periódico. Talvez por isso, algumas cartas não assinadas, mas enviadas por um outro correspondente, foram consideradas por alguns estudiosos como sendo da sua autoria. É o caso das cartas publicadas nos

---

<sup>198</sup> REIS, Carlos, “Eça de Queirós e a aprendizagem da escrita ficcional”, in *Estudos Queirosianos - Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*, p. 168.

<sup>199</sup> PIEDADE, Ana Nascimento, “O espírito Romântico e a antecipação modernista”, in *Fradiquismo e Modernidade no Último Eça (1888-1900)*, p.144.

<sup>200</sup> *Idem, ibidem*, p.152.

números 28, 39, 40, 41, 43 e 45 do *Distrito de Évora* e que constam de algumas colectâneas mais recentes, tendo pela primeira vez surgido na edição da Lello & Irmão.<sup>201</sup> A carta do número 40 é mesmo antecedida por um pequeno texto introdutório que a remete para uma autoria diferente das correspondências anteriores: “Recebemos de Lisboa esta correspondência particular dum outro cavalheiro.”<sup>202</sup>

Mas os números 33 e 37 do *DE* também incluem correspondência não assinada que suscita dúvidas quanto à sua autoria, uma vez que as cartas, ausentes de todas as compilações estudadas, não divergem em muito de outras que foram consideradas na recolha dos responsáveis pelas compilações dos textos.<sup>203</sup>

Assim, tal como se pode constatar pela análise dos quadros, há muitos textos no periódico eborense aos quais o grande público não tem acesso por não constarem das recolhas anteriormente efectuadas e que nos parecem justificar a inclusão numa colectânea completa dos textos do *Distrito de Évora*. De todos eles, seleccionámos os referentes à secção «Correspondência do Reino», provenientes do Correspondente Político de Lisboa, por nos parecerem aqueles que, pela criatividade revelada e pelas analogias com outros textos considerados de Eça, mereciam um estudo que se enquadrava no âmbito do trabalho que agora se leva a cabo, no sentido da determinação da sua autoria.

Jaime Brasil afirmou que os textos do *DE* não eram conhecidos do público lisboeta<sup>204</sup> e uma passagem pelos periódicos que aí se publicavam revela isso mesmo, uma vez que são escassas as referências que a ele se fazem. Assim, para além do carácter polifacetado do autor, uma possível tentativa de veicular a ideia de que o *DE* era um jornal cosmopolita, lido e comentado em diversos pontos do país, poderá ter levado o seu director a criar uma plêiade de colaboradores que regularmente enviavam para o jornal correspondência proveniente dos locais em que se encontravam ou onde residiam. Para além de correspondentes de outros lugares do Alentejo, como Borba ou Campo Maior, havia também um do Porto e outros de Lisboa.

---

<sup>201</sup> Cf. QUEIRÓS, Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I. As cartas surgem, respectivamente, nas páginas 323, 406, 419, 434, 451 e 472.

<sup>202</sup> *Idem, ibidem*, p. 419.

<sup>203</sup> Ver anexos 33 e 37.

<sup>204</sup> Cf. BRASIL, Jaime, “Eça de Queiroz, Jornalista”, in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, p. 512.

Existem cartas de correspondentes em quase todos os números do *DE*, mas aquelas sobre as quais nos vamos debruçar são as que Eça de Queirós reuniu na secção «Correspondência do Reino». Esta secção surgiu logo no primeiro número do jornal alentejano e incluía uma carta de alguém que abordava assuntos políticos e se dirigia aos leitores do periódico com familiaridade, usando uma forma de cumprimento reveladora dessa proximidade: “Meus amigos: nós, aqui em Lisboa, respectivamente ao mundo político, estamos numa simples atitude de curiosidade.”<sup>205</sup> Este colaborador, que nessa primeira carta comenta a abertura das Cortes, mas também o programa dos grandes teatros de Lisboa, virá a assumir-se, a partir do número 3, como correspondente literário da publicação e abandonará a temática política, tal como afirma na segunda carta que envia para o jornal e que já assina com o anagrama A.Z.:

Meus amigos: depois da minha última carta, carta imensa e fatigadora, eu sei que têm um correspondente político desta boa terra. Melhor. Eu deixo-lhe para ele a análise das coisas políticas, a fadiga de revolver as bagagens do mundo oficial, o nobre mas monótono mister de discutir os governos. Eu continuarei, meus amigos, falando-lhes dos teatros, dos livros, dos enfeites, das alegrias de Lisboa, do Sol e das árvores – serenamente, humoristicamente.<sup>206</sup>

As cartas deste correspondente literário surgem em onze números do periódico<sup>207</sup>, todas assinadas do mesmo modo, mas nem sempre incluídas na secção «Correspondência do Reino», em que surgiram inicialmente pois, a partir do número doze, passam a ocupar o espaço destinado ao folhetim, no rodapé da primeira página.

Todas estas cartas foram consideradas da autoria de Eça de Queirós por todos os estudiosos, desde a sua primeira publicação pela *Seara Nova*, em 1943. Mesmo a primeira das cartas, que não é assinada nem antecedida por qualquer designação identificativa do correspondente e da temática tratada, o que só virá a acontecer a partir do segundo número, parece nunca ter suscitado dúvidas quanto à sua autoria aos investigadores que orientaram a recolha dos textos do periódico dirigido por Eça.

---

<sup>205</sup> QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora»* (1867), vol. I, p. 533.

<sup>206</sup> *Idem, ibidem*, p. 541.

<sup>207</sup> Os textos do correspondente que assina A.Z surgem nos seguintes números do *DE*: 3, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 16 e 53.

Mas não houve as mesmas certezas relativamente a outros textos também incluídos na secção «Correspondência do Reino» e que foram publicados a partir do número 2. Neste segundo número surge uma nova carta, também vinda de Lisboa e igualmente não assinada, mas que apresenta um tom de menor familiaridade, uma vez que se inicia, de imediato, com a temática política e não ostenta nenhum vocativo preambular: “A política tem estado amortecida. Agora com a reunião das câmaras vai reanimar-se, e entrar numa nova fase.”<sup>208</sup> Esta carta vem antecedida pela designação, entre parênteses, “Do nosso correspondente político” e, tal como as seis que se lhe seguem até ao número 8, não foi considerada em nenhuma recolha como sendo um texto eciano.

No número 9, os textos desta secção são assinados por dois colaboradores, F. A. de Carvalho Lamas, do Porto,<sup>209</sup> e Morais Sarmiento, de Campo Maior,<sup>210</sup> que vão continuar a colaborar com o periódico, mas cujos textos não voltarão a integrar esta secção. Só depois da inserção, na «Correspondência do Reino», dos textos destes dois correspondentes que não escrevem a partir de Lisboa, as cartas do correspondente político passam a ser atribuídas a Eça e, concomitantemente, a figurar nas compilações dos textos de sua autoria. Nenhum estudioso apresenta qualquer explicação para este facto, daí que não se possa considerar esta ocorrência no nono número do periódico determinante para a atribuição da autoria dos textos que a antecedem. Além disso, também não encontramos no jornal qualquer explicação para que Eça tenha decidido incluir textos destes dois correspondentes nesta secção e não o tenha voltado a fazer. Serão estes dois colaboradores, à semelhança de A.Z e do correspondente político, também produto da alteridade eciana?

Guerra da Cal também não é muito esclarecedor acerca da autoria das sete primeiras cartas do “Correspondente político”, uma vez que, ao enumerar os textos do *DE*, incorre em imprecisão idêntica à dos restantes estudiosos da obra eciana que partem do conceito moderno de crónica para classificar alguns artigos. Para Guerra da Cal, as cartas do correspondente político são elencadas como crónicas, bem como o são outros artigos sobre igual temática, e daí resulta a sua afirmação, que diverge do que se

---

<sup>208</sup> *Distrito de Évora*, 10 de Janeiro de 1867. Ver anexo 3.

<sup>209</sup> Ver anexo 49.

<sup>210</sup> Ver anexo 50.

pode observar no original impresso, de que existem duas crónicas deste correspondente no número 2 do jornal.<sup>211</sup>

Assim, sem o contributo dos que anteriormente estudaram estes textos, só uma análise dos mesmos pode permitir pôr em relevo características que consideramos muito semelhantes às que apresentam outras epístolas do periódico integradas nas compilações estudadas como tendo sido escritas por Eça.<sup>212</sup>

Uma primeira leitura revela textos redigidos num discurso muito sincopado e com recurso a um nível de língua familiar, em que fica patente uma certa agressividade de trato. Mas partindo do princípio de que o director do periódico pretendia simular a existência de vários colaboradores, não seria estranho que adoptasse um estilo ligeiramente diferente daquele que usava na redacção dos restantes artigos.

Maria João Simões explica esta multiplicação de identidades com a falta de colaboradores, “Trata-se de facto do próprio Eça que, para colmatar a falta de colaboradores, se desdobrava em vários colaboradores para preencher as diferentes secções do jornal que então dirigia.”<sup>213</sup>, mas Jaime Brasil atribuiu-o à tentativa de passar a ideia de dinamismo e de grande divulgação do pequeno periódico alentejano: “Multiplicava-se para dar a impressão de ter muitos colaboradores.”<sup>214</sup>

A correspondência de colaboradores era muito frequente nos jornais da época, preenchendo largo espaço do corpo do jornal. No entanto, estes textos não têm um carácter pessoal semelhante à correspondência particular trocada entre dois sujeitos, deslocados no tempo e no espaço; eles são os antecessores da reportagem que, nos jornais de Lisboa, nomeadamente no *Diário de Notícias*, começava a ter um papel preponderante: “É também com o *Diário de Notícias* que nasce a reportagem, palavra nova e género inovador no jornalismo da época, muito mais afeiçoado à crónica e à

---

<sup>211</sup> GUERRA DA CAL, Ernesto, *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz (Apéndice – Bibliografía queirociana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra)*, p. 159.

<sup>212</sup> Os textos a analisar são os correspondentes aos anexos 3, 5, 6, 9, 10, 11 e 13.

<sup>213</sup> SIMÕES, Maria João A. F., *Correspondências: Eça e Fradique – Análise de estratégias epistolográficas*, p. 76.

<sup>214</sup> BRASIL, Jaime, “Eça de Queiroz, Jornalista”, in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, p. 512.

opinião.”<sup>215</sup> Fernando Cascais define assim o correspondente jornalístico actual que não difere muito do que existia no século XIX:

Jornalista profissional ou colaborador (aquele que não faz da actividade jornalística a sua ocupação principal, permanente ou remunerada) que num determinado local ou região do país ou do estrangeiro trabalha regular ou pontualmente para um órgão de informação.<sup>216</sup>

No século XIX, estes colaboradores redigiam informação considerada de interesse para o público do jornal destinatário, mas enviavam-na em forma do discurso epistolar particular. Era frequente um preâmbulo quase familiar, que já não existe nos artigos dos actuais correspondentes, que estabelecia a ligação entre o emissor e o destinatário e que deixava entender uma certa familiaridade entre ambos. É por isso que, quase todas as cartas do *DE* são iniciadas pelo vocativo “Meus amigos”.

Mas a circunstância de o destinatário da correspondência ser um sujeito colectivo, o público do jornal, distingue estes textos da correspondência particular. Esta circunstância vai determinar a temática abordada, uma vez que, para além da visão subjectiva do emissor, estas cartas não apresentam qualquer dado pessoal, tornando-se, assim, efectivamente textos noticiosos. Esta correspondência reveste-se então de um carácter simultaneamente informativo e de opinião pois dá conta de factos e acontecimentos, ao mesmo tempo que apresenta uma visão judicativa do seu autor.

Segundo José Tengarrinha, os correspondentes eram uma fonte de informação habitual nos jornais do século XIX:

As notícias chegavam então aos jornais portugueses apenas por três processos: dos correspondentes na província (quase só nas capitais de distrito) ou dos leitores que escreviam a contar qualquer facto de interesse, em geral de natureza política; das edições de jornais de outros centros nacionais ou estrangeiros, sendo indicada a origem [...]; e recolhidas na redacção ou, pelos redactores, nos círculos políticos, sem grande cuidado de verificação da sua exactidão,<sup>217</sup>

---

<sup>215</sup> MASCARENHAS, Óscar, “Um jornal de iniciativa”, in *Diário de Notícias fundado em 1864 – Um jornal ao serviço do leitor*, p. 9.

<sup>216</sup> CASCAIS, Fernando, “Correspondente”, in *Dicionário de Jornalismo, As Palavras dos Media*, p. 62.

<sup>217</sup> TENGARRINHA, José, “A imprensa Romântica ou de Opinião”, in *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, p. 189.

Está este autor a referir-se aos grandes jornais de Lisboa, daí que, no *Distrito de Évora*, a colaboração dos correspondentes funcionasse em sentido contrário, uma vez que, sendo um jornal de província, tinha os seus correspondentes mais importantes, ainda que produto da imaginação e da criatividade do seu director, situados na capital do reino.

O texto epistolográfico é escrito para um outro ao qual o emissor se dirige, abrindo o seu texto com uma forma de tratamento tão mais familiar quanto mais próximas forem as relações que mantém com o seu interlocutor. Mas enquanto as cartas do correspondente literário são todas iniciadas com a forma de tratamento familiar “Meus amigos”, as do correspondente político não o são e isso pode ter constituído um factor de exclusão destes textos das recolhas dos estudiosos. Talvez não tenha sido por acaso que o texto do número 10 do *DE*, o único a apresentar esse mesmo vocativo, tenha sido o primeiro texto, sob a epígrafe de “Correspondente Político”, a ser considerado da autoria de Eça.

Além disso, poderia haver, por parte de Eça, a intenção de distinguir os dois correspondentes com um grau de familiaridade diferente em relação ao público a que se estavam a dirigir. Isso parece ser comprovado pelo facto de os textos do correspondente político, exceptuando o do décimo número do *DE*, não voltarem a ser iniciados com o familiar vocativo, habitual nas cartas do homónimo literário. Contudo, esta expressão familiar voltará a surgir noutros textos epistolares do periódico, tanto nos atribuídos a Eça<sup>218</sup>, como nos sete que não o foram.<sup>219</sup>

Assim, se o não emprego deste vocativo no início das cartas pode ter levado a que não se considerasse Eça como o autor dos textos, também pode ser revelador de uma regularidade textual que permita atribuir uma autoria comum a todas as cartas desse correspondente.

---

<sup>218</sup> Cf. QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I, p. 286. A carta do correspondente político do número 21, termina com um parágrafo iniciado com esse vocativo: “Meus amigos, o governo, pela boca melíflua e crisostómica do Sr. Luciano de Castro, pede que tenhamos coragem e paciência; creio que devemos fazer a vontade a este pobre e excelente governo: tenhamos paciência e tenhamos coragem.”

<sup>219</sup> O mesmo vocativo surge nos textos do correspondente político publicados nos números 5, 7 e 8 do *DE*, respectivamente anexos 9, 11 e 13.

Mas também a nível das temáticas abordadas há muitas similitudes. À semelhança dos textos de Eça, os sete textos excluídos abordam temáticas ligadas à política, ao jornalismo, aos interesses económicos, mas também à vida social dos bailes e dos espectáculos. Há inclusivamente um detalhe que nos parece curioso por também ser comum a vários textos do *DE* e que é o facto de o correspondente contar pequenas histórias ilustrativas do seu ponto de vista.

No número 6 do *DE*, o correspondente político conta uma história antiga que surge a propósito de um baile e da divulgação que dele é feita:

A propósito disto vou contar-vos, e a eles, uma pequena história.  
O célebre pianista Mansui foi convidado a jantar por uma certa fidalga.  
Apenas se ergueram da mesa, a fidalga pediu-lhe que tocasse uma das  
suas músicas favoritas.<sup>220</sup>

Mas o mesmo tipo de discurso narrativo surge também em textos considerados de Eça, como este do correspondente literário publicado no número 8 do jornal alentejano:

De resto, corre por aí uma história que se deu há muito, isto é, há dois meses, que eu ouvi num salão e que tem graça e perversidade. Foi o caso: chegou a Lisboa, de Montevideu, um homem rico, velho, apaixonado, violento, cheio de sangue e de vida – mas horripelantemente velho e horripelantemente imbecil.<sup>221</sup>

E ainda surge nos textos do correspondente político considerados de Eça, como este que foi publicado no número 10:

Houve já um homem que durante a vida foi adulado, festejado, acalentado. Para ele os jantares melhores, os brindes mais pomposos. Para ele o sorriso mais terno, o olhar mais afectuoso. [...] Ao morrer, todos o cercavam esperando o testamento; julgavam-no avarento.<sup>222</sup>

---

<sup>220</sup> Ver anexo 10.

<sup>221</sup> Cf. QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I, p. 557.

<sup>222</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 154.

Estes textos realizam uma função didáctica muito próxima das parábolas bíblicas pois servem de facilitadores da veiculação das opiniões do autor do texto. O facto de serem uma estratégia comum a vários textos da correspondência do *DE* poderá ser revelador de autoria afim.

Também não deverá ser coincidência o facto do autor do texto do número 7 revelar o seu desagrado relativamente ao campo de Tancos e Eça, no artigo do número 45, apresentar a mesma opinião. Depois de, no primeiro, o autor anunciar a intenção de posteriormente expressar a sua opinião relativamente a esse espaço: “Ainda vos hei-de dizer o que penso do acampamento de Tancos.”<sup>223</sup>, no segundo texto concretiza esse intento: “A mim cobre-se-me o rosto de vergonha, quando me lembro que se gastaram centenas de contos de reis só para os nossos soldados irem a Tancos ouvir missa em grande parada!”<sup>224</sup> Este consenso de opiniões, revelado em vários outros artigos, pode também indiciar a mesma autoria.

As frases curtas e o discurso sincopado dos sete textos dos primeiros números do jornal causam estranheza e suscitam dúvidas quanto à sua redacção por Eça. No entanto, idêntico processo estilístico surge em muitos textos epistolares do periódico. A título de exemplo veja-se o diminuto tamanho dos parágrafos do texto do número 13, “O que esperam eles? // Andam fazendo uma colisão fantástica.”<sup>225</sup>, ou do 14, “Na câmara tem sido aprovado o projecto sobre as pensões, e com razão.”<sup>226</sup>

Lopes de Oliveira distingue a expressão deste Eça inicial da que virá a apresentar posteriormente, em outras suas produções escritas, considerando-a longe da qualidade que virá a demonstrar:

Não sabe escrever: a sintaxe é frouxa; o vocabulário, restrito, obriga-o a repetir palavras amiúde; o próprio significado de certos vocábulos é para ele muito problemático; a adjectivação falha-lhe; as ideias nem sempre encontram a devida expressão;<sup>227</sup>

---

<sup>223</sup> Ver anexo 9.

<sup>224</sup> QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora»* (1867), vol. I, pp. 473-474.

<sup>225</sup> *Idem, ibidem*, p. 191.

<sup>226</sup> *Idem, ibidem*, p. 196.

<sup>227</sup> OLIVEIRA, Lopes de, *Eça de Queirós*, p. 47.

Também Joel Serrão classifica o estilo deste Eça inicial como pouco apurado, embora reconheça uma ligação estreita entre os textos da correspondência do reino e *As Farpas*: “Claro que o estilo evoluiria e ter-se-ia tornado, cada vez mais, propriamente eciano. Quanto ao resto, porém, é a mesma atitude da mesma personagem teatralmente definida, apenas mais refinada no modo de se exprimir.”<sup>228</sup>

Assim, embora pouco característico do Eça que viremos a admirar numa fase mais madura da sua produção literária, o semelhante discurso sincopado que apresentam, quer os sete textos sem autor, quer os outros cuja autoria se conhece, parece-nos ser mais uma característica que pode significar autoria comum.

O nível de língua usado poderá ser mais um aspecto de aproximação destes diferentes textos. Embora estranho, uma vez que se aproxima de tal forma de um registo popular que chega a parecer grosseiro, muitos são os textos que, reveladores de uma militância própria da jovem idade do seu autor e da posição partidária que viera ali defender, o apresentam como marca estilística. As expressões que surgem nos textos sem autor, como “e bota os bofes pela boca [...] em defesa de um ministro”,<sup>229</sup> ou “ouvir uns certos políticos de água doce”<sup>230</sup>, ou ainda “Os paspalhões embonecam-se”<sup>231</sup>, não são muito diferentes de outras de textos presentes nas colectâneas de artigos do *DE*. Senão, atente-se nas seguintes expressões: “falar no campo de Tancos até faz nojo.”<sup>232</sup>, ou “fazer a boca doce a esses *lazaroni* que estão todos os dias a engraxar [sic] as botas dos ministros!”<sup>233</sup>, ou ainda “Os nossos ministros julgavam que, por lhe macaquearem a política”<sup>234</sup>. Não são também estas enunciações mostras de um registo popular? Então, o nível de língua que os sete textos apresentam, ainda que invulgar na escrita de Eça, também não pode ser critério para os excluir da obra do escritor oitocentista, uma vez que, em muitos outros textos do periódico considerados seus, ele surge como característico desta fase inicial da sua produção artística.

---

<sup>228</sup> SERRÃO, Joel, “Eça à procura de si próprio”, in *O primeiro Fradique Mendes*, p. 117.

<sup>229</sup> Ver anexo 9.

<sup>230</sup> Ver anexo 10.

<sup>231</sup> Ver anexo 11.

<sup>232</sup> QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I, p. 473.

<sup>233</sup> *Idem, ibidem*, pp. 436-437.

<sup>234</sup> *Idem, ibidem*, p. 454.

Os recursos estilísticos usados são igualmente semelhantes, recorrendo o autor às metáforas, às enumerações, às frases exclamativas, e às muitas interrogações retóricas a que acaba ele próprio por dar resposta. Quer nos sete textos, quer nos restantes da «Correspondência do Reino», abundam as frases emotivas e expressivas características da militância e do carácter panfletário que caracterizam a função político-partidária para a qual Eça fora contratado.

Ainda que a linguagem e o estilo destes sete textos possam parecer pouco característicos da criação eciana, apesar de se assemelharem, como procurámos demonstrar, a outros textos ecianos do jornal, é possível que eles constituam uma estratégia do seu autor para marcar a distinção do correspondente político, quer em relação ao literário, quer em relação ao redactor principal do periódico. Nos primeiros números do DE, há uma mais evidente tentativa de diferenciamento estilístico-linguístico que poderá ter diminuído à medida que a identidade dos seus distintos autores começava a ser familiar ao público do jornal; diminuição essa que a utilização do vocativo “Meus amigos”, na oitava carta do correspondente político, parece indiciar. Assim, apesar das várias semelhanças entre estes sete textos sem autor e outros do mesmo correspondente atribuídos a Eça, o seu invulgar estilo, no âmbito da produção artística eciana, poderá estar ligado ao processo de simulação e ao jogo de despersonalização que Eça pretendia levar a cabo.

Quem seria então o autor destes sete textos senão o próprio Eça de Queirós? Agitador, militante, denunciador da corrupção, cínico que se identifica como Diógenes<sup>235</sup> porque, desapegado dos bens materiais, procurava, com o seu pequeno jornal de província, acusar aqueles que punham os seus interesses pessoais à frente da causa comum? Ou apenas alguém que, através da criação de múltiplos colaboradores, recusava os limites que a sua condição de autor jornalístico lhe impunha e dava largas à sua natural tendência para a criação artística que prefigura já um ensaio, embora ainda não estruturado, do que virá a ser a heteronímia?

---

<sup>235</sup> Ver anexo 11.

## CONCLUSÃO

Para muitos estudiosos da obra queirosiana, a direcção do jornal *Distrito de Évora* constituiu um mero facto biográfico a que se referem nos seus estudos. Concomitantemente, os textos que Eça para ele escreveu foram considerados pouco interessantes e não merecedores de grande investigação. O esquecimento a que têm sido votados estava bem patente na ausência de um estudo sobre o próprio jornal, sua estrutura e organização. Quis este trabalho prestar um modesto contributo para um melhor conhecimento, não só dessa fase inicial da carreira deste escritor, como da própria obra que nos legou.

Ao emprendermos esta tarefa, procurámos reunir a opinião daqueles que, com os seus estudos, nos permitiram reconstituir o período de sete meses que o escritor oitocentista viveu em Évora. Era nosso ensejo perceber, assim, que significado teve esta fugaz passagem pela província, não só na própria evolução do periódico, como também na ulterior obra do escritor oitocentista. De acordo com vários exegetas ecianos, o *DE* constitui uma espécie de ensaio, não só para a criação de algumas das muitas personagens da sua extensa obra ficcional, como também para o apuramento estilístico que o escritor veio posteriormente a revelar.

Por outro lado, o conhecimento mais profundo dos aspectos biográficos permitiu também pôr a hipótese de que a negatividade da experiência, referida por alguns autores e aparentemente demonstrada pelo mutismo do escritor em relação a ela, se tivesse reflectido na própria organização do periódico, bem como na redacção dos textos nele incluídos. Nesse sentido, encetámos um estudo do jornal que, não se detendo na análise dos textos, permitisse conhecer a sua estrutura, a sua organização e a sua evolução enquanto produto da criatividade de um autor. E as muitas oscilações organizativas do periódico, o abandono de algumas secções basilares e a insistência em outras que dependiam muito mais da habitual leitura de periódicos do seu autor e muito menos do seu génio criativo, fazem perceber que esta publicação acabou por também ser reflexo do estado de espírito daquele que a criou e a dirigiu.

O jornal *Distrito de Évora* é uma obra inteira, com uma organização própria e reveladora de um sentir de quem viveu durante largos meses numa cidade que não

reconhecia o valor do seu trabalho e que não constituía um estímulo profissional nem pessoal. Muitos estudiosos preferiram fragmentá-la, organizando-a tematicamente e dando-a a conhecer segundo critérios nem sempre claros e muitas vezes pouco rigorosos. Impediram, assim, o conhecimento de uma obra que, como um romance, apresenta uma organização interna e uma evolução própria que procurámos aqui demonstrar.

O estudo permitiu-nos ainda confrontar o jornal que Eça dirigiu com outros da mesma época, quer provenientes da capital, quer vizinhos da mesma cidade alentejana. E foi possível perceber que Eça não foi original e inovador na criação deste periódico, uma vez que seguiu modelos de outros jornais, não só a nível gráfico, mas também no que respeita às suas secções e aos temas abordados. No entanto, houve sempre uma singular marca eciana em muitos dos aspectos constitutivos do periódico eborense, quer na criação e desenvolvimento de algumas secções, quer principalmente na posição crítico-ideológica que veiculavam muitos dos seus textos, ainda hoje bem actuais.

Quando, nos anos oitenta, Martins Gaspar, no jornal *O Dia*<sup>236</sup>, elogiava a iniciativa da publicação dos textos do *Distrito de Évora*, exortava todos os profissionais a ler as palavras de Eça que tão actuais ainda eram e que tão actual conceito de jornalismo veiculavam. Desconhecia, contudo, este autor que estaria a sugerir uma obra distante daquela que o escritor oitocentista produziu; desconhecia que lhe tinham sido alterados títulos, trocadas secções e ignorados textos, numa falta de rigor indesculpável e inaceitável. É com desgosto que percebemos que os mesmos erros se têm perpetuado e que, mais de quarenta anos volvidos, continuam a ser copiados.

Foi o cotejo do original do periódico com as várias colectâneas publicadas que permitiu constatar a existência de mais de uma centena de textos que surgem publicados, mas que não foram recolhidos pelos estudiosos por a sua autoria não ter sido atribuída a Eça. Para além de transcrevermos uma parte deles, que anexamos a este trabalho, seleccionámos sete que procurámos analisar no sentido de descobrir pontos de contacto com outros do escritor oitocentista. A sua existência enquanto textos de um correspondente político que, a partir do décimo número, passa a ser o próprio Eça, bem como a sua temática e algumas das suas características linguístico-estilísticas parecem-

---

<sup>236</sup> GASPAR, Martins, “Eça de Queiroz jornalista”, in *O Dia*, 24 de Janeiro de 1981.

nos atestar a possibilidade de estes textos terem também sido redigidos por Eça de Queirós.

O jornal alentejano surge, assim, como um espaço de criação artística deste escritor oitocentista que se desdobrou em várias figuras, como a de director, redactor principal e correspondente fictício, o que é já revelador de uma despersonalização que virá a ter desenvolvimento posterior na figura de Fradique Mendes. Mas esta teatralização, esta pluridiscursividade, este jogo de criação de personagens que contribuíam para veicular uma imagem de dinamismo e de larga divulgação do periódico podem também indiciar que, além dos textos presentes nas colectâneas já publicadas e destes que aqui recolhemos e mais pormenorizadamente estudámos, poderão existir muitos outros artigos publicados no *DE* que são também produto do génio criativo eciano.

Terminamos, por isso, o nosso estudo convictos de que há ainda um imenso trabalho a fazer relativamente aos textos deste jornal. Ficam por estudar muitos aspectos deste periódico que se nos afiguram interessantes para melhor conhecer a fase inicial da produção artística deste escritor oitocentista.

O *DE* transcreve inúmeros artigos de outros jornais, o que era prática corrente na imprensa época, que poderiam constituir um interessante objecto de estudo na tentativa de encontrar, não só linhas temáticas comuns, como também para recriar um hábito quotidiano do escritor, quer conhecendo as publicações que lia, quer descobrindo preferências e tendências pessoais. Além disso, alguns artigos poderão não ser meras transcrições, uma vez que, em alguns casos, se tratam de traduções de jornais estrangeiros e, noutros, de recriações e resumos provenientes de mais de uma fonte, tarefa que é, afinal, tão inerente à profissão jornalística. Conhecer até que ponto muitos desses textos, não incluídos em nenhuma colectânea, são produto da capacidade de síntese e de selecção de informação do director da publicação, poderia constituir também um interessante estudo.

Quando Carlos Reis, no ano em que se comemorou o centenário da morte do grande escritor, se referia à “história editorial sinuosa e acidentada”<sup>237</sup> das obras

---

<sup>237</sup> REIS, Carlos, “Eça renovado: fundamentos e objectivos de uma edição crítica”, in *Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, p. 266.

ecianas, elencava já como textos a incluir numa edição crítica os artigos do *DE*. No entanto, oito anos se passaram e essa edição continua a não existir, ainda que esteja prevista e até já tenha como título *Textos de Imprensa - I (d'O Distrito de Évora)*. Tal como então dizia, “não basta celebrarmos a perenidade de Eça e a sua suposta actualidade: é necessário sabermos até que ponto a sua obra, nas edições de que dispomos, corresponde efectivamente a um legado artístico consolidado e, ainda hoje, autêntico.”<sup>238</sup>

Por isso, fica, sobretudo, por fazer a edição crítica destes textos, não organizada tematicamente, mas respeitando a atribuição dos títulos, a designação das secções e a sequência dos textos em cada número do jornal. Só assim, estudiosos e público em geral poderiam conhecer as verdadeiras disposições do director do periódico, os estados de espírito que presidiram aos diferentes momentos da sua criação jornalística e a real sequência da obra que foi afinal, como lhe chamou Gaspar Simões, “o primeiro romance de Eça de Queirós.”

Foi na direcção deste jornal que Eça pôde experimentar e desenvolver o trabalho de imprensa, nas suas mais variadas vertentes: o artigo crítico, o texto informativo, a peça cômica, o poema, a tradução e um sem número de outros textos publicados nas suas folhas espelham um trabalho dedicado e intenso, mas também um carácter lutador e determinado. Como nenhum outro dos periódicos com os quais o escritor colaborou ao longo da sua vida, o *Distrito de Évora* oferece, a quem a ele se dedicar, páginas ainda desconhecidas que permitem conhecer mais profundamente o verdadeiro Eça jornalista.

---

<sup>238</sup> *Idem, ibidem*, p. 266.

**ANEXOS****ANEXO 1****DE nº 1, 6 de Janeiro**

A empresa deste jornal remete o seu primeiro número a todas as pessoas, a quem julgou não ser indiferente um jornal, que indicasse as necessidades do Alentejo, pugnassem pelo seu direito e acusasse energicamente os abusos que ele sofria: oferece assim o programa das suas ideias a todos os que quiserem unir-se a elas, pela justiça e pela razão.

Aqueles a quem o jornal for indiferente reenviá-lo-ão à sua administração.

**ANEXO 2****DE nº 1****Interesse provincial**

Esta secção foi reservada para os interesses que afectem a terra do Alentejo.

A empresa tem sempre francas e amigáveis as páginas deste jornal para todos os homens ricos ou pobres, humildes ou influentes, das cidades, das vilas, dos campos, de todo o Alentejo, que queiram vir falar dos interesses da sua localidade, revelar-lhe as necessidades, apontar-lhe os melhoramentos precisos ou acusar os abusos que aí se cometam.

Esta secção ficará assim como um honroso arquivo, em que se foram notando e discutindo, dia por dia, as necessidades desta província trabalhadora. Os que governam poderão não atender; no entanto à empresa fica a consciência de ter dado, pela publicação, o seu modesto apoio moral a todas as reclamações justas, a todas as exigências dignas e honrosas.

**ANEXO 3****DE nº 2, 10 de Janeiro****Correspondência do reino**

Lisboa

(Do nosso correspondente político)

A política tem estado amortecida. Agora com a reunião das câmaras vai reanimar-se, e entrar numa nova fase.

Não se pode conhecer ainda qual será a atitude do parlamento perante o governo.

As câmaras têm-se ocupado das eleições das mesas e comissões. Estas eleições, que têm sido pouco concorridas, e de modo nenhum disputadas, não caracterizam a

feição política do parlamento. Nesta parte o governo tem estado completamente desembaraçado.

Consta que o governo queria que a presidência da câmara dos deputados não recaísse no Cesário, que fora o presidente durante o ministério histórico, e se empenhava para que fosse eleito outro cavalheiro, que sempre fez parte do grémio regenerador. Se o governo teve essas ideias, reconsiderou, e fez bem em proveito próprio. A exclusão do Cesário para elevar à presidência um deputado puramente regenerador, era um acto, que, por mais que se disfarçasse, significava uma certa desarmonia com o partido histórico. Daí podia vir o rompimento da fusão, que, diga-se a verdade, não está verdadeiramente soldada, e a ruptura da fusão é a morte do ministério, se ele não quiser lançar mão do expediente sabido, quando se dão os conflitos parlamentares.

O governo não espera grande oposição na câmara dos deputados, e creio que não se engana.

A oposição naquela casa do parlamento não está ainda bem organizada, nem tem muito quem a dirija. Alguns deputados, que ao encerrar da última sessão da legislatura, eram manifestamente oposicionistas, estão agora mais complacentes. Na câmara dos pares não correm os ventos tão favoráveis. A razão disto é clara, e só a não vêem os catecegos políticos.

O ministério reuniu a sua maioria, e perante ela declarou, que não faria questão política das suas propostas, menos do que pudesse alterar a essência delas. Isto tanto pode significar um certo receio, como um desejo sincero de que as coisas vão como devem ir. Em todo o caso é um salvo-conduto que vai tirando para qualquer eventualidade.

*O Português*, que declarou suspender por algum tempo a sua publicação, parece que não reaparecerá, ao menos com vida própria.

Este acontecimento, na ocasião em que as câmaras iam reunir-se, e os partidos políticos devem estar no seu posto, causou aqui uma certa agitação, e deu margem a diversos comentários. O facto porém tem uma explicação fácil. *O Português* acabou por falta do principal elemento para viver. Os jornais que não são subsidiados pelos governos, ou sustentados caprichosamente por um partido, lutam com graves dificuldades.

O ministério é que lucrou com isso: é um adverso de menos, e adverso terrível, porque, à parte, uns certos desabrimentos de frase, dizia muitas vezes grandes verdades, e chamava às coisas pelo nome. Diz-se porém que voltará às lides políticas, mas fundido em outro jornal da oposição.

Continua a correr a notícia de que virão proximamente a Lisboa Victor Manuel, e o imperador Napoleão: aquele para visitar sua majestade a rainha, este de passagem para a ilha de S. Miguel, onde vai tomar as águas das Furnas. Duvido. Victor Manuel não cometeria a imprudência de sair de Itália no momento em que ela trata da sua definitiva reconstrução, e quando a questão de Roma pode trazer graves complicações. Em circunstâncias mais melindrosas ainda se acha o imperador, não tanto pela situação interior da França, como por causa daquela eterna questão do oriente, que há-de acender o fogo da conflagração europeia. Acrescenta-se, que o imperador virá por Madrid: isto tem ainda maior significação, quando é sabido que há um partido em Espanha, que recebe inspirações da política francesa.

Se aqueles factos se realizarem, prevejo neles algum pensamento político, disfarçado com estas visitas de cumprimentos. A Europa não está em condições de se andarem os reis a visitar uns aos outros.

Nada mais por hoje.

## ANEXO 4

*DE n° 2*

### Mercados

A empresa deste jornal, considerando quanto pode interessar uma estatística dos mercados em geral, e em particular das especialidades que eles oferecem segundo as épocas, como é nesta dos mercados do gado suíno, resolveu apresentar em cada semana os dados estatísticos que puder coligir não só dos mercados de Évora, mas também dos principais da província.

O preço dos géneros numa província essencialmente agricultora como o Alentejo, é de utilidade ser conhecida não só nos seus distritos, mas também em todo o norte.

Esta fértil província exporta anualmente grandes quantidades de trigo, de azeite e vinho, tem nos últimos anos desenvolvido de uma maneira assombrosa o tráfico da cortiça, e é ela quem fornece às fábricas da Covilhã e suas circunvizinhanças, às de Portalegre, a lã precisa para funcionarem na quase totalidade estes estabelecimentos de lanifícios do nosso país. O Alentejo exporta para a Beira e Espanha, para Lisboa, e dali para o Brasil e outros pontos do globo a inumerável quantidade de porcos, que constituem talvez a sua maior riqueza, e pelo menos a sua maior fonte de receita.

A cultura dos tubérculos e das plantas forraginosas, começa a tomar grande incremento, e a cultura de todos os cereais a desenvolver-se e a aperfeiçoar-se de uma maneira muito esperançosa.

Por tudo isto, a empresa julga da máxima utilidade apresentar as estatísticas não só dos mercados de Évora, mas de todos os pontos de onde seja possível obtê-los.

Este jornal conhece bem as necessidades, e da província, e como sabe que grande parte delas hão de cessar, à maneira que a agricultura melhorar e progredir, há-de sempre ter nas suas páginas um espaço para tratar desse ramo, que é com toda a certeza o gérmen na sua futura grandeza e prosperidade.

### Gado suíno

Mercados de 1866 a 1867. Nos dias 18 e 25 de Dezembro, 15 quilos, de 2:800 réis, a 2:900 réis.

Nos dias 1 e 8 de Janeiro, 15 quilos de 2:700, a 3:000 réis,

Preço dos géneros no mercado de Évora, no dia 8 de Janeiro.

Aguardente	almude	2\$400 a 2\$500
------------	--------	-----------------

Azeite	alqueire	1\$500 a 1\$600
Azeitonas	>>	a \$320
Batatas	>>	a \$280
Carne de Vaca	quilo	a \$200
<< capado	>>	a \$140
<< porco	>>	200 a \$220
<< carneiro	>>	a \$140
Centeio	alqueire	a \$400
Cevada	>>	a \$400
Farinha de centeio	>>	a \$500
<< tremês	>>	a \$800
<< trigo	>>	a \$740
Feijão amarelo	>>	a 1\$200
<< branco	>>	a \$800
<< fradinho	>>	a \$500
Grão de bico	>>	a \$900
Trigo rijo	>>	600 a \$620
Tremês	>>	a \$660
Queijos	cento	a 2\$500
Vinagre	almude	a \$600
Vinho	>>	1\$500 a 1\$200

Preço dos géneros no mercado de Borba

Trigo.....	\$540	a	\$550
Cevada.....	\$360	>>	\$400
Aveia.....		>>	\$300
Vinho.....	1\$200	>>	1\$300
Carne de Porco, 15 quil.	2\$900	>>	3\$000

**ANEXO 5**

**DE nº 3, 13 de Janeiro**

**Correspondência do Reino**

Lisboa

(Do nosso correspondente político)

Não há novidades políticas, e nem as poderá haver enquanto as câmaras não entrarem na discussão das graves questões, que vão ser submetidas à sua deliberação.

O governo por ora vai navegando em mar de rosas: entretanto dum momento ao outro pode levantar-se a tempestade.

A oposição trata de se organizar, e tomar na câmara uma atitude, se não imponente, ao menos definida, e que, quando mais não seja, mostre que os actos do governo não passam ali desapercibidos.

Se a oposição consegue desunir o partido da  *fusão* , dá um golpe de mestre: aliás perde o tempo.

Para aquilo tem ela astúcia bastante; e não será necessário envidar grandes forças para o conseguir. Que históricos e regeneradores andam desconfiados uns dos outros, é coisa que todos sabem. São esposos mal casados, que mais tarde, ou mais cedo se hão de divorciar. Eu nunca dei muito pela fusão.

Vi sempre nela incompatibilidade de ideias, e de indivíduos. Ainda as ideias sacrificariam eles; mas o monopólio do poder, e a preponderância política, isso é que eles não podiam abdicar.

Vai por aqui um Inverno desabrido. Até já o tempo se insurgiu contra o decreto de 17 de Outubro de 1866, que extinguiu o papel de selo branco, e o substituiu pelo selo de estampilha, e de tinta de óleo. Eu lhes digo a razão.

O tempo vai muito húmido, e a humidade faz com que as estampilhas aplicadas a qualquer papel se desloquem com muita facilidade, e dentro de pouco tempo hão de aparecer sem estampilha muito papéis que a deviam ter, e efectivamente a tiveram. E depois sobre alguém há-de recair a multa, como que se alguém tivesse culpa das inverneiras!

Aqui têm já os meus amigos um dos inconvenientes do tal decreto de 17 de Outubro.

E que me dizem ao de 21 de Dezembro, que regulou o formato que deve ter o papel? Esse contém disposições, que não têm senso comum.

Numa das minhas próximas correspondências hei-de escrever-lhes sobre isso, mas por agora sempre lhe vou dizendo, que com o tal decreto o governo reduziu os magistrados, e outros empregados públicos às proporções de caixeiros!

Um periódico desta cidade, que anunciou a publicação do vosso, capitulou-o de ministerial. Não vejo por ora razão para isso. O vosso redactor, o Sr. Eça de Queirós, mancebo, que ainda há dois dias saiu da Universidade, não tem decerto por ora compromissos alguns políticos.

Estamos em risco de não termos teatro italiano para a futura época de 1867 a 1868. Não há quem queira a empresa; e não se sabe o que o governo fará, ou se fará coisa que tenha jeito. Se aquele teatro se não abrir, será uma calamidade para muitas famílias, que dali tiravam os meios de subsistência.

Sem aquele teatro, que distrações sérias oferece Lisboa aos estrangeiros que a visitarem, ainda mesmo que compreendam a nossa língua?

As ruas, as praças, e os passeios? Isso vê-se em pouco tempo, e é uma distração para as horas do dia.

Os teatros portugueses? Esses são quase intoleráveis, uns pela insuficiência dos actores, outros pelas péssimas condições dos edifícios, e outros finalmente pela má escolha dos dramas?

Os botequins? Isso não diverte ninguém.

Os bailes públicos? Não os há.

Os bailes particulares? Esses são só para as relações das famílias, ou para algum redactor de periódico, que venha anunciar a opulência das salas, a abundância e delicadeza dos vinhos, e a amabilidade dos donos da casa.

Ainda não vi a sala da câmara dos pares. Ouço dizer que está elegante, mas que tem má construção acústica. A ser assim, é o maior defeito que pode ter.

Estão aqui emigrados alguns deputados espanhóis, que fugiram às iras, e perseguição do governo. O que na Espanha se está passando, dá margem a largas considerações. Todos os verdadeiros liberais lamentam os excessos, a que o ministério espanhol se atreveu. Houve porém um periódico desta cidade, que se diz progressista, e anda por aí a arrotar baforadas de liberalismo, que ousou dizer, que pouco lhe importava o que o governo espanhol fizera! Ouviram já maior heresia constitucional?

Pois as garantias políticas não merecem ser zeladas mesmo por aqueles que não vítimas dos atentados, que contra elas dirigem os governos reaccionários? Eu cada vez compreendo menos uns certos liberalões desta terra.

Sua Majestade a Rainha mandou entregar noventa mil réis ao albergue dos inválidos do trabalho. Não pode exercer-se a virtude da caridade em favor de quem mais a mereça. Os que mais gastaram as suas forças, e arruinaram a sua saúde, nestas lutas do trabalho, que são as lutas do progresso, e da civilizações, merecem que não os desamparem nos dias da miséria, e das privações.

Os governos deviam olhar seriamente por essa classe de desvalidos; e não esperar que fosse preciso, que a caridade individual fosse estender a mão a esses, a quem os poderes públicos, pouco menos fazem do que voltar as costas.

Entrou em construção no arsenal da Marinha um novo barco a vapor. Houve a costumada festa oficial, que faz seu efeito por que ainda ilude os papalvos. Permita Deus, que a coisa se faça com tino, e economia, como até hoje se não tem feito. Isto de regenerar a nova marinha de guerra não está só em mandar construir navios. Se apenas fosse isso, era um negócio de pura perda.

Houve há dias nestas cidade um baile dos pretos, onde se dançou, e beberricou muito. Deveis saber, que esta colónia africana forma aqui um estado no estado; pois tem uma rainha electiva, que tem lista civil, tem ministros, tem corte, e dá beija-mão.

A actual rainha creio que é a Sr.<sup>a</sup> D. Jacinta. Os seus ministros usam, nos dias de grande gala, de chapéu emplumado, fardas bordadas, grã-cruzes, hábitos, e comendas: e creio que até são titulares. Não há mais pungente epigrama aos paspalhões, que para si enfeitarem com um título, ou com uma comenda, são capazes de negar a Cristo.

## ANEXO 6

*DE n.º 4, 17 de Janeiro*

### Correspondência do reino

Lisboa

(Do nosso correspondente político)

Disse-vos na minha última correspondência, que o decreto de 21 de Dezembro reduziu o magistrado às proporções de caixeiros. É verdade! A diferença está em que este medem panos, e chitas, e aqueles medem papel!

O empregado público, que quiser desviar de si a responsabilidade subsidiária imposta no único artigo 4.º ou cumprir o preceito do artigo 5.º tem de medir o papel antes de tomar conhecimento dos documentos!

Onde se viu coisa mais falta de senso comum?

Há-de ser uma coisa divertidíssima ver um juiz, por exemplo, vestido com a sua beca, sentado na cadeira do tribunal, de metro na mão, a medir o papel dos documentos

que lhe apresentam! Eu se tal vejo morro de riso. De modo que hoje a vara da justiça não é a Vara branca: é um metro!

Agora um bocado de política: e desde já vos vou dizendo, que quero pensar e dizer as coisas sem restrição alguma, a não ser a que me impõe a minha própria dignidade. Hei-de contar-vos o que vai por este pequeno mundo político, e dizer com franqueza o que penso de tudo isto.

É possível que algumas vezes as minhas opiniões não estejam em harmonia com as vossas. Isto porém não prejudica, nem compromete o vosso periódico; por que a política dos jornais não se afere pela dos correspondentes.

As câmaras têm estado pouco concorridas. Não falo de espectadores; por que desses ninguém lá vai, nem há por ora coisa que lá os chame. Falo dos deputados. Uns vão tarde, outros demoram-se pouco; de modo que já tem faltado número para a câmara funcionar. A mandriice começa cedo. Dizem eles que se não comparecem é por que ainda se não tratam questões importantes. Isto não é desculpa. O seu lugar é ali; e a sua obrigação é estarem onde a lei lhes manda que estejam.

Não há novidades políticas, a não ser as que por aí espalham os noveleiros; mas essas não as transmite quem não se quer ver na necessidade de as desmentir no dia seguinte.

Não sei se o ministério pode contar muito com a câmara dos deputados para aprovação de algumas das suas propostas. Verdade é que alguns deles que se diziam da oposição, e que eram realmente dos mais importantes dela, foram, com apoio do governo, eleitos para as comissões que têm mais alcance, e significação política. Entretanto como algumas daquelas propostas vão ferir gravemente os interesses de certas localidades, e os compromissos de campanário, é possível, que os deputados dessas localidades, onde as eleições dependem da preponderância individual, não aprovem essas propostas.

Coitados deles, que se vêm entre as cruzes, e a caldeirinha! De um lado o fantasma da dissolução: do outro o perigo de não serem reeleitos.

Veremos o que acontece: e nada do que acontecer, por mais monstruoso que seja, me há-de causar espanto.

Com a actual lei eleitoral os governos não podem contar muito com as maiorias: e nela está também o correctivo às versatilidades políticas.

Abençoada seja a memória do grande homem, que tomou a iniciativa, e empenhou os maiores esforços para a confecção de tal lei!

Falo de José Estêvão, que pela pureza das suas virtudes, pelos seus serviços à liberdade, pela independência do seu carácter, pelo vigor do seu génio, pela largueza das suas ideias, e pelo esplendor da sua eloquência, vive, e viverá sempre no coração do povo, e no amor da pátria.

Os homens públicos, esses já se esquecerem dele! Ingratos! Lembraram-se ao princípio de lhe erguer um monumento junto ao palácio das cortes, onde foi o teatro da sua glória imortal: depois vieram as rivalidades mesquinhas duns certos estadistas, que hão de ser sempre anões ao pé daquele grande vulto, e não se falou mais nisso. Mas estão enganados. José Estêvão vive para a posteridade, e eles hão de morrer ingloriosos.

Eu falo nestas coisas, e todavia bem ser, que não há nada capaz de estimular estes homens a pagar uma dívida do país. Entretanto é bom ir protestando contra a

ingratidão, e inveja de uns certos estadistas liliputianos, que, de mais a mais, devem a José Estêvão o pouco, ou muito que são.

**ANEXO 7****DE nº 4****Interesse oficial**

Transcreveremos a proposta de lei para a redução dos emolumentos das secretarias de estado.

Aplaudimos a extinção desse privilégio – oneração para os pequenos empregados, largo proveito para os grandes empregados.

Via-se até aqui os empregados das diversas repartições a contribuírem para o enriquecimento desigual dos oficiais de secretaria.

É sempre com contentamento e alegria – que os que amam a justiça, vêm a desmoração de exclusivismos e privilégios.

**ANEXO 8****DE nº 4**

Sr. redactor. – No seu jornal de 10 do corrente, diz v. e a *Revolução de Setembro* transcreveu: «No dia 5 do corrente o vapor que conduziu os passageiros de Lisboa para o caminho-de-ferro do sul, abriu água no trajecto, e obrigou os que vinham no comboio de Évora, Beja e Setúbal a ficar e passar a noite no Barreiro.»

Posso asseverar a v. Sr. redactor, que tudo acima dito é completamente inexacto; nem o vapor fez água, nem os passageiros vindos no comboio ficaram no Barreiro. O vapor saiu nesse dia, do Barreiro para Lisboa às três horas e três quartos da tarde, e chegou a Lisboa às quatro e meia, e daqui partiu, na forma do costume, para Cacilhas a ir buscar a carreira das cinco horas para Lisboa.

Deve notar, Sr. redactor, que neste dia houve um grande temporal no Tejo, e que o vapor de África acendeu as fornalhas, fez vapor, mas não se atreveu a largar a amarração.

É para sentir que uma informação inexacta e mesmo caluniosa, desse motivo a v. fazer considerações, que nem os precedentes de vinte e oito anos, nem as vistorias passadas pelos peritos do Arsenal, ainda há três meses, autorizam.

Muito seria para desejar que a imprensa do país fosse mais cautelosa, quando se trata do crédito de terceiras pessoas, levada apenas de informações menos escrupulosas, e que muitas vezes encobrem interesses mesquinhos e desarrazoados, que se revelam, como ali, pelas palavras – intolerável monopólio, etc., etc.

Sou, Sr. redactor, com a devida consideração.

De v. etc.

António N. Sabbo Júnior  
Director presidente da companhia

Esta carta recebida pede a rectificação de uma notícia, não verdadeira.

De boa vontade. Houve de facto uma má informação, sem culpa, sem mau propósito. Hoje a redacção recebeu outra carta em que o Sr. Sabbo oferece o testemunho de algumas pessoas que nesse dia desembarcaram em Lisboa.

É verdade. Um nosso redactor atravessou no vapor do Barreiro nesse dia, quando no Tejo andava temporal.

Damos toda a razão à direcção do vapor e a quem desejamos prosperidade e desenvolvimento.

No entanto nas linhas escritas não houve malevolência, ou intenção hostil: o risco dum arrombamento dum vapor, o susto que pode causar um tal boato, o que se diz da pouca segurança das máquinas, tudo levou a falar assim, mas sem intenção, e somente como quem vê um perigo, e grita com comoção para que seja evitado.

Não foi hostilidade, foi informação errada. Folgamos em que as vistorias feitas, mostrem o bom estado, a segurança, a esperança de duração, facilidade do bom serviço dos vapores do Tejo.

À redacção são perfeitamente estranhos os interesses da companhia, não os combate, não os aceita, não os sabe mesmo; se os barcos estão podres, lamenta; se os barcos estão sãos, estima; não sabe que intrigas se movem contra essa companhia, ignora absolutamente que influências queiram a sua extinção, não procura hostilizá-la, não pretende protegê-la também; são lhe enfim, absoluta e perfeitamente indiferentes os interesses especiais da companhia: não os conhece, não os sabe: assim se vê que tudo nasceu duma informação errada.

Por o que, em amor da justiça e da verdade, se rectifica a notícia no sentido da carta.

## **ANEXO 9**

**DE nº 5, 20 de Janeiro**

### **Correspondência do reino**

Lisboa

(Do nosso correspondente político)

Não há novidades políticas. O que se tem passado nas câmaras sabe-lo vós pelos jornais, e escuso dizê-lo.

Fala-se na organização de um partido, não sei se é velho se é novo. É o partido democrático. Diz-se, que já alguma coisa se tem feito naquele sentido; e que à frente desse partido se acha uma alta entidade política, em cuja casa houvera uma reunião preparatória.

A ser assim, a coisa está por ora em embrião, e creio que abortará.

Eu hei-de dizer-vos noutra ocasião, o que penso destas organizações de partidos, em que costumam meter-se uns certos aventureiros e contrabandistas políticos, que ainda encontram papalvos, que acreditam que tudo aquilo se faz em proveito da pátria, e da humanidade.

Tem sido assunto de conversação, mais ou menos apaixonada, em todos os círculos altos e baixos, o officio do visconde de Soveral ao ministro dos negócios estrangeiros, e o despacho do conselheiro d'Antas.

Sabeis que o Casal Ribeiro demitiu o visconde de Soveral, que era nosso embaixador em Madrid, e nomeou o conde d'Ávila. O Soveral insurgiu-se contra a demissão, e dirigiu um notável ofício ao Casal Ribeiro. É esse ofício de que se trata, e tem dado tema a muitos comentários, e a diversas apreciações.

O tal ofício merece realmente ser lido, e meditado. Os que apenas lêem com os olhos do corpo, não acham ali motivos para reparo. Os que lêem com os olhos da alma, que pensam, e meditam sobre o que lêem, encontram naquele ofício palavras escritas com certo disfarce, e que envolvem alusões, e insinuações pungentes. Isto, dito por um homem de importância, que acaba de ser o nosso embaixador em Madrid, e depois do que há pouco acaba de se passar, tem mais significação do que muitos pensam.

E tanto assim é, que um jornal que apoia cegamente o governo, acudiu logo ao reclamo, e bota os bofes pela boca fora, como vulgarmente se diz, em defesa do ministro.

Enfim, eles que as armaram, eles que as desarmem. Em todo o caso se por ventura continuar discussão sobre este negócio, pode a coisa tornar-se mais séria. Às vezes quando as comadres ralham descobrem-se muitas verdades.

Morreu o nosso representante em Washington, capital dos Estados Unidos da América; e foi logo nomeado para o substituir o d'Antas, amigo particular, e secretário do ministro dos negócios estrangeiros. Isto foi censurado pela pressa com que se fez. Não admira. Todos reconhecem o mérito do nomeado, e os bons serviços que tem prestado na carreira diplomática.

Agora o que toda a gente estranha é que um jornal desta cidade, o tal de que já falei, desse como boa razão da nomeação o ter o d'Antas escrito um livro em francês a respeito dos impostores que tentaram usurpar o nome d'el-rei D. Sebastião! É realmente uma razão de cabo de esquadra. É o mesmo que dizer, que se deve nomear professor de história um homem porque fez bons serviços na carreira diplomática! Eu não sei se a tal razão leva alguma água no bico, para justificar algum futuro despacho de quem quer que seja que tenha escrito algum livro em francês. Veremos.

Continua a deportação dos deputados espanhóis. Somma, e siegue dizem os nossos queridos vizinhos.

Não sei se sabeis o que faz o nobre exilado em Hauteville – House. Todas as semanas o grande poeta, que é a maior ilustração deste século, tem num dos dias a jantar à sua mesa quarenta crianças pobres, e no dia de Natal deu um vestuário completo a cada uma delas. Cá em Lisboa os nossos argentários não fazem isso. Dão bailes e jantar aos barões, e comendadores, e pouco se importam que os pobres morram de fome. Alguns mandam, de vez em quando, alguma pequena esmola para algum asilo, mas é para que no dia seguinte os jornais falem nisso. Outros nem isso fazem.

Na Beira tem aparecido muitos lobos. Aqui também há lobos, mas são dos que devoram o orçamento. Em lugar de lobos como os da Beira há pelas ruas grande quantidade de cães vadios, que nos mordem, e despedaçam o fato. Nisso, como em muitas coisas, não há polícia. Eu já estive em Constantinopla, onde vi pelas ruas milhares de cães vadios. Nesta parte parece-me às vezes que ainda lá estou.

Continuam a chegar a Lisboa os produtos que vão para a exposição de Paris. Entre os objectos de arte há alguns que não nos envergonham, e honram até a nossa indústria.

Vão abrir-se brevemente as salas guarnecidas de pinturas na academia de belas artes. São 277 os quadros que hão de ser expostos ao público nas cinco salas destinadas para isso. Parece que há ali quadros de sabido mérito.

A caudalaria nacional melhora progressivamente. O governo comprou ao abastado lavrador Rafael José da Cunha um cavalo para padreação. Dizem ser um lindo animal.

Não há andarilhos como os espanhóis. Um que chegou a Sevilha apostou em como vencia na carreira um cavalo da melhor raça da Andaluzia. Já é correr! Mas não corre mais depressa que o seu governo para a reacção, e para a mais tremenda revolução de que há-de haver memória na desgraçada Espanha.

Muito felizes somos nós, meus amigos. Cá neste cantinho do mundo vivemos em santa paz. Os nossos governos, e isto é já de há muitos anos, nem progridem, nem reagem. Uma vez que os deixem viver tranquilos, dar emprego aos parentes e afillhados, e pilhar alguma grã-cruz, - no mais deixam correr as coisas ao lume de água, e não fazem mal a ninguém. Termino esta correspondência com uma notícia desagradável. Enlouqueceu, e está em Rilhafolles, o distinto engenheiro João Evangelista de Abreu. É uma grande perda para o país.

## **ANEXO 10**

**DE nº 6, 24 de Janeiro**

### **Correspondência do Reino**

Lisboa

(Do nosso correspondente político)

Já vos disse que não gasto o tempo a contar-vos o que se discute nas câmaras. Isso lá o sabeis pelos jornais. O que hei-de fazer é emitir o meu juízo crítico, e imparcial, e informar-vos do estado da opinião pública, sobre o que ali se passa, e nas outras regiões oficiais.

Há por aqui muitos correspondentes de jornais, que vão sempre quase todos os dias às câmaras e andam sempre a meter o nariz nas secretarias de estado, para inculcar valimento, e que sabem muito das coisas públicas.

Eu não sou desses. Conheço pouco os ministros e os deputados, e não sei mesmo por onde se entra para as secretarias. Sou um pobre diabo que vivo escondido dentro do meu tonel, e dali espreito o que vai por mundo de Cristo; e comigo, e com os meus botões, vou meditando no andamento, e desenlace provável desta comédia política.

De vez em quando saio do meu túnel, e vou até ao café Martinho ouvir uns certos políticos de água doce, que ali estão a reformar o mundo todas as noites; e entre os calores do conhaque, e o fumo dos charutos, recompõem, e derrubam ministérios, dissolvem câmaras, organizam as oposições, desarmonizam as maiorias, e fazem coisas do arco da velha. Mas como ninguém dá importância ao que dizem os tais estadistas liliputianos, também ninguém faz correr as galgas que eles soltam por sua conta e risco.

Volto daí para o meu túnel, donde saio apenas para este cantinho do vosso jornal a dizer-vos o que penso de tudo isto.

A barca ministerial começa a dar os seus balanços. Ainda não rompeu a tormenta, mas principia a agitar-se o mar. O primeiro indício já apareceu na discussão da resposta ao discurso da coroa,

O Eolo, que há-de desencadear a tempestade, vai por ora soltando apenas alguns dos ventos, que são os anúncios dela. Quando ele julgar que é chegado o momento de atirar com o navio à costa, haveis de vê-lo sair do seu antro, e aparecer à superfície do oceano. Não é necessário ser grande astrónomo para ler neste horizonte político.

O governo já vai apresentando as suas propostas: e os jornais já vão indicando alguns indivíduos que hão de lucrar com elas! Eu hei-de dizer com franqueza o que penso a este respeito.

Como sabeis foram declaradas vagas as cadeiras dos deputados Brancamp, e António de Serpa: a do primeiro por ter sido nomeado conselheiro de estado; a do segundo por ter sido despachado para o tribunal de contas. Foram dois raptos parlamentares dos que os governos costumam fazer, contra o que se têm insurgido sempre os homens de bem, e que ainda têm a simplicidade de tomar a sério os negócios públicos. Contra estes escândalos, que mais ou menos, todos os governos têm praticado, está sempre na brecha o deputado José de Moraes, que é o carácter mais independente que há na câmara. As suas intenções são boas, e louváveis os seus esforços; mas perde o tempo. A coisa há-de continuar assim até que venha o remédio, que eu julgo eficaz, e único, no meio da desmoralização política em que tudo se acha.

A nomeação do Brancamp foi puramente política. Quiseram fazer a boca doce ao partido histórico, que a esse tempo já andava desconfiado. Não há outra razão que justifique semelhante nomeação, em tudo o mais absurda. Não sei o motivo, pelo qual foi despachado o Serpa: o que sei é que o lugar rende a bagatela de um conto e seis centos mil réis.

O Serpa tinha sido eleito por um dos círculos desta cidade. Agora torna a propor-se com o apoio do governo; mas tem por concorrente o ex-ministro Lobo d'Avila. Este emprega os maiores esforços; e parece ter bem figurada a candidatura, que se diz é protegida pelos realistas, os quais têm muita influência naquele círculo.

O governo põe ao Lobo d'Avila a pecha de ser o chefe da unha preta. Eu não sei, nem me importa saber, se ele é da unha preta, ou da unha branca, ou da unha de furta-cores, que em política é a pior de todas as unhas. O que sei, e o que sabem todos, é que ele é uma das primeiras capacidades deste país, e que pelos seus estudos, e prática dos negócios públicos, é indispensável no parlamento, hoje principalmente que ali se vão discutir medidas de grande alcance. Talvez seja por essa razão que lá o não querem.

Esta cidade está ameaçada de uma invasão de jornais literários. Não sei se será uma invasão de bárbaros. Creio que sim. Lisboa está abarrotada de literatos, que a gente anda por aí a encontrar a cada esquina das ruas: e então bom é que entretenham em alguma coisa. Veremos se as suas obras correspondem às suas reputações, officiosas, e obsequiosamente decretadas nas notícias locais dos periódicos, e nos saraus de Tibúr.

O Inverno continua desabridíssimo, e mal se pode sair à rua. Já vedes que com um tempo destes os dias de Lisboa são insuportáveis; mas as noites ainda o são mais. Há por cá uma santa gente que diz bem delas porque tem por costume dizer bem de tudo. Mas eu, que ponho sempre as coisas em pratos limpos, digo francamente, que as

tais noites de Lisboa é a coisa mais intolerável que tenho visto, e só as aprecio para conciliar o sono.

O distinto engenheiro João Evangelista d'Abreu vai melhor; e espera-se, que dentro de pouco tempo esteja completamente restabelecido.

Continuam em Lisboa a haver grandes bailes particulares, que no dia seguinte são cantados em prosa e verso por indivíduos que para ali são convidados unicamente para aquele fim.

A propósito disto vou contar-vos, e a eles, uma pequena história.

O célebre pianista Mansui foi convidado a jantar por uma certa fidalga. Apenas se ergueram da mesa, a fidalga pediu-lhe que tocasse uma das suas músicas favoritas. Mansui, homem de carácter independente, escandalizou-se de que a fidalga lhe fizesse sentir tão depressa o motivo porque o convidara a jantar. Sem dizer palavra; sentou-se ao piano, e tocou uma ária muito vulgar, e muito conhecida naquele tempo – Trempe-ton pain, Marie – Depois levantou-se, fez uma profunda cortesia à fidalga, e disse-lhe – Persuado-me, senhora, que ajustei as minhas contas convosco: acabei de pagar o jantar – Em seguida pegou no chapéu, e saiu sem dar tempo à mais ligeira observação. Isto passou-se há muitos anos numa cidade da Alemanha.

Aplico el cuento, dizem os espanhóis.

## ANEXO 11

*DE nº 7, 27 de Janeiro*

### Correspondência do reino

Lisboa

(Do nosso correspondente político)

Não há novidades políticas. Le monde va de lui meme, disse o papa Urbano VIII. Eu digo o mesmo das nossas coisas: vão aos encontrões, como têm ido sempre. O governo promete muito: veremos se cumpre metade, ao menos do que promete. Por ora só faz comendadores e viscondes; e todos lucram com isso.

Os paspalhões embonecam-se, aumenta a receita pública, os indiferentes não se amofinam, e os homens sérios riem-se de tudo isto.

De resto a comédia vai por diante. Uns batem as palmas, e outros dão pateada. O ministério trata de se conservar no poder. A oposição trata de o substituir. Pequenas intrigas dum lado: pequenas misérias do outro. Eis a nossa vida política.

E no fim de contas eu creio que uns, e outros têm razão. Isto de ser ministro de estado, ou por outra, ter três contos de reis de ordenado, trazer à estribeira um correio de secretaria, acompanhar d'El Rei nas festas oficiais, dormir até à uma hora da tarde, ter à noite camarote de graça em S. Carlos, arranjar empregos para os parentes, e amigos, pilhar duas ou três grã-cruzes, não é coisa que se deixe ir pela água abaixo.

E não julgueis que a vida do ministro de estado é mais amargurada quando estão as câmaras abertas.

Qual história! É uma vida regalada como até ali. Se o ministro é interpelado, leva resposta na ponta da língua, porque na véspera foi prevenido pelo interpelante. Se é violentamente agredido por qualquer deputado da oposição, responde com ar de triunfo: os senhores quando cá estiveram, fizeram ainda pior.

Depois, fechada a sessão, o ministro agredido encontra nos corredores o deputado que o agrediu, bota-lhe o braço pela cintura, oferece-lhe um charuto, e diz-lhe com a maior amabilidade: ora você sempre é um grande ratão.

Eu quando estava na província, e antes de vir a Lisboa, tinha a simplicidade de acreditar, que isto de governos representativos era uma coisa que todos tomavam a sério. Agora vou-me desenganando. É necessário vir a Lisboa, e ver de perto como as coisas por aqui vão.

E quem observar com atenção tudo isto, e não for algum contrabandista político, e não quiser a política para se fazer titular, ou comendador, ou arranjar pão para a velhice há-de dizer, como eu digo muitas vezes: bem tolo fui eu em derramar o meu sangue nas linhas do Porto, e nas de Lisboa, para ao cabo de tantos anos ver este pobre país marchar no mesmo terreno, e entregue ora a uma, ora a outra parcialidade política, que não faz mais do que arranjar nichos para os amigos quando está no poder, ou intrigar, quando lá não está, para quando lá volte fazer o mesmo, ou pior!

Dizem os tais senhores, que isto são rabugices de velho; que temos caminhos de ferro, e telégrafos eléctricos. É verdade. Temos caminhos de ferro, em que se gasta uma hora para percorrer cinco léguas; e em que uma encomenda que aqui se entrega com direcção ao Porto, só lá chega passados três ou quatro dias.

Temos telégrafos eléctricos, em que um telegrama para o Porto entregue aqui, só chega ao seu destino, muitas vezes, depois de vinte e quatro horas.

No fim de tudo nesta parte estamos melhor do que dantes. Mas a par desses melhoramentos materiais, temos o impudor político, a corrupção em quase todas as classes, grandes fortunas levantadas de pé para a mão, as repartições públicas atulhadas de empregados que não trabalham, tribuncas de conselheiros que para nada servem, reformas para acomodar parentes e jornalistas, etc.

Isto, meus amigos, não é estar de mau humor com as coisas públicas. São verdades nuas e cruas, como todas as que tenho dito, e hei-de continuar a dizer.

Não quero nada, nem duns, nem de outros. Não pretendo ser empregado público, nem comendador, nem barão. Os que gostarem disso que o arranjem como puderem, que eu estou perfeitamente à minha vontade.

Eu bem sei que por ter já dito algumas verdades, anda um certo figurão a indagar quem é este vosso correspondente. Quer corromper-me, provavelmente. Pois é fácil saber quem é o homem que vive dentro do seu túnel a espreitar o que vai pelo mundo. E se o não sabe, o meu nome é – Diógenes.

Continua a vogar a ideia do monumento de Tancos. Como é asneira, é de acreditar que se realize. Ainda vos hei-de dizer o que penso do acampamento de Tancos. Se a obra foi tão meritória que até merece as honras dum monumento, não sei porque razão o governo falou nela no discurso da coroa. Provavelmente quis adiar a tormenta. Enquanto o pau vai, e vem folgam as costas.

Parece que sempre reaparecerá *O Português*, mas com outro título, conservando as mesmas ideias políticas, e tomando perante o governo a mesma atitude que tinha. Quer dizer, será um jornal das mais largas ideias progressistas, e de decidida oposição ao governo.

Eu folgo sempre que vejo a publicação de algum jornal político, qualquer que seja a sua bandeira.

É sinal de que os partidos ainda têm vida.

*O Português* fez bons serviços ao partido progressista, e vimo-lo sempre na brecha quando se anunciava, ou receava alguma tentativa contra as franquias populares. Teve por vezes demasias de linguagem, que lhe comprometiam a dignidade, em que o jornalismo deve manter-se. Era mau isso: entretanto, em certas circunstâncias, convém que a força do correctivo esteja na proporção da gravidade do mal.

Basta por hoje.

## ANEXO 12

DE nº 8, 31 de Janeiro

### Desastre do Regent's Park

Damos hoje notícia do desastre dos patinadores, que pereceram no dia 15 em Regent's Park Londres; desastre doloroso que encheu de luto a aristocracia de Londres, porque a ela pertenciam as vítimas pela maior parte.

Os jornais ingleses falam longamente do desastre e nós transcrevemos fragmentos dessas apreciações. O *Jornal do Comércio* tem dado pormenores, e dali escolhemos também algumas das mais tristes circunstâncias.

*Regent's Park*, ou Parque do Regent, está situado na parte noroeste de Londres, e posto que a sua origem seja recente, ocupa o quarto lugar entre os passeios públicos da capital britânica. Ainda assim, há mais de um *cockney*, ou burguês de Londres, que o prefere a *Hyde* a *Saint James* ou a *Green Park*. É certo, porém, que sob o ponto de vista da superfície, *Regent's Park* leva a primazia sobre os outros passeios. Não contém menos de 450 jeiras de terreno (uma jeira equivale a 40 ares). Chamavam-lhe outrora *Marylibone Park*, nome do bairro de Londres em que está situado.

O que sobretudo distingue o Parque do regente dos outros passeios da metrópole inglesa, é a circunstância de se haver permitido a aristocracia de Londres de aí comprar terrenos para edificar palácios, *villas romanas*, *cottages* ingleses ou *chalets* suíços. A mais bela de todas estas construções é, incontestavelmente, a magnífica *villa* pertencente ao marquês de Hertfort, esclarecido amator de belas-artes e possuidor de uma das mais afamadas galerias de quadros da Europa.

Porém o que mais que tudo constitui a beleza de *Regent's Park*, é o canal que banha toda a parte meridional do passeio, e que foi teatro da catástrofe em 15 do corrente. De Verão, é neste canal que os amadores se entregam às delícias da natação, muitas vezes apesar da opposição dos *policemen*, tão impotentes neste jardim como o são contra os banhistas do rio *Serpentine* em *Hyde Park*. Durante o Inverno, patina-se e resvala-se com mais furor sobre as águas geladas de *Regent's Park* do que em *Hyde Park*, por haver ali maior espaço, e também porque as numerosas *attractions*, aformoseamentos de *Regent's Park*, atraem mais o público àquele passeio.

Infelizmente, os patinadores não reflectem bastante sobre as coisas, e o gelo de *Regent's Park* é muito mais traiçoeiro de que o de um rio ordinário. Defeito amigo [sic] de *Regent's Park*, no lugar da sua maior largura entre as duas principais pontes pensis, que se chamam *Suspension bridges* está sujeito a todas as evoluções da maré.

O lago do Regente comunica por meio de um canal com o Tamisa. Este canal desemboca no rio no último ângulo que este forma para banhar os alicerces do edifício do parlamento, e onde a força da maré ainda não está quebrada por esse mesmo ângulo.

Nessa altura, o canal está portanto, sujeito a todas as influências da maré. A cada fluxo e refluxo o seu nível baixa ou eleva-se consideravelmente.

Não há dúvida que esta influência tem sobejo tempo para diminuir de força, nas numerosas sinuosidades que o canal vai descrevendo em torno da parte noroeste de Londres, antes de chegar a *Regent's Park*. Porém essa influência ainda é assaz forte neste ponto, para impedir a consolidação completa do gelo, e para se ignorar a profundidade que as águas do parque podem ter a cada momento. Conheceu-se isto mesmo em demasia no dia 15 do corrente, o qual se contará como um dos dias nefastos de Londres.

A catástrofe foi grande e produziu no público de Londres, uma sensação profunda. O número das vítimas calcula-se em 40 a 50, e até ao dia 18 só tinham sido retirados das águas 35 cadáveres.

As vítimas pertenciam quase todas, às classes elevadas da sociedade.

A opinião pública censura com razão as autoridades, por terem deixado um tão crescido número de pessoas, invadir o lago gelado ao mesmo tempo e quando se achava em condições perigosas.

É um facto sem precedente terem-se afogado quarenta e tantas pessoas em pleno dia, num lago que orna um jardim, na presença de 2000 pessoas.

Citaremos um acidente que nos parece extremamente interessante:

Um cão de grandes dimensões, da Terra Nova, o qual acompanhava seu amo sobre o gelo, não tendo podido salvá-lo da catástrofe que o surpreendera, dirigiu-se a nado à margem do lago, e dali ninguém pôde conseguir afastá-lo.

O fiel amigo tinha os olhos constantemente fitos na água, como se esperasse ver dela surgir o seu amo.

Um agente de polícia tentou por três vezes dar-lhe algum alimento; o pobre cão recusou-o.

Conta-se outro caso que vamos transcrever:

Depois de se quebrar o gelo em *Regent's Park*, um patinador que tinha caído de costas sobre um fragmento de gelo, e que assim se conservara durante algum tempo, fumando um charuto e esperando que alguém se lembrasse dele, resolveu-se com o maior sangue frio, uma recompensa de 50 soberanos, a quem o salvasse.

Um pedreiro chamado Noys ganhou a prometida recompensa, conseguindo tirá-lo da água são e salvo.

Eis o que se lê, a este respeito, no *Morning Post*, de 15:

O frio, que em Londres novamente se fez sentir em que a noite de 13 com extremo rigor, tem continuado até hoje, 15, com maior ou menor intensidade:

A manhã de hoje, que era assaz bela, tinha atraído grande número de passeantes para os diversos jardins públicos; porém as águas dos lagos estavam imperfeitamente geladas, porque o vento lhes havia sem cessar agitado a superfície, e o gelo não tinha podido consolidar-se senão nos lugares mais abrigados.

O Serpentine tinha pouco gelo, e em *Regent's Park*, em *Kesington-Gardens* e no parque de *Saint-James*, a água estava só gelada em parte.

A associação humanitária tinha mandado afixar cartazes, em que ao público se recomendava que se acautelassem e desconfiasse do grau de rijeza do gelo.

Apesar desta advertência e de todas as informações dadas pessoalmente, pelos guardas que estavam de serviço, vários homens e crianças arriscaram-se

impensadamente a patinhar sobre o gelo, e a maior parte caíram na água ao cabo de alguns minutos.

Em Regent's Park e no canal de Kensington Gardens, onde a água tem nove pés de profundidade, estiveram em risco de morrerem afogadas muitas pessoas que puderam ser salvas graças aos esforços multiplicados dos homens que costumam estar de sentinela às bordas dos canais e dos lagos.

Eis como o caso se passou:

Estavam patinhando sobre o gelo 3000 pessoas e ali figuravam em crescido número os membros do clube dos patinadores, composto de cavaleiros e de damas.

Às duas da tarde, no momento em que se achavam cerca de 2000 patinadores sobre o gelo, ouviu-se um grito de alarme.

Dizia-se que acabava de desaparecer um homem.

Toda a gente correu em chusma para o lado indicado, como tendo sido o teatro do acidente.

O resultado foi que o gelo se quebrou em diversos lugares: vinte e uma pessoas, pelo menos, foram vistas a debater-se na água ao mesmo tempo.

As apreensões eram gerais porque o lago é muito profundo naquele lugar.

Os salvadores tinham acudido prontamente com as suas varas, cordas e batéis; muitos destes empregados, munidos de cinturas de cortiça, lançaram-se afoitamente na água.

Em menos de cinco minutos, conseguiram salvar da morte os vinte e um patinadores, dos quais só um teve a necessidade de socorros médicos, achando-se completamente restabelecido alguns minutos depois.

O lugar em que se debatiam os infelizes patinadores tinha mais de doze pés ingleses de profundidade, e o gelo não tinha a rijeza necessária para aguentar o peso dos duzentos e cinquenta ou trezentos amadores que se entregavam ao prazer de resvalar sobre a superfície lisa do lago de *Regent's Park*.

Os jornais de Londres e entre eles o *Times*, censuram ao mesmo tempo a polícia, por não se achar presente no momento da catástrofe, e as autoridades governamentais por não terem tomado a precaução, como isso se pratica em França, de mandarem averiguar o grau de solidez do gelo antes de permitirem que fosse invadido pela chusma de patinadores.

Milhares de patinadores já se haviam entregado quatro dias antes ao seu recreio favorito, apesar das advertências de homens experimentados, os quais eram de opinião que o gelo não tinha uma espessura conveniente.

Às quatro horas e meia da tarde de 15 do corrente, achavam-se ainda no mencionado lugar duzentos a trezentos patinadores, que serviam de alvo à admiração duma multidão compactamente agrupada sobre as margens do lago. De repente o grito de: *Retirai-vos! Retirai-vos! O gelo quebra-se!* Saiu do peito desses espectadores. Porém essa advertência era já tardia. O gelo já estava rachado em vários pontos. Viam-se já flutuar aqui e acolá grandes alvos fragmentos de gelo, que deixavam entre si um espaço negro, uma espécie de abismo, dentro do qual se debatiam criaturas humanas, que imploravam socorro. Os patinadores que estavam mais próximos das margens do lago, conseguiram pôr-se em terra firme, porém os outros debalde se moviam, ora entorpecidos pela frialdade da água que os inundava, ora feridos ou mutilados pelos fragmentos de gelo.

Os guardas de *Regent's Park* seriam os únicos que estivessem no caso de organizar e prestar socorros, no momento da catástrofe. E assim mesmo estes homens houberam sido de pouca utilidade, se os membros voluntários da *real associação humanitária* não tivesse acudido com os seus instrumentos salvadores. Lançaram cabos através do lago, porém estes rebentaram logo em seguida sob o peso dos desgraçados a que eles se agarravam. Conseguiu-se afinal fracturar o gelo que rodeava os salva-vidas, amarrados à borda do lago, e mandados em socorro dos que se iam afogando. Alguns foram salvos por este meio. Porém, segundo afirmam os jornais de Londres, os esforços dos salvadores eram neutralizados, em grande parte não havia direcção alguma. Cada um trabalhava conforme entendia, exaurindo as suas forças e a sua boa vontade em tentativas inúteis.

Nisso sobreveio a noite, que cobriu com um denso véu as águas do lago do Regente. No dia seguinte procedeu-se à pesca dos cadáveres, e até ao dia 18 foram retirados das águas 41.

## ANEXO 13

DE nº 8

### Correspondência do reino

Lisboa

(Do nosso correspondente político)

Há poucas novidades políticas; ou, para melhor dizer, não as há.

Num país pequeno, como o nosso, com política mais pequena, e com estadistas muito mais pequenos ainda, a política não passa de uma vida de intrigas, e mexericos.

Cada um trata de se arranjar o melhor que pode, e por todos os meios que pode.

Como a mesa do orçamento está cada vez mais abundante, e com maior número de talheres, todos procuram sentar-se a ela. Infelizmente os esfomeados são muitos, e os lugares não chegam para todos; por isso uns comem à regalada, enquanto outros ficam fazendo cruces na boca.

E é daí que vêm estas guerras de Guelfos, e Gibelinos. O estômago é decididamente a víscera, em que está concentrada toda a vitalidade política da nossa terra. Os que já têm comido muito querem continuar a comer; e aqueles que apenas têm sentido o cheiro dos guisados, que lhes fazem crescer a água na boca, procuram tomar-lhe o gosto. No fim de tudo eu acho que os tais maganões têm razão. Isto de comer sem trabalhar, ou trabalhar pouco sem fazer coisa que tenha jeito, deve ser uma situação magnífica.

Por que deveis saber, meus amigos, aqui há grandes devoradores do orçamento que não trabalham, há outros que pouco fazem, e há muitos que nem sabem o que hão de fazer.

Entra a gente por essas repartições públicas, e vê-as atulhadas de empregados; mas a maior parte deles ocupam-se a ler periódicos ou a conversar com os amigos que os procuram, ou a escrever as suas correspondências particulares. Há por lá três ou quatro pobre diabos que fazem todo serviço; mas nem por isso tiram as pernas do atoleiro. Esses não são conselheiros, nem comendadores, e são os que têm menor fatia no orçamento.

Assim vão as coisas; e asseguro-vos que hão de continuar.

Realmente, meus amigos, os homens sérios chegam a descreer da boa sorte deste país, vendo o que vai por este pequeno mundo político.

Ora verdade é que nem todos são mandriões. Quem agora trabalha a vapor são algumas das comissões da câmara dos deputados. Foram apresentados depressa os pareceres sobre as propostas do governo para a reforma da secretaria dos negócios estrangeiros, e dos emolumentos das secretarias. Pudera! Todos chegam a brasa para à sua sardinha.

Já que falei agora nestas propostas, vem a propósito dizer-vos o que delas penso, e o que dizem os homens sensatos, com quem tenho falado a este respeito.

A proposta relativa aos emolumentos das secretarias, na parte em que os faz entrar nos cofres da receita pública, é uma coisa judiciosa, e que há muito tempo se devia ter feito: e justo era que os empregados, em favor de quem se pagava os emolumentos, fossem indemnizados, equitativamente na fixação dos seus ordenados. Justo era também que estes ordenados fossem fixados em relação às categorias, mas em proporção racional.

Ora nesta parte é que aquela proposta contém dois grandes absurdos, ou, para melhor dizer, dois escândalos.

O primeiro é, que aos empregados superiores estabelecem-se ordenados maiores do que tudo o que recebiam quando tinham emolumentos! Convenho em que não fossem prejudicados; mas que se lhes desse aumentos de vencimento, é uma coisa que não se explica senão por um escandaloso compadrio.

Um director geral, por exemplo, não chegava a receber ao todo anualmente um conto e quatrocentos mil réis; e, segundo a proposta, tem de ordenado um conto e quinhentos mil réis!

Porque razão se dá a cada um dos directores gerais mais cem mil réis de que dantes tinham?

E falam estes senhores em economias, e dizem que querem economias! Ora, histórias da vida! Quem não os conhecer que os compre!

Do pão do meu compadre grande fatia ao meu afilhado, diz o adágio. É o caso em que estamos. Estes esbanjadores da fortuna pública dão com mãos largas; porque não dão do que é seu.

E ainda assim notai, que eles não são generosos para com todos. Os empregados de menor categoria, esses ficam quase a morrer de fome. E nisto é que está o segundo escândalo, de que vou falar.

Os amanuenses ficam apenas com duzentos e quarenta mil réis; e para terem um ordenado um pouco maior precisam ter dez e mais anos de serviço!

Ora digam lá como há-de viver um pobre amanuense, por pouca família que tenha, com um ordenado que para pouco mais chega do que para a renda da casa!

Estes senhores entendem, que um amanuense deve comer sardinha, numa água furtada, enquanto os directores gerais, chefes de repartição, e primeiros oficiais devem comer peru, e viver em casas alcatifadas.

Se esta gente tivesse juízo, o que devia fazer era reduzir os quadros, e dar a cada empregado um ordenado correspondente à sua categoria, mas suficiente para poder viver com decência.

Mas quereis saber a razão daquele absurdo, ou antes daquele escândalo, que é o nome próprio que tem? Eu vo-lo digo.

Grande parte dos directores gerais, chefes de repartição, e primeiros oficiais, são comendadores, conselheiros e deputados; e por isso era necessário fazer-lhes a boca doce. Os outros empregados não são nada disso.

De modo que os graúdos podem não fazer nada, e comer com quantos dentes tenham na boca: e os pequenos que se cansam a trabalhar, e em paga disso morrem de fome! Esta é a justiça cá destes senhores que nos governam. Esta carta já vai extensa, e por isso fica para a outra o falar da organização da secretaria dos negócios estrangeiros.

Isso é que é escândalo!

Já sabeis que a secretaria do reino sai do edifício onde estava.

A propósito da mudança disse a *Gazeta de Portugal*, que na secretaria devia haver casa de residência para o ministro!

O público riu-se da parvoíce.

Os que não se riram exclamaram: que miséria!

Eu não faço exclamações, nem mérito: curvo a cabeça maravilhado diante das concepções da sapientíssima, independentíssima, e omnipotentíssima *Gazeta de Portugal*.

#### **ANEXO 14**

**DE n° 9, 7 de Fevereiro**

Transcrevemos hoje alguns períodos de um notável artigo há dias aparecido no Jornal do Comércio.

Nós não somos admiradores nem hostilizadores dos homens do governo.

Nesta luta de individualidade, embate de intrigas estamos indiferentes e serenos. Uns riem da política do governo, outros idealizam-na, outros amaldiçoam-na: o melhor é não a ver.

Toda a política nacional hoje, é uma política local de Lisboa.

Todo o movimento se dá num pequeno grupo de homens, longe da atenção e da vista do povo.

Não sabemos se esses homens são divinos se são indignos. Esperamos.

Por ora temos só uma política, a única para nós fecunda, proveitosa, útil, profundamente cheia de interesse – as necessidades deste território do Alentejo.

#### **ANEXO 15**

**DE n° 9**

Temos ouvido falar num triste facto dado no último baile de máscaras.

Parece que um indivíduo seguido duma pequena força, colocado à porta do teatro obrigava vexatoriamente a todos os mascarados que descobrissem a cara.

Pessoas presentes reagiram com ásperas palavras àquela vexação opressiva, inútil e inexplicável.

Esse indivíduo defendia-se que tinha ordem escrita pelo punho duma autoridade para proceder assim

E no entanto, as pessoas oficiais a quem compete manter a polícia do baile estão tão estranhos, e tão escandalizados, àquela medida opressiva como os próprios vexados.

É doloroso que isto se passasse, assim por arbitrariedade inútil, por uma injustiça calculada.

No entanto, falamos nisto com toda a justa reserva, mais propensos a achar no facto um motivo proveitoso e razoável do que a considerá-lo indigno e estamos certos que se dará disto uma explicação aceitável que pede a honra a todos.

## ANEXO 16

## DE nº 9

### Uma ideia do que são, e do que valem os homens avarentos

Dionísio o tirano como entrasse um dia na câmara de seu filho, e visse nela muitas jóias de grande valor, disse: meu filho, não te dei eu estas riquezas para que as guardasses, mas sim para que as repartisses, porque não há homem no mundo tão poderoso, como o que é dadivoso, e magnânimo, o qual com o dar conserva os amigos, e entenece os inimigos.

Esta história acima referida, vem para se dizer o seguinte, há homens que são muito amigos de entesourar dinheiro, e muito amigos de o gastar, o que se lhe não deve levar a bem. Todos os viciosos desta vida tomam nos vícios algum gosto, excepto o mal aventurado do avarento, o qual pena e se aflige pelo que têm os outros, e não gosta do que ele tem. O trabalho dos homens avarentos e, que sempre andam suspeitosos e recatados de que as cheias lhe levem os moinhos, não lhe comam as pastagens os rebanhos, e que lhe não furem o tesouro os ladrões: mas por fim o homem, que é mísero e avaro, de nenhum guarda tanto a sua fazenda, como da sua própria pessoa. O maior gosto que domina o homem avaro é embolsar dobrões, contar as peças, esconder o dinheiro etc. A suma glória do homem avaro é poder ganhar, ter que arrecadar, que nada lhe peçam, e nada gastar.

O homem avaro, ainda que nestas coisas tenha algum prazer, com outras muitas passa tormentos, se lhe pedem 5 réis para se comprar qualquer adubo para o jantar, ou para torcidas, faz cair as casas com vozearias, e dá ao diabo mulher e filhos: dizendo que todos se unem para o roubar.

Grande fortuna deu Deus aos homens, quando os fez generosos, porque se os avaros experimentassem quão doce coisa é dar, o mesmo que lhe fosse necessário, eles não poderiam conservar. Demais, o homem dadivoso e magnânimo não é tanto o que ele dá, como o que a ele lhe dão, porque em paga de qualquer favor lhe dão todos a sua liberdade. O homem generoso é senhor do Povo onde reside, e de todos com quem trata, porque com o estar certo de que lho hão de agradecer, ninguém tem coragem para qualquer coisa lhe negar. O contrário acontece ao homem mísero e avarento, ao qual ninguém se achega, ninguém lhe fala, ninguém o acompanha, e ninguém lhe dá nada. Quem há-de pedir ao avarento qualquer coisa, e menos entrar em sua casa, vendo que ele traz a capa cheia de buracos, as calças descosidas, e a camisa esfarrapada? Como há-de remediar a necessidade alheia aquele que não é capaz de remediar a sua

própria? Como há-de socorrer os estranhos aquele que mata à fome os seus próprios? Como dará lenha aos que precisam aquecer-se aquele, que se aquece à troça da palha? A quem emprestará dinheiro aquele, que o tem enterrado? Como repartirá o seu trigo aquele, que espera vendê-lo para o mês de Maio? Quem ousará ser amigo do homem avaro, sendo ele inimigo dele próprio? – Quantos avaros temos visto, e estamos vendo todos os dias, aos quais dá Deus forças para ganhar as riquezas, cordura para sustentá-las, ânimo para defendê-las, vida para possuí-las senão que podendo ser senhores do alheio, os vemos ser escravos do seu próprio?

De quanta maior excelência é a honesta pobreza, que não a maldita avareza, porque o pobre se contenta com o pouco, e o rico não lhe parece nada o muito.

Que maior desgraça, nem que maior desventura pode ir ao homem avaro, pois por tudo o que vê nos outros suspira, e tudo o que tem e possui lhe falta. O que tem aquele que a si mesmo não tem? O homem avaro tem sempre os olhos fixos nas vinhas que planta, as mãos no dinheiro que recebe, a língua nos homens com quem trata, os pés em ir ver os gados, o tempo nas trampolinas de que vive, os ouvidos nas contas que toma, o corpo nas compras que faz, e o coração no dinheiro que guarda: de maneira que como anda alheio de si, nenhuma parte tem de si.

Será verdade que os homens avarentos não têm coração para dar aos amigos e que os gastam consigo? Não por certo; mas sim que dão por tão mal empregado o que consigo mesmo gastam, como o que outros da sua fazenda lhe furtam. É um falso testemunho que levantam ao homem avaro, e mísero, porque não tem ele as riquezas, mas sim as riquezas é que o têm a ele: de maneira que tem trabalho em as agenciar, perigo em as guardar, demandas em as defender, e tormento em reparti-las.

O homem avaro, e mísero, se não fosse por alguma vergonha, antes comeria pão e cebola, do que sacar da algibeira 5 réis.

Um homem avaro; quanto de má é a sua condição, tanto de boa é por exemplo a do homem que é oleiro, pois que um se aproxima do lodo, e o outro não ousa tocar no ouro, e de mais o pobre oleiro ganha sua vida vendendo panelas, e o homem avaro perde sua honra em entesourar riquezas.

Por muito enterrado e guardado que o avaro tenha o seu dinheiro, de ninguém o guarda tanto, como o guarda de si próprio, por que se tem 200 chaves para o guardar, muitas mais emprega no seu coração para não o gastar. Para qualquer se vingar de qualquer homem avaro, não lhe deve desejar senão que viva muito tempo, porque muito pior vida se dá ao homem avaro com a sua avareza, que nós outros lhe daríamos com uma grande penitência. Os avarentos não comem senão a fruta que cai das suas árvores, a uva que apodrece, a carne enferma, o trigo com gorgulho, o vinho azedo, o pão ratado, e o toucinho rançoso, de maneira que não se atrevem a comer, senão o que não podem vender. É infame a avareza, porque nem a vergonha do mundo a reforma, nem o temor da morte a atalha. O homem avaro e mesquinho o que constantemente procura, são cuidados para si, inveja para os seus vizinhos, incitamento para os inimigos, despertamento para os ladrões, perigo para o corpo, condenação para a alma, maldição dos herdeiros, e demandas para os filhos.

Temos a registar uma cura admirável do Sr. Dr. Francisco da Silva Magalhães, que confirma os seus belos créditos de médico e de operador.

Antónia da Cruz, de 18 anos de idade, casada, moradora na rua do Espírito Santo, ao entrar no nono mês de gravidez, foi acometida, há dez dias, por ataques de eclampsia epileptiforme, que se sucediam assustadoramente, de quarto em quarto de hora, que resistiam a todo o tratamento empregado: o Sr. Dr. Magalhães vendo que a criança não dava sinal de vida, e vendo a mãe em grave risco, resolveu extrair-lhe a criança pelos meios estabelecidos para o parto prematuro artificial, e sem auxílio de instrumentos extraiu a criança com as mãos, que, segundo a opinião do operador, são os instrumentos inteligentes e de mais resultado prático. A operação sem auxílio, feita nas mais perigosas circunstâncias, no meio da mais completa fraqueza da operada, foi concluída em menos duma hora, ficando extraída a criança, e sossegada a mãe. No entanto sobreveio-lhe uma complicação pior, um metroperitonite, acidente que ordinariamente mata as mulheres de parto. Com grandes esforços, com um tratamento cheio de zelo e de dedicação, com uma luta tenaz contra a moléstia, o Sr. Dr. Magalhães conseguiu que hoje a doente entrasse numa convalescença feliz e sossegada.

Registamos tanto mais alegremente, que sendo estes casos de eclampsia raríssimos, e sendo mais raro ainda o sobreviver-se a eles, provam, quando bem curados, duas coisas, que são as qualidades de todos os grandes práticos e dos verdadeiros médicos, uma bela inteligência, e uma nobre dedicação.

Esta especialidade médica, hoje pouco cultivada no país, entregue ordinariamente a mulheres ignorantes, sem inteligência, sem prática esclarecida, sem método – é das mais difíceis da medicina operatória. Folgamos pois que o Sr. Dr. Magalhães mostrasse precisamente nesta especialidade difícil, e pouco estudada, grandes recursos, um belo método, e uma perfeita e lúcida aptidão.

## **ANEXO 18**

**DE nº 12, 17 de Fevereiro**

Tem hoje lugar a nova avaliação da herdade do Sobral, pertencente à casa pia desta cidade, avaliação, que é, segundo a informação que nos foi dada, para o fim do *que se diz emphiteuta* remir o foro da mesma herdade. Foram nomeados os avaliadores os ilustres senhores José Rosado de Carvalho, João António do Monte e Francisco Branco. Falaremos mais de espaço, logo que obtenhamos novas informações.

## **ANEXO 19**

**DE nº 14, 24 de Fevereiro**

### **Liceu de Évora**

No *Campeão das Províncias*, jornal que se publica em Aveiro, lemos um artigo com a epígrafe – *Desordem no liceu de Évora* – e a pedido, transcrito do *País*, de Coimbra, aonde se dirigem ao *actual* corpo docente deste liceu acusações, que, se

fossem verdadeiras, seriam por certo de muita gravidade; e muito conviria aplicar pronto e conveniente remédio a tão grande mal.

O autor daquele artigo julga ver completa anarquia e demoralização no liceu, atirando com a culpa aos professores, e mais ainda ao reverendo Sr. reitor Manuel Joaquim Barradas: e atribuindo a este estado de coisas o pequeno número de alunos que o frequentam, fez o paralelo deste estabelecimento com o da casa pia enquanto aos resultados que de um e de outro tem cabido à sociedade, buscando exaltar este e deprimir aquele.

Podemos afirmar sem receio de que com verdade nos contradigam, que não existe a inculcada anarquia, nem nos consta que tenha havido o mais leve indício por que mereçam os actuais professores o labéu de desleixados e de imorais, e sejam por isso apresentados como pervertedores, pelos seus actos, da mocidade que se lhes entrega; empregando individual e conjuntamente a possível diligência e solícitude no bom desempenho de todos os deveres que lhes são inerentes. Se algumas divergências têm havido, dizemo-lo afoitamente, não são elas de tal ordem, que mereçam a qualificação de anarquia: existem em todos os corpos colectivos, e que principalmente sucedem, quando como disse muito bem o jornal a *Folha do Sul* em o seu n.º 275, a lei é desprezada e a mocidade ofendida; ficando neste caso a todos ou a cada um dos seus membros o indubitável direito de se defender e protestar com a energia conveniente, sem que nisto haja sombras de desacato ou de irreverência. Mas é certo que nenhum dos actuais professores directa ou indirectamente concorreu para que essas divergências aparecessem.

Dizer-se que naquele estabelecimento literário não vai a mocidade colher todos os frutos da instrução, é completamente falso: supondo como verdadeiro que da casa pia têm saído bons artistas e bons chefes de família, o liceu não tem menos preparado a muitos, que no estado eclesiástico e noutras posições elevadas gozam nesta província, e fora dela, de legítimos créditos de homens de bem, e assaz instruídos, e que não envergonham o estabelecimento em que vieram receber a instrução preparatória de estudos superiores.

Entre outros apresentamos esse aluno da casa pia, ao qual indica o autor do artigo estampado no *Campeão* como aquele com que mais se deve esta casa desvanecer pelo eminente lugar que ocupa. Mas ele sobressai na carreira literária, que por si só lhe não podia dar a casa pia. E aonde foi ele iniciado na ciência? Aonde é que recebeu os elementos para os estudos superiores, que professa hoje? O Liceu de Évora sente orgulho pelo considerar também um dos seus filhos, que mais se distinguem pelas suas letras. E não é só este o digno de menção honrosa. Não é portanto desde o princípio, como o articulista apregoa, tão raquítico e enfezado o liceu nacional de Évora.

E se o liceu é frequentado por pequeno número de alunos, nem é proveniente do seu estado de anarquia, nem, e muito menos, de insciência e de desmoralização. Outras causas concorrem, e têm concorrido, as quais não nos propomos a desenvolver agora, e aceitamos dessa parte o que também já disse o jornal a *Folha do Sul*. Estamos em Évora, muitas vezes temos entrado no liceu, e nunca ali notamos falta de respeito e bem entendida sujeição dos alunos a seus mestres; nem da parte destes para aqueles falta de atenções mas a convenientes benevolências, sem estas familiaridades denunciadas pelo articulista: sabem todos, alunos e professores, manter-se com decência nas suas respectivas posições.

Se o articulista do *Campeão* ainda mais, que nos professores, carrega no reitor com todo o peso das suas acusações, fazendo-o responsável pelo suposto estado de anarquia e de descrédito do estabelecimento a que preside. Não achou porém os verdadeiros motivos para lhe formular a merecida acusação. Busque-a não em a anarquia, não em o descrédito, que não há, do liceu; mas sim no empenho, e quase que frenesim, com que o reverendo reitor pelas suas inconveniências e nenhum tacto para o governo desta corporação, e por um não sabemos que mais, que o jornal a *Folha do Sul* deixa bem visivelmente transparecer, se é que o não diz claro em o seu mencionado n.º275, se tem esforçado para implantar ali a desordem e semear ao longe o descrédito.

No fecho do artigo vem o articulista do *Campeão* revelar-nos, que o reverendo reitor começa talvez a ver vítima do seu ordinário modo de proceder, quando escreve – *Há porém quem diga que o governo parece não dar ao reitor a devida consideração.* – E não nos admiramos que lha não dê; e só que lha não tenha retirado completamente. Com o maior desvelo há o reverendo Sr. reitor empregado para isto todos os meios ao seu alcance. Muito bem andaria o governo e melhor procederia, se com efeito lhe retirasse toda a confiança, que conservando-o no lugar de chefe desta corporação.

A *Folha do Sul*, aonde o Sr. Barradas, como ela diz, tem muitas vezes escrito, mais, como é fama, *para tecer elogios pomposos e aos seus*, que para tratar algum objecto de utilidade, lhe lembra que pode ainda agora entrar nas suas colunas e defender-se e exaltar-se. Não sabemos porém se a tanto o aconselhará a sua consciência. Talvez que lhe segrede o silêncio, como quando o exmo. reitor de Santarém, Joaquim Maria da Silva, o tratou com a veemência no *Jornal de Lisboa*, depois do desempenho de sua comissão a este liceu em Julho do ano passado. O Sr. Barradas não se atreveu a responder-lhe então e a justificar-se. É de crer que desta vez faça o mesmo. Veremos.

Concluimos com as últimas palavras do jornal a *Folha do Sul* – pedindo, por bem da imprensa e da instrução, aos nossos ilustradores colegas de Aveiro e de Coimbra, que tenham sempre em atenção o mal que a qualquer corporação pode resultar de se lhe publicarem censuras imerecidas, e que ofendem a honra e a dignidade, não dum homem só, mas de muitos, mas de um estabelecimento que não há razão nenhuma para desacreditar.

## ANEXO 20

## DE nº 14

Retiramos hoje a secção de política estrangeira, que nada podia oferecer de grave e de novo.

A notícia mais séria que traz o telégrafo é que os Franceses evacuaram todo o México, que Juarez marcha vitorioso por todo o território, com grandes forças e grande entusiasmo, e que o imperador Maximiliano, está dentro da sua capital com 60.000 homens disposto a defendê-la ou a morrer.

**ANEXO 21****DE nº 15, 28 de Fevereiro**

Decidiu-se enfim a grande e combatida eleição do círculo 111.

Venceu o Sr. Joaquim Tomás Lobo D'Ávila.

Há muito que não se dava uma eleição tão freneticamente disputada.

A sua decisão pode ser uma prova da pouca simpatia pelo governo: ou ainda uma prova da habilidade organizadora e do enérgico trabalho da oposição. Numa eleição entre muitas – há uma coisa que os homens não prevêem, que se não pode seduzir, que se não pode convencer e que não tem opiniões políticas – a sorte.

O deputado eleito é um voto esclarecido e uma palavra audaciosa. E por um lado deve a sua eleição ser estimada pela gente da oposição e pelos fiéis do governo, por ser uma autoridade inesperada que entra no parlamento.

**ANEXO 22****DE nº 17, 7 de Março**

Foi aberto o concurso para provimento da igreja paroquial de S. Mamede em Évora, arcebispado de Évora.

Os presbíteros que pretenderem serem apresentados farão subir à secretaria dos negócios eclesiásticos os seus requerimentos, documentados em conformidade com o que se determina no artigo 15º do decreto de 2 de Janeiro de 1862, dentro do prazo de trinta dias a contar da publicação deste anúncio na folha do governo, onde apareceu no dia 10 de Março, no nº 45.

Aí se declaram também abertos os concursos para as igrejas de Santa Cruz, em Belga, Nossa Senhora da Graça em Ega e S. Miguel, em Outeiro.

**ANEXO 23****DE nº 20, 17 de Março**

Retiramos hoje a secção de correspondência, de Política Estrangeira, da Revista dos Jornais do Alentejo, para dar lugar aos nossos assuntos políticos.

Neste momento de crise, só nisso se fala, só nisso se pensa. Todos os outros assuntos são de importância secundária.

Retiramos também a nossa correspondência de Lisboa, que nada adiantava aos factos sabidos. Em compensação aumentamos a relação das sessões das cortes, onde hoje reside o verdadeiro interesse político.

**ANEXO 24****DE nº 21, 21 de Março**

Recebemos carta do nosso correspondente do Porto e particular amigo o Sr. Francisco António de Carvalho Lamas.

Não a publicamos porque às horas a que foi recebida, não comportava o jornal mais matéria. Dá notícia de um meeting no Porto para a formação da *União Patriótica*. No número seguinte a daremos.

As correspondências do nosso amigo F. A. de Carvalho, são sempre um prazer, e uma utilidade: um prazer porque é um estreitamento de relações entre ele e esta redacção: uma utilidade porque neste momento todas as notícias do Porto são essenciais. Do Porto espera muito o país, e o Porto muito fará.

## **ANEXO 25**

**DE nº 22, 24 de Março**

Estes números que têm passado, como alguns que se seguirão têm apresentado uma certa irregularidade de matérias, falta de alguma secção, prolongamento desacostumado de outras etc.

Pedimos desculpa aos que nos lêem. Nestes momentos de crise política e jornalística, é tal a abundância de matéria, a acumulação de publicações urgentes, que não sobra espaço para as secções costumadas e de menos interesse.

Pedimos pelo mesmo motivo, desculpa a todos aqueles senhores que nos honram com as suas correspondências, da demora de publicação de algumas, pois de tal sorte têm afluído, que as condições do jornal, as não comportam, regular, ou simultaneamente.

## **ANEXO 26**

**DE nº 23, 28 de Março**

Teve lugar no dia 26 do corrente o julgamento da polícia correccional movida pelo Sr. Jacinto Torres contra o Sr. André Maria Ferreira Villalobos, por um artigo escrito acerca do aforamento da herdade do sobral, da casa pia de Évora.

Sempre que se trata deste aforamento, quer seja na imprensa, que nos tribunais, onde os escritores são chamados, toma o público uma parte muito activa no desenlace, porque é este um negócio que jamais esquecerá não só o povo de Évora, mas ainda a todos que dele tiverem conhecimento.

Foi pois instrutiva e proveitosa esta discussão pelas verdades que ali se ouviram; e se o julgamento admitisse a prova do facto incriminado no artigo, seria o seu autor em lugar de condenado, absolvido triunfantemente.

O digníssimo juiz, conformando-se com a santidade da causa, e com todas as circunstâncias atenuantes, condenou apenas o Sr. Villalobos numa parte das custas do processo e em dez mil réis de multa: esta sentença porém não agradou ao actual dono da herdade do Sobral, que pela boca do seu advogado pedia se impusesse ao Sr. Villalobos o máximo da pena e apelou para a relação do distrito, a qual todavia julgamos que confirmará a sentença.

Foi defensor do Sr. Villalobos o nosso redactor principal o Sr. Eça de Queirós que, neste seu debute, mostrou que lhe não faltam dotes oratórios e talento para ser um hábil advogado.

**ANEXO 27****DE nº 24, 31 de Março****Despedida**

José Luciano Freire Themudo, com sua esposa e filhos, tendo de retirar-se desta cidade e não podendo cumprir com o seu dever, não só de fazerem algumas visitas que devem, mas também de se despedirem de todas as pessoas, que os honraram com a sua amizade; o fazem por este modo; pedindo desculpa da sua falta: e ao mesmo tempo oferecem a todos os habitantes da comarca de Évora o seu pouco préstimo na comarca de Ponte de Lima para onde marcham.

**ANEXO 28****DE nº 24**

No dia 16 de Março de 1867 cem homens, cem portugueses que tinham uma procuração para representarem, protegerem, advogar este tão nobre como desgraçado povo português, estes homens, esquecendo o seu mandato, olvidando o seu dever, postergando todo o direito dos seus contribuintes, atraçoam os mesmo, votando um imposto o mais absurdo e vexatório, votando-o de que maneira? Da mais injusta e odiosa, por que só vai cair nas classes mais miseráveis e necessitadas da sociedade! E não só o votam, mas ainda com sofisticos estirados discursos se jactam disso, discursos aos quais, qualquer obscuro português responderia desta maneira: lançai, sim, lançai impostos, já que os muitos desperdícios, em que tendes consentido a isso nos levam, mas lançai-os ao rico, ao abastado, poupando o pobre, ou ao menos lançai-os a ambos igualmente, lançai impostos, já que os esbanjamentos dos nossos dinheiros, nos tem reduzido à miséria, mas fazei-o com igualdade e sem odioso, lançai impostos, já que os maus governos, os contratos ruinosos, os dinheiros a mais de quinze por cento, tem levado à penúria e o descrédito ao nosso tesouro, mas fazei-o com cautela, com tacto financeiro de bom economista, lançai impostos mas realizai primeiro esses milhares de contos de economias, que de todos os lados vos apontam; aboli esses tribunais de contas, esses conselhos ultramarinos, e outras muitas tribunecas sem fim nem utilidade pública, essas luxuosas e imerecidas gratificações. Assim é que qualquer respondia logo a esses ocos discursos com que alguns motivaram o seu nefasto voto, metendo neles a cada passo a sua consciência. Eu se assim procedo (diziam eles) é de acordo com a minha consciência, se assim voto, é a minha consciência que me dita, fazendo assim fico com a minha consciência tranquila; e se interrogássemos essa consciência ela bradaria bem alto: mentes; a tua consciência é a perspectiva dum bom emprego, se o não tem já a tua consciência, é a esperança dum pingue lugar para ti ou para algum afilhado, a tua consciência é a esperança de voltares para o ano, a pedires mais empregos a servir mais afilhados, e passares estes meses de vida regalada e ociosa à custa dum subsídio tão mal empregado; eis aqui o que nos diziam aquelas consciências. Mas esses conscienciosos entrassem na cabana do pobre no triste albergue do operário e vissem as tristezas, as desesperações em que se vê o infeliz trabalhador, o pobre artista para que com o módico ganho de cada dia, poder acudir às absolutas e indispensáveis precisões da sua família: casa, sustento e vestuário; todas três já hoje bastante caras, e visse que quando mal lhe chega para vestir, falta-lhe a renda da casa e

para a décima! Se eles vissem isto, se vissem todas estas misérias, talvez que naqueles corações que o egoísmo tem endurecido, houvesse alguma fibra que ainda se sensibilizasse, e não fossem tão irreflectidamente agravar de um modo tão espantoso, esta infeliz classe. Os salários não crescem, nem os jornais. Que há de ser deles no futuro, quando forem de novo tributados, a carne, o azeite, o toucinho, o vinagre!!! Tudo géneros de primeira necessidade, e que o pobre tem forçosamente de comprar se não quer morrer à míngua, como há de ele chegar a estes géneros tão preciosos a si e à sua família? Que tristes e dolorosas consequências vai ter esse injusto tributo se for à avante? Quanto não vai ele influir na moral pública, nos bons costumes, no aumento da família? Qual há de ser o artista, ou o operário que há de querer casar, que o não aterre profundamente, a ideia de criar uma família, quando lhe faltam todos os meios de a sustentar? Como há de o artista que tem duas outras filhas, vê-las casadas e amparadas. Os ricos não lhas vão buscar; os pobres não as podem sustentar, e que resulta de tudo isto? São tais as consequências, tanto os quadros que se apresentam à minha imaginação que me aterram e que só digo que protestamos com todas as nossas forças por todos os meios lícitos e honrosos contra estas medidas que tanto abalo podem fazer na sociedade.

Évora, 26 de Março de 1867

*Um artista*

## **ANEXO 29**

**DE nº 25, 4 de Abril**

Hoje saiu desta cidade, o senhor José Luciano Freire Themudo, juiz de direito, transferido para Ponte de Lima. Sua excelência deixa aquela honradíssima memória, que deixam todos os magistrados zelosos da justiça, e da dignidade da beca.

É o senhor Themundo, magistrado de honradez impecável e de espírito nobre e verdadeiro. Para esta comarca, vem substituí-lo o senhor doutor Joaquim Augusto de Almeida Teixeira de Queirós.

## **ANEXO 30**

**DE nº 25**

O senhor vereador do pelouro das obras públicas, na sessão da câmara municipal de Évora de 5 de Novembro de 1866, fez sentir a necessidade de se fazer uma vistoria ao farregial, contíguo ao cemitério, pertencente ao cidadão José Mariano de Carvalho por lhe parecer, que este na ocasião de demolir o valado que o cercava do lado do norte, tomou parte do terreno público pertencente à estrada. A câmara acordou em prestar um voto de confiança ao mesmo vereador, para chamar o cidadão, e em vista da verificação do facto, fazê-lo entrar no cumprimento dos seus deveres.

Achamos este procedimento tão louvável e tão zeloso das regalias públicas, que, para que se proceda com a mesma justiça, lembramos que se dá quase o mesmo facto na estrada antiga de Arraiolos, na quinta dos Apóstolos, pertencente ao cidadão António Manuel Pinto Viana.

**ANEXO 31****DE nº 31, 25 de Abril**

Houveram [sic] tumultos no Porto. Cargas sobre o povo. Pressão organizada e activa. Toques a rebate. Aclamações iradas. Movimento de tropas. Descontentamento profundo. Justas iras populares. Projecto de dissolução da União Patriótica. Reacção ministerial. Perigo da pátria.

**ANEXO 32****DE nº 31**

No dia 23 do corrente chegou a esta cidade o Exmo. Sr. Joaquim Augusto de Almeida Teixeira de Queirós, juiz de direito desta comarca, que por transferência veio da de Ponte de Lima.

Malogrados assim os boatos que por alguns dias se espalharam que a sua excelência não vinha tomar posse, ficaram ainda mais esta vez desapontados os inventadores e propaladores de tais boatos e frustrados os bons desejos de tão *boas almas*.

Felicitemos a vinda de sua excelência para esta comarca, pois a sua reputação é suficiente garantia para a boa administração na justiça.

**ANEXO 33****DE nº 33, 2 de Maio**

Recebemos esta carta particular de Lisboa.

Lisboa, 29 de Abril.

*Meus amigos.* – Tudo parece sossegado, não é verdade? E todavia tudo está mais que nunca desolado e aflito.

O comércio, com devem saber, está paralisado: nem se fazem transacções, nem se empreendem negociações; parece que estamos no dia seguinte ao duma guerra estrangeira, a não ser que pareça que estamos na véspera duma guerra civil.

A política parlamentar propriamente dita tem sido um tanto esquecida estes dias. Há tantas outras questões! Os tumultos, a conspiração ibérica, a saída dos emigrados, a dissolução da União patriótica, a proclamação do Sr. Visconde de Leiria, tudo isto distrai a atenção dos debates oratórios.

E tudo isto são factos que carregam e tornam mais odiado este governo deplorável.

A solução de tudo isto não o sabe ninguém – só Deus. E Deus mesmo, vê isto tão corrupto, tão devasso, tão infame, tão podre, que certo afasta deste mal a sua vista feita de bem.

Houve um tempo em que tudo dependeu do Sr. Duque de Loulé.

Então era ver-se como o Sr. Braamcamp que despedaçava o corpo disforme da reforma administrativa! Hoje dizem os bens informados, que todos estão de harmonia, satisfeitos e honrados.

Nenhuma esperança.

Como o meu amigo dizia no jornal, não adiantamos um passo do século 18. Temos mais alguns caminhos de ferro, mais algumas estradas, e não trazemos calção e meia, e depois de termos trazido espada, descemos a trazer bengala. De resto, nas intrigas, nos despeitos de camaristas, no remoinho de áulicos, somos sempre os mesmos desgraçados dum país, cujas armas deviam ser uma comenda, sobre dois cacetes encruzados, com uma guitarra pendente, e tudo dependurado duma estola de padre, e duma moeda de cinco tostões. Dinheiro, vaidade, folgança, intriga, violência.

O Porto podia ter dado um grande exemplo de serenidade na força e de persistência na justiça. Um grande exemplo. Porque para ele tem sido as desconsiderações sem número. Escarnecido, ultrajado, mal tratado, está hoje sob a espada protectora do Sr. Visconde de Leiria.

Quem percorre as províncias do norte é quem sente o mal surdo e profundo que tem causado estas agitações populares. Nem comércio, nem indústria, nem agricultura, nem trabalhos adiantados, nem sossego dos campos, nem segurança nas estradas, nada: só um abatimento imenso, um descontentamento nervoso, uma vida aniquilada.

Todos os dias se diz que a revolta era o pior imposto a pagar. Pois bem, esta agitação só por si, é já uma terrível contribuição. Isto atenua o trabalho, estabelece as desconfianças, espalha os receios, desmoraliza as populações.

Depois o povo tem despertado, tem lido, tem pensado. Vê e sabe que não é só o mal da hora presente que o há de amargar, mas que hão de ser os males consecutivos, o deficit constante, a prodigalidade incessante.

O verdadeiro estado dos espíritos conhece-se melhor pela discussão da sala, da rua, da praça, do que pela imprensa que tem discretas prudências, e do que pelas representações onde o respeito aos poderes públicos, sofrem o ímpeto de soltar muitas e claras verdades. Eu digo-o sem reboço; o descontentamento é poderoso, é imenso contra a maioria, contra o governo – e contra o paço.

Muita coisa anda na voz do povo, que faz pensar os prudentes e os previdentes. Vão inoculando no espírito de todos, uma ideia de reforma geral, de reforma completa de sistema político, de instituições e de falsas soberanias.

Espalhou-se de há muito anos, o boato de que Portugal era um país cheio de liberdade: todo o mundo tem acreditado. Eu também penso que assim é: mas a liberdade, só se dá bem com certas plantas, num terreno adequado. Para que num país a liberdade floresça é necessário que seja plantada, entre a moralidade, entre a justiça, entre a lei, entra a democracia, entre o respeito da opinião. Então crescerá, fecundará, dará frutos maravilhosos.

Mas a liberdade plantada entre a corrupção, entre o privilégio, entre a ilegalidade, o preconceito, o desprezo de opinião, a devassidão, a indiferença, tem a mesma sorte que uma semente lançada entre podridões: contamina-se, apodrece e perde-se.

Ora a liberdade, tem uma podridão que se chama a licença. A licença, é o que fica da liberdade, quando lançada entre as putrefacções sociais.

O que nós temos é a licença. E como licença que é, ninguém a respeita ninguém a protege, ninguém a regulariza, ninguém a considera, ninguém a salva. Por isso ataca-se o direito de reunião, o direito de petição, as antigas liberdades municipais, a liberdade industrial etc.

Exemplo na nossa imprensa. Na imprensa há licença: mas por isso mesmo que não há liberdade seria e justa, qualquer dia, serão suspensas as garantias relativamente à imprensa. E isto porque ninguém tem escrúpulo do de cortar a licença, e todo o mundo receia cortar a liberdade.

Ninguém se atreveria sem pena a esmagar uma flor viçosa, mas todos pisavam sem dor uma flor ressequida. Estamos no mesmo caso. A liberdade é a flor viçosa, a licença é a flor ressequida.

Aqui tem-se falado muito de dois factos que de certo modo se prendem, o que não quer dizer que de certo modo se expliquem. O primeiro facto é a descoberta duma conspiração ibérica. O segundo é a saída dos emigrados espanhóis, num navio do estado. Não sei o que possa haver de verdade na conspiração. Mais que nunca, todavia, é ocasião de pensarmos nisso. A situação da Europa, a atitude de Espanha, a coragem de Espanha (como se viu na questão do *Tornado*) a nossa miséria política e moral e mesmo bastante a matéria, tudo faz suspeitar que estamos chegados a um momento em que as lutas hão de agravar, e o sangue se há de misturar. O que não sabemos é se será o sangue espanhol com o sangue português.

Quem eram os chefes dessa conspiração, em que bases assentava que planos de operações tinha, isso não o sei, e o que os boatos dizem não é certo nem é discreto. Em todo o caso, a base duma união com a Espanha é sempre falsa. Que base, anexação? União política com as duas casas reinantes? União republicana e federal? Exclusão dos Bourbons e anexação da Espanha? Em qualquer destes casos, que eu agora não aliso miudamente há mil impossibilidades. Impossibilidades de partidos, de famílias reais, de facções, de instituições, de conveniências europeias! Tudo. É fútil conspirar para fazer uma península Ibérica: obsta a isso toda a história contemporânea, todo o estado europeu, toda a política dos dois reinos. Tem-se conspirado, conspira-se, e há de se conspirar. Mas por amor da arte. Sem resultados políticos. Fica para outra vez quando eu souber estas miudezas de conspiração o analisar friamente esta questão política.

O segundo facto é mais sério. Também porque é misterioso. É a partida dos emigrados. No dia 25 foi a amnistia geral. No dia 24 a partida deles. O governo quando os mandou partir ou não sabia da amnistia ou já sabia. Se não sabia é inepto: os governos sabem sempre se factos tão importantes – pelo menos um dia antes da sua publicação e divulgação: de que serve então o embaixador em Madrid! Como se compreende que o governo tendo exilado tantos emigrados, e estando em vésperas de os mandar partir, e falando há tempos em amnistia – não tratasse de averiguar pelo seu embaixador a realidade desse boato? Em Lisboa no dia 24 já muita gente o sabia, só o governo não! O governo que tem participações directas, rápidas e anteriores às publicações oficiais! Tudo leva a crer que o sabia. Mas dizendo que o ignorava então é, como dissemos, inepto.

Mas se o sabia antes, é infame. Infame por que mandou para a Madeira como emigrados soldados amnistiados; porque dispôs duma multidão de homens, com um título que eles não tinham desde o momento da amnistia; infame, porque lhe tornou mais demorada e custosa a volta à sua pátria.

Mas sobretudo infame por isto:

Diz-se que em Madrid o governo Narvaez resolvera amnistiar para chamar os emigrados a Espanha e logo que eles aí se recolhessem mandá-los numa espécie de deportação para o Ultramar.

Ora se isto é verdade, se o governo espanhol quis fazer uma cilada, o governo português é infame, porque parece que os arrebatou no solo português para os dar de presente ao governo espanhol.

No entanto, isto são coisas que não estão esclarecidas, e que hão de patentear talvez mais uma indignidade do governo. Assim vamos caminhando. Mais que nunca parecem precisos os castigos tremendos. Adeus.

#### **ANEXO 34**

**DE nº 34, 5 de Maio**

Chegou a Lisboa a comissão da câmara do Porto.

A polícia dispersou brutalmente o povo, que a acompanha vitoriando-a.

Houveram gritos e provocações. As imprudências policiais, teriam produzido conflito, se não fosse a serenidade majestosa do povo. Em Guimarães há uma excitação, que se poderá transformar em revolta terrível. Em todo o Minho há uma convulsão tumultuosa.

#### **ANEXO 35**

**DE nº 34**

Vários assinantes e algumas redacções se nos queixam de não terem recebido o *Distrito de Évora*.

E todavia a remessa tem sido feita com uma escrupulosa regularidade. Não tendo havido descuido nosso, há de certo menos vigilância na fiscalização dos correios.

Estas queixas têm sido tão frequentes, que parece que os nossos jornais sofrem um sistema combinado de subtracção.

Nós tomamos muito a peito o gozar esta liberdade, da inviolabilidade de correspondência. O Sr. inspector geral dos correios, com aquele zelo que tanto o glorifica, terá de certeza em atenção esta acusação nossa, e voltará para os nossos jornais a regularidade e a boa ordem, e a justa fiscalização.

#### **ANEXO 36**

**DE nº 36, 12 de Maio**

Do *Jornal de Notícias* do Porto de 9 de Maio transcrevemos o seguinte:

«Disse-se que o indivíduo que esta cidade fora com a comissão municipal apresentar a mensagem a el-rei, e que pedira nessa ocasião o título de *sapateiro da casa real*, fora o Sr. Joaquim Jorge da rua de Santo António. Assim o disseram alguns jornais e nós fomos nesse número.

Sabemos porém agora que o facto se não deu com aquele senhor, nem foi como se contou. O facto deu-se com o Sr. João José Pereira, sapateiro, da rua de D. Pedro, que já fez publicar nos jornais de Lisboa a seguinte declaração: »

« João José Pereira, sabendo que se diz que ele pediu para ser sapateiro da casa real, declara que é falso tudo quanto se diz, porque só pediu os documentos que no Porto entregara a el-rei a fim de ser nomeado sapateiro da casa real, e que para esse fim veio a Lisboa em separado e sem nada a ter com a comissão que veio a representar a el-rei.

Lisboa, 5 de Maio de 1867  
João José Pereira.»

Esta declaração restabelece a verdade do facto, que os jornais ministeriais de Lisboa e Porto aproveitaram para vomitar injúrias no ilustrado artista, mas ilustre pelos títulos que tem como um dos valentes companheiros de D. Pedro IV, e dos mais estrénuos propugnadores da liberdade que gozamos, e não pelos pergaminhos que deva a algum monarca.

Pensou em momento de orgulho o prestadio artista, que na vidraça do seu estabelecimento, que é um dos primeiros do Porto, ficariam bem umas armas reais; pediu a el-rei, ao neto daquele a cuja lado batalhara nas linhas do Porto, e que talvez – quem sabe? - algum dia não tivesse pejo de apertar-lhe a mão: pediu-lhe o título de *sapateiro da casa real*. Pensava o ex-voluntário de D. Maria II, que não seria difícil alcançar a honra de se dizer sapateiro daquele cuja mãe lhe tinha ajudado a sentar no trono.

Mas não aconteceu assim. A graça, pedida em 19 de Outubro de 1866, nunca foi concedida!

Que fez o Sr. João José Pereira, agora, por ocasião da sua ida a Lisboa, como membro da comissão de industriais que ia apresentar ao governo a representação contra o tratado de comércio com a França? Faz o que outro qualquer faria. Pediu que lhe fossem entregues os documentos que juntara ao seu requerimento, visto a sua pretensão não ter sido nunca deferida.

Mas o acaso fez com que nesse momento encontrasse o Sr. Marquês de Ficalho, que o conhecera, desde o tempo do cerco, e dizendo-lhe o Sr. Pereira o que pretendia, aquele cavalheiro, em vez de solicitar somente os documentos pedidos, pediu a graça, que o Sr. Martins Ferrão, talvez pensando que era boa ocasião para vexar mais uma vez o Porto, levou imediatamente à assinatura real, sendo ainda além do mais dispensado o agraciado de pagar os direitos de mercê!

Eis como o caso se passou, e como a graça foi concedida quando já ninguém a solicitava.

Tudo o mais que dizem os jornais do governo é uma infâmia, que não mereceria resposta se não fosse muito de propósito escolhido o ensejo para insultarem aqueles que têm a paciência de os aturar.

## ANEXO 37

DE nº 37, 16 de Maio

Recebemos esta correspondência particular de Lisboa.

*Meus amigos* – Na folha oficial do governo vereis o que se passa nas câmaras. Todos os projectos do governo são aprovados. Não admira. O ministério tem na câmara dos deputados maiorias para o que quiser.

Com esse apoio continua no seu caminho de perdição, e não há nada que o faça mudar de rumo. E assim continuarão as coisas públicas até que as tempestades populares atirem à costa com esta carcaça ministerial. Antes disso a velha guarda morre, mas não se rende.

A maioria da câmara dos deputados não é só maioria para este ministério: é a maioria para todos os ministérios que dela se quiserem servir. A razão é porque ali não há ideias, nem convicções, e muito menos amor da pátria: há unicamente egoísmo, interesse e propósito de explorar por todos os modos este fertilíssimo campo da vida pública.

E digam lá que os Cabrais tinham maiorias firmes e invariáveis! Isto agora é melhor: e assim devia ser: porque as segundas edições são sempre mais perfeitas, correctas e aumentadas. Entretanto os Cabrais tinham o improbo trabalho de fazerem eleger as suas maiorias, enquanto que estes senhores arranjaram a sua depois de eleita. Como eles o têm conseguido não sei. Muitas vezes me disse um dos nossos maiores estadistas, talvez e que melhor conheceu os homens, e a sua época: deputados e casas, é melhor comprá-las do que fazê-las.

Mas o escândalo não está só em ter a maioria da câmara dos deputados aprovado em todos os projectos do governo. Está igualmente em que aprovou sem saber o quê. Posso assegurar-vos, que a maioria dos deputados, que aprovaram a reforma administrativa, nem sequer teve o trabalho de a ler; e a outra parte, se a leu, não era, com raríssimas excepções, capaz de a compreender; porque não tem inteligência para isso, e sabe tanto de direito administrativo, como eu sei de lagares de azeite.

Entretanto a tal maioria vai aprovando tudo o que o governo manda aprovar. Ao menos mostram que são soldados perfeitamente disciplinados. É dar-lhes a voz de *marcha*, que eles andam logo para a frente, sem sequer saber qual é o itinerário. Máquinas ambulantes, e nada mais. Um deputado chamou àquilo, *máquinas de força de oitenta cavalos*.

Isto disse-se, e ouviu-se em parlamento, e todavia não houve entre os deputados da maioria uma voz que se erguesse a protestar contra aquelas palavras! Este facto define o que é a maioria dos deputados.

Houve um rei que quando ia ao teatro adormecia apenas se sentava no camarote; e depois de dormir regaladamente durante o espectáculo, perguntava no fim: *então já casaram os velhacos?* A pergunta vinha a propósito porque as comédias antigas terminavam quase sempre com um casamento.

Hoje os deputados da maioria são como o bom do rei. Dormem, passeiam nos corredores ou escrevem as suas correspondências particulares, enquanto dura o espectáculo das discussões, e logo que sentem a voz do *apagador* (entidade ministerial, que substitui o apito que nos teatros anuncia o fim do espectáculo) perguntam: *então já se vai votar?* E depois votam, isto é, aprovam tudo o que vem do governo, e rejeitam

tudo o que parte da oposição. E como não há-de ser assim se o ministério os tem ali só para servirem de comparsas nesta comédia política?

Decididamente o sistema representativo entre nós está sendo uma fantasmagoria ridícula.

Já que vos falei da oposição na câmara dos deputados, devo dizer-vos com franqueza o que aquilo é.

Ali não há oposição de partido, há oposição de indivíduos. Há muitos que querem ser chefes, e por isso os outros não sabem a quem devem reconhecer como tal, nem de quem hão de receber a direcção e conselho. Há lá um homem, que avulta pelo seu talento, saber e perseverança; mas há meia dúzia que reconhecendo-lhe a superioridade, não querem todavia aceitar-lhe a supremacia.

O resultado disto é que cada um faz a oposição por sua conta e risco; e assim os ataques que ali se dirigem ao ministério nem são certos, nem vigorosos; porque são isolados, e sem um pensamento que os dirija.

Onde o governo tem a verdadeira e enérgica oposição, é no país, e na imprensa. Aí a animada versão é geral.

Dos jornais ministeriais, tirados três ou quatro, que não têm importância, e que ninguém lê, restam como colunas da situação, a *Revolução de Setembro*, e a *Gazeta de Portugal*.

Cada um destes defende o governo por um sistema diverso: a *Revolução* com injúrias caluniosas aos adversários, a *Gazeta* com elogios podres ao ministério. Ambos cumprem a sua sina, e seguem hábitos inveterados, de que já agora não mudam, porque são velhos para tomar andadura. Aquele apoio porém pouco aproveita ao governo, tanto mais que são geralmente sabidos os motivos de tamanha dedicação.

Eu creio que se perguntarem aos jornais ministeriais a razão porque defendem tão acaloradamente o governo, eles podem responder como D. Basílio respondeu a Bartolomeu, que lhe estranhava ter assinado como testemunha no casamento de Rosina como conde de Almaviva: «Então que quereis! Este maldito homem traz sempre os bolsos cheios de argumentos irresistíveis.»

Sabeis que a *ilustrada* câmara dos deputados não concedeu licença para continuar o processo contra os padrinhos do José Júlio! No mesmo dia a câmara dos pares concedeu-a em relação ao padrinho do Sá Nogueira! E digam lá que há igualdade perante a lei!

Quereis que vos explique a razão da diferença? É esta.

José Júlio era um acérrimo defensor do governo: Sá Nogueira é filho, e sobrinho de cavalheiros, que estão abertamente na oposição. Ora o governo, que de tudo faz política, e que agora a fez até sobre o cadáver do infeliz amigo, com grande espanto do público e ofensa às cinzas do desgraçado José Júlio, dirigiu as coisas de modo que ficassem impunes os padrinhos de José Júlio e fosse punido o padrinho de Sá Nogueira! Isto é um escândalo de tal ordem, que não há palavras que o classifiquem.

O ministério, não receando comprometer a dignidade de el-rei, tinha-o aconselhado, segundo consta, e há fundamento para acreditar a que não admitisse à sua presença a comissão da câmara do Porto; mas el-rei, sempre leal e sincero respeitador, não aceitou os perniciosos conselhos dos seus ministros.

Haveis de ter notado como os jornais do governo deram notícia da chegada da comissão. São chocarrices, e insultos a *tanto* por linha.

Há homens, que nascem como aleijões morais como outros que nascem com eles físicos: e quem dá o que tem não pode ser obrigado a mais.

Emberraram os tais jornais com um dos membros da comissão popular, por que é sapateiro. Não vejo razão para isso. O tal sapateiro não é daqueles que estão todos os dias, a engraxar as botas aos ministros, mediante algum subsídio, ou promessa de algum emprego.

Os que exercem assim o ofício de sapateiro é que praticam a indústria infame.

Deixem pois os jornais do governo o pobre do homem ganhar honradamente a vida a fazer sapatos, que é ofício que não deixa viver com fausto e à lei da nobreza por artes de «berliques e berloques».

De resto tudo o que os jornais do governo disseram do que se passou no paço com o sapateiro, é uma falsidade que hoje está plenamente desmentida.

Sempre caluniadores! Misturando até na calúnia o nome de el-rei!

## **ANEXO 38**

## ***DE nº 38, 19 de Maio***

Para esclarecimento público damos em substância a exposição das alterações, que a comissão de fazenda fez ao projecto do governo relativamente ao imposto de selo.

Os papéis que pela nova lei podem ser selados com selo de estampilha são: os recibos entre particulares, facturas com quitação de qualquer natureza e proveniência, cheques ou ordens sobre banqueiros, com designação de pessoa certa a favor de quem forem passados, vales e ordens do correio, títulos de mútuo, quitação por escritura ou escrito particular, letras e ordens à vista até 8 dias de prazo sacada entre as praças do reino e ilhas; devendo o valor do selo ser de 20 reis para papéis na importância de 5 mil reis a 20 mil reis; de 30 reis para os de 20 a 50 mil reis; de 50 reis para os de mais de 50 a 100 mil reis; de 100 reis para os de mais de 100 a 500 mil reis; de 200 reis para os de 500 mil reis a 2 contos.

De 2 contos em diante, por cada conto desprezando qualquer fracção que não atingir um conto, 200 reis.

As letras de câmbio sacadas em praças estrangeiras e possessões para serem pagas no reino e ilhas, letras da terra, letras ou escrituras de contrato de risco marítimo, escritos à ordem livranças notas provisórias e bilhetes de cobre, também podem ser seladas com estampilhas.

Os selos devem ser de 20 reis para os títulos de 5 mil a 20 mil reis; de 30 reis para os de 20 mil a 50 mil; de 50 reis para os de 50 mil a 100 mil reis; de 100 reis para os de 100 a e 200 mil reis; desta quantia em diante aumenta 100 reis no valor do selo por cada 100 mil reis do título ate 2 contos; de 2 a 3 o selo sobe de valor mil reis. De 3 contos em diante o aumento é de 500 reis por cada conto exacto. Igualmente são estampilhadas as letras de câmbio sacadas no continente do reino e ilhas. Para serem pagas em praças estrangeiras; pagando 100 reis de 5 mil a 100 mil reis e aumentando de valor 100 reis para os de 100 mil a 300 mil reis; e daí em diante aumentando 300 reis sobre o valor anterior para as quantias de 300 mil a 500 mil reis; e mais 300 reis para as

de 500 mil a 1 conto; sendo o selo de rs. 1000 para os de 1 a 2 contos; e de 2000 rs. para quantias superiores a 3 contos.

### ANEXO 39

### DE nº 44, 9 de Junho

Foi solto o Sr. José Manuel de Carvalho e Melo, ex-pagador dos telégrafos; mas foi solto por uma portaria! É este um dos casos em que o actual ministério excedeu a expectativa pública.

Prende-se e processa-se um exactor da fazenda, por estar alcançado; o processo segue todos os trâmites; o pronunciado jaz por dois anos na cadeia, e ao cabo de tudo isto vem o poder executivo demonstrar a mentira do sistema que nos rege, invadindo impudentemente as atribuições do poder judicial, mandando cessar o processo e soltar o preso por meio duma portaria. Isto é a mais ampla aplicação do dito – *pedra em cima* – de um grande escândalo que se pretende ocultar; isto é a mais cabal demonstração da perversão moral a que chegou o nefasto grupo que nos governa.

Eis a famosa portaria:

«Cópia – Ministério das obras públicas – repartição central – 3.<sup>a</sup> sessão, n.º 167. – Manda sua majestade el-rei, pelo ministério das obras públicas comércio e indústria, que o procurador régio perante a relação de Lisboa, dê as necessárias instruções para ser suspenso todo e qualquer procedimento judicial instaurado em virtude da portaria de 17 de Março de 1865 contra José Manuel de Carvalho e Mello, ex-pagador dos telégrafos. – Paço, 25 de Maio etc.»

Esta portaria indica muito claramente o caminho que o governo está resolvido a tomar e que vai direito ao – manda el-rei nosso senhor. De sorte que ninguém se deverá admirar se um dia, sob o simples *manda el-rei* se vir nomeado bispo de alguma diocese ou coronel de qualquer regimento, ou coisa semelhante.

Mas enfim, pelo que toca ao ex-pagador dos telégrafos, não se sabe ainda com certeza quem será o último a rir.

### ANEXO 40

### DE nº 44

Mr. Stuart Mill, membro da câmara dos comuns, encarregou-se da emancipação das mulheres. De princípio, arriscou a sua proposta com uma certa timidez pedindo que se introduzisse no *bill* da reforma um termo vago que reservasse o futuro; - por exemplo a palavra *homem*.

Como se pode supor, esta tentativa obteve êxitos de diversas espécies, e mr. Mill, lisonjeado e corajoso, formulou claramente o seu programa. O que ele pede é que a mulher seja eleitor.

O povo inglês é em primeiro lugar, como se sabe, um povo prático. Só ri em certas horas, e não rejeita coisa alguma sem a ter examinado.

O pedido de mr. Mill foi pois muito seriamente discutido, e alcançou o apoio de 73 membros das câmaras dos comuns. Os jornais apaixonaram-se pela questão: o *Daily*

*News* chama a mr. Mill o apóstolo do futuro; o *Morning Herald* declara que o seu projecto é abominável, e repugna aos instintos da humanidade, o *Morning Star* considera-o um bravo!

É esta a originalidade teórica muito singular, e que merece atenção, por isso que provém de um filósofo extremamente notável pela clareza e às vezes profundidade das suas ideias. É provável que mr. Mill, para chegar a pedir o voto para as mulheres, se tenha colocado num ponto de vista de igualdade moral e intelectual, que dificilmente podem desconhecer aqueles que pedem o direito de voto para as capacidades, ou para qualquer pessoa que dê garantias de um certo bem estar.

Sobre a proposta de mr. Mill, faz um jornal, que temos presente as seguintes considerações:

«Se fosse suficiente, saber ler e escrever, e viver de maneira que possa garantir os gostos moderados para se ser leitor, não há dúvida que nas mulheres se encontra um grande número, que sabe ler e escrever e que possui o gosto pela ordem num grau respeitável.

Mas quando se considere a posição social para conhecer a posição política, e quando se está de opinião que é necessário possuir a respeitabilidade do trabalhador consumado para se ser chefe de família, e para conservar a mulher numa dependência natural, a confusão torna-se impossível. Sabe-se então que a praça pública pertence ao homem, assim como às mulheres pertence o lar doméstico.

Também nos Estados Unidos esta questão do voto das mulheres apaixonou as opiniões. Por galanteria, pelos menos, é necessário não tirar às mulheres toda a esperança, de poderem um dia satisfazer o gosto de depositar numa urna, uma ou duas vezes por ano, uma lista *perfumada*, que contenha o nome do seu *representante*; não sabemos porque os homens terão a tirania de obstar a esta fantasia, que afinal é muito inocente.

As mulheres poderiam certamente compor uma câmara à parte, e nós conheceríamos então quais eram as suas queixas. Hão de ser de uma ordem particular provavelmente, mas quanto não seriam interessantes, e variadas!

E não teriam elas, além disso, muito que dizer, debaixo do ponto de vista dos interesses gerais? Por exemplo, quando os homens na primavera da vida, como entes ferozes, pretendem devorar-se uns aos outros, e massacrar-se por questões que nove décimos deles não compreendem, não poderão as mães, as irmãs, as esposas e as amantes, elevar a sua voz?! Será porque os homens só marcham na direcção de interesses realmente superiores, em que está empenhada a existência e a honra de todos?

Decididamente o projecto de mr. Mill não é tão pueril como parece! E de mais os filósofos, quando se enganam, nunca se enganam absolutamente.

Se os homens procedessem sempre com reflexão, a intervenção das mulheres seria inútil e mesmo perigosa; mas nós deixam-nos guiar três quartas partes do tempo por sentimentos inconstantes, e a nossa vaidade é grande, quando queremos impedir que as mulheres manifestem os seus sentimentos!»

O mundo marcha.

**ANEXO 41****DE nº 46, 16 de Junho**

Os moradores da rua de Avis representaram à câmara municipal pedindo que a rua fosse calçada, e não macadamizada, como agora se anda fazendo.

Pedido justíssimo, porque o macadame produz dois incómodos horríveis, no verão o pó, no Inverno a lama, e são bem conhecidos todos os seus estragos, que causam estas duas fatalidades das estações: a lama pela impossibilidade do trânsito, pela humidade pouco higiénica, e pela nenhuma limpeza; o pó pelos prejuízos que causa às fazendas nas lojas, aos móveis, a todo o interior das casas pela tortura que produz ao trânsito, reunindo ao incómodo a influência doentia.

Os moradores representaram, segundo nos dizem, logo no começo das obras.

A câmara indeferiu o requerimento fundando-se em que vão muito adiantadas já as obras e que de resto, não colhiam os inconvenientes atribuídos ao macadame, pelos moradores da rua de Avis.

Foi este o caso: a câmara deu assim uma nobre protecção ao – pó e à lama!

**ANEXO 42****DE nº 49, 27 de Junho**

José Maria de Almeida Teixeira de Queirós despede-se por este modo de todas as pessoas que o procuraram durante os dias que aqui esteve, não o podendo fazer pessoalmente.

**ANEXO 43****DE nº 58, 28 de Julho**

A empresa fundadora do «Distrito de Évora» de acordo, e na melhor harmonia entre si, tendo resolvido liquidar, declara para todos os efeitos que faz trespassar deste jornal ao sr. Francisco da Cunha Bravo, ficando este seu proprietário do primeiro de Agosto em diante.

Declara também, que sendo este o último número publicado por sua conta, cessa toda a sua responsabilidade moral e política, e, cõscia de ter satisfeito de todos os seus compromissos pecuniários, convida todavia qualquer pessoa que se julgue credor à mesma empresa, a dirigir-se ao escritório da recepção onde será imediatamente embolsado.

Aos ilustrados correspondentes, que tão espontaneamente se têm dignado a prestar a este jornal o seu valioso auxílio, consagra a empresa um voto de agradecimento.

Os srs. Assinantes que se acham em débito, terão a bondade de se dirigirem por meio de vales do correio, estampilhas ou por outra qualquer forma ao sr. José Gomes Mendes, o qual fica encarregado de liquidar a cobrança.

**ANEXO 44****DE nº 58**

[Depois de uma longa transcrição de uma carta, segue-se este texto:]

Extractaremos agora algumas circunstâncias da longa narração que ao *Times* foi transmitida.

Às seis da manhã do dia 19 de Julho, as tropas de Escobedo tomaram posição a pequena distancia da cidade, para assistir à execução de Maximiliano e dos seus generais. O povo reuniu-se por milhares.

Quando no relógio soaram as sete horas, sentiram-se os sinos anunciar que os presos haviam, pela última vez, deixado as suas prisões, e marchavam para a execução. Alguns momentos depois apareceram os presos conduzidos em carros, e cercados de uma numerosa guarda.

Adiante vinha o imperador, depois Miramon, em último lugar Mejia. Apenas chegados ao ponto da execução, sentiu-se uma agitação convulsiva à volta da multidão. Os carros pararam, e os presos apearam-se.

Maximiliano cumprimentou o povo reunido: esta cena tocando foi geralmente presenciada com os olhos humedecidos. Com andar firme e gracioso, avançou o príncipe até ao lugar fatal. Não estavam amarrados nem tinham os olhos vendados.

A correspondência de que extraímos estas particularidades diz que o imperador quando tomou posição falou com voz clara e firme, parecendo todavia compreender bem qual era a sua situação.

E, segundo este correspondente, Maximiliano contou a história da sua ida ao México, e concluiu manifestando a esperança que tinha de que o seu sangue suspenderia a efusão de sangue no país.

Afirma-se que Miramon lera um escrito, concebido nestes termos : «O meu único sentimento morrendo é que, se o partido liberal conservar o poder, os meus filhos serão apontados como filhos de um traidor; mas eu tenho sempre combatido pelos princípios liberais, e levantei-me sempre contra a anarquia. Quero morrer como vivi, conservador, satisfeito por morrer pela pátria. A recordação das minhas acções me sobreviverá, e a posteridade julgará se eu tinha razão ou não. Viva o imperador! Viva o México!»

Meija não fez discurso. Dirigiu-se a Escobedo, disse que morreria pobre, e que nunca tinha pensado em acumular dinheiro.

Tudo quanto possuo, acrescentou ele, reduz-se a quarenta cabeças de gado na montanha. Peço aos negociantes de Matamouros, a quem devo muito, que não atormentem minha esposa para o pagamento das minhas dívidas, quando ela receber o dinheiro que o imperador se dignou legar-lhe.»

Depois de falar Miramon, formou a escolta. Na frente apresentaram-se os prisioneiros, e os soldados desfecharam. Depois da sua morte um pano negro cobriu o imperador.

Segundo esta versão, o corpo de Maxmiliano foi embalsamado. As tropas retiraram logo aos seus quartéis; mas o povo conservou-se muito tempo no campo da execução, absorto na sua maioria, como se tivesse sido fulminado. O silêncio tornou-se sepulcral depois da execução!

**ANEXO 45****DE nº 60, 4 de Agosto**

José Maria d'Eça de Queirós declara que desde o dia 1 de Agosto deixou de ser o redactor e director político do jornal Distrito de Évora e, desligado da empresa fundadora, dá como terminada a sua responsabilidade material, moral, política e literária.

**ANEXO 46****DE nº 7, 27 de Janeiro**

**[Texto pertencente à Crónica mas que não surge em nenhuma das compilações consultadas]**

- O que é o Peru? É uma república americana.
- Não é tal é um animal de carne saborosa que se come em dias de grande bródio!
- Pois sim, de acordo; e então?
- Então!...então tenho cá as minhas apreensões a respeito do Peru!
- Apreensões, de duas qualidades!
- Ora essa!
- É exacto... A primeira é que Cervantes diz no seu Carlos Magno, que: o

primeiro Peru que apareceu em França foi servido nas bodas de Carlos; por outro lado os sábios exploradores das florestas virgens do novo mundo, dizem que encontram por lá monumentos que atestam uma civilização primo-irmã das velhas civilizações cá do velho mundo.

Ora, sendo assim nem Colombo, nem Cabral, nem Cortez, nem Balbôa, têm direito à admiração da posteridade. A América era conhecida, e tão conhecida, que Carlos Magno, celebrava as suas bodas comendo Peru. Ou então metam a fala no buxo aqueles que dizem que o Peru animal é originário do Peru região.

A segunda é que (segundo dizem os políticos) a América tem suas intenções sinistras sobre a nossa velhita Europa, e esta que tem franqueado o desembarque nas suas praias a uma multidão de periquitos, papagaios e araras, e sobretudo ao orgulhoso Peru, pode achar-se atraçoada, vendida, com o inimigo nos seus muros, na sua casa, no seu lar: no momento do perigo. Esta é a minha segunda apreensão, corroborada por aquele modo altivo, arrogante do Peru errufado, por aquele monco quase impossível, que me chega a parecer a bandeira americana tremulando nos nossos campos invadidos, pelo orgulho com que ele, não deixando passar desapercibido um gesto, um aceno, uma palavra, um assobio, faz logo ouvir a sua voz monstruosa, parecida sem dúvida com o furioso rugir dos pampeiros, e finalmente por aquele insolente e motejador arrote com que ele arrasta as asas e abre o leque traseiro, marchando imponente, e fazendo lembrar uma nau de três baterias e meia, navegando a todo o pano, forçando a barra, e dispondo-se a bombardear Lisboa. Temos o exemplo na Espanha: cautela com o Peru.

**ANEXO 47****DE nº 29, 17 de Abril**

Para esclarecimento do povo publicamos o rigoroso cálculo das quantias em que aumenta o custo dos géneros, em virtude dos novos tributos.

Géneros tributados	Aumento em virtude do tributo
Aguardente, conhaque, genebra e quaisquer outros espíritos não classificados .....	70 reis em quartilho
Arroz .....	10 » » arrátel
Azeite de oliveira .....	25 » » quartilho
Azeite de purgueira, de peixe, óleo de petrolina e quaisquer materiais oleosos que sirvam para iluminação .....	10 » » arrátel
Banhas de porco em rama .....	15 » » »
Banhas derretidas (manteiga de porco) .....	15 » » »
Carne de gado bovino .....	30 » » »
Carneiro, capado, borrego e cabrito .....	15 » » »
Cerveja e cidra .....	25 » » quartilho
Licores alcoólicos .....	70 » » »
Miudezas de gado bovino, lanígero e suíno, compreendendo-se nestes dizeres, cabeças, chispes, fressuras, chouriços de sangue e os chamados mouros .....	10 » » arrátel
Porcos mortos .....	25 » » »
Porcos vivos (peso bruto) .....	25 » » »
Toda a carne de fumo e chacina .....	35 » » »
Toucinho e carne de porco .....	13 » » »
Vinagre .....	10 » » quartilho
Vinho .....	20 » » »

**ANEXO 48****DE nº 32, 28 de Abril****ÉVORA 28 DE ABRIL**

Publicamos ampliadamente o cálculo rigoroso das quantias em que aumentam os géneros em virtude dos novos tributos. O artigo 5º do projecto do imposto diz: “É permitido às câmaras municipais do reino e ilhas adjacentes lançar adicionais sobre os impostos do consumo cobrados pelo estado, com aplicação às despesas dos respectivos municípios, nos termos e com os limites fixados nas leis da administração que regularem esse assunto. Nas cidades de Lisboa e Porto poderão estes adicionais chegar até outro tanto do que pertencer ao tesouro pela sua parte.”

Géneros tributados	Imposto	Valor do imposto pelos antigos pesos e medidas	Dobro do imposto em consequência dos 100 por cento municipais	Aumento em virtude do tributo
Aguardente, conhaque, genebra e quaisquer outros espíritos não classificados .....	Cada litro 60 reis Cada kilo 10 reis	Cada quartilho 33 reis e três quartos » arrátel 4 reis e três quartos	67 reis e meio 9 reis e um quinto	70 reis por quartilho 10 » » arrátel

Arroz .....	» » 24 reis	» quartilho 12 reis	24 reis	25 » » quartilho
Azeite de oliveira .....				
Azeite de purgueira, de peixe, óleo de petrolina e quaisquer materiais oleosos que sirvam para iluminação .....	» » 10 reis	Cada arrátel 4 reis e três quintos	9 reis e um quinto	10 » » arrátel
Banhas de porco em rama .....	» » 12 reis e meio	» » 5 reis e três quartos	11 reis e meio	15 » » »
Banhas derretidas (manteiga de porco) ...	» » 15 reis	» » 6 reis e sete oitavos	13 reis e três quartos	15 » » »
Carne de gado bovino .....	» » 30 reis	» » 13 reis e três quartos	27 reis e meio	30 » » »
Carneiro, capado, borrego e cabrito .....	» » 15 reis	» » 6 reis e sete oitavos	13 reis e três quartos	15 » » »
Cerveja e cidra .....	Cada litro 20 reis	Cada quartilho 11 reis e um quarto	22 reis e meio	25 » » quartilho
Licores alcoólicos .....	» » 60 reis	» » 33 reis e três quartos	67 reis e meio	70 » » »
Miudezas de gado bovino, lanífero e suíno, compreendendo-se nestes dizeres, cabeças, chispes, fressuras, chouriços de sangue e os chamados mouros .....	Cada kilo 10 reis	Cada arrátel 4 reis e três quartos	9 reis e um quinto	10 » » arrátel
Porcos mortos .....	» » 26 reis e um quarto	» » 12 reis	24 reis	25 » » »
Porcos vivos (peso bruto) .....	» » 22 reis e meio	» » 10 reis e um terço	20 reis e dois terços	25 » » »
Toda a carne de fumo e chacina .....	» » 33 reis e três quartos	» » 15 reis e meio	31 reis	35 » » »
Toucinho e carne de porco .....	» » 30 reis	» » 13 reis e três quartos	27 reis e meio	13 » » »
Vinagre .....	Cada litro 5 reis	Cada quartilho 2 reis e quatro quintos	5 reis e três quintos	10 » » quartilho
Vinho .....	» » 15 reis e meio	» » 8 reis e sete décimos	17 reis e dois quintos	20 » » »

**ANEXO 49**

**DE nº 9, 7 de Fevereiro**

**[Texto da autoria de um correspondente do Porto]**

**Correspondência do Reino**  
 Lisboa  
 (Do nosso correspondente político)

Porto, 30 de Janeiro.

Meu colega e caro amigo. – Não posso deixar de aceder ao honroso convite que me dirigiu, quando me ofereceu as colunas do seu apreciável jornal, e tanto mais que o vejo afastado da senda que geralmente costumam seguir os nossos jornalistas de hoje; vejo-o, ao contrário de quase todos, abrir mão dos interesses mesquinhos e pequeninos para proclamar e difundir as verdadeiras ideias, os verdadeiros princípios da verdade e da justiça.

Eu, como o meu amigo, também entendo que o jornalista tem um fim nobre e elevado a cumprir qual é o de, esclarecendo e guiando a opinião pública nas variadíssimas questões que quotidianamente se agitam e debatem no mundo social, inocular no ânimo que mais tarde possam ser-lhe guia, ou norma para o afilelamento das suas acções.

O espírito do jornalista deve consequentemente, como o do filósofo, pairar puro acima do mar revoltado e encapelado dos ódios mesquinhos e das vinganças vis.

Só assim, desprendido de interesses e de preconceitos inúteis, é que o jornalista se elevará à altura da sua nobre missão; só assim é que os seus escritos alcançarão o prestígio moral de que tanto há mister quem tem de ser censor entre os homens; só assim é que ele será acreditado e acreditará o ministério que exerce.

É este, meu amigo, o modo como eu compreendo a instituição da imprensa. Já vê por tanto que não divergem as nossas ideias; o que pode é a forma ser diferente, e mesmo estou convencido, de que é, mas isso pouco ou nada importa.

E com isto apresso-me a dizer-lhe que aqui me terá sempre pronto e solícito em lhe noticiar o que for ocorrendo, e cujo interesse seja bastante a ocupar a atenção dos ilustrados assinantes do seu periódico.

O meu amigo não é de hoje nem de ontem que me conhece; encontramos-nos já e vivemos ambos em outros tempos e outros paradeiros o suficiente para que eu me detenha a dizer-lhe que – justiça e imparcialidade serão sempre as minhas divisas.

Hoje nada sei que mereça especial menção.

E agora permita-me, que eu para evitar apreensões que de futuro possam aparecer, aqui estampe a minha humilde assinatura. Leva-me a isto o desejo que tenho de que não haja uma única pessoa que por minha causa maltrate a sua imaginação e malbarate um tempo precioso que pode ser muito facilmente empregado em coisa donde lhe resulte mais glória para si e proveito para o próximo. Acredite-me

Seu colega e amigo  
F. A. de Carvalho Lamas.

## **ANEXO 50**

**DE nº 9, 7 de Fevereiro**

**[Texto da autoria de um correspondente de Campo Maior. Depois desta, as outras crónicas do correspondente do reino passaram a ser consideradas de Eça]**

Campo Maior, 27 de Janeiro.

Até que finalmente apareceu hoje um bando de máscaras considerável pelas ruas desta vila, anunciando alguns bailes de máscaras no teatro da povoação, tendo lugar o primeiro na noite do dia 17 de Fevereiro.

Veremos esses bailes, para depois relatar para esse periódico, numa correspondência, o gosto, o luxo e esquisitas máscaras que lá vir.

O bando, do qual falei no começo desta correspondência, saiu do castelo desta vila, e percorreu em forma pelas ruas principais, lendo-se um programa em certos lugares, cada máscara corria e se via por todos os pontos desta vila, isto é, pelas ruas principais e mesmo pelas isoladas travessas e escuros becos. Queriam ser bem vistos pelo povo, por isso o rodar dos caleches, o tropel dos cavalos e o dissonante som dos guizos, não deixavam a povoação em sossego. As máscaras pela vulgaridade não merecem o trabalho de com a minha péssima pena, apresentá-las para admiração (de aqui para fora) por estarem abaixo de vulgares. Não o faço.

Houve entre as máscaras uma, a qual fazia uma paródia conhecidíssima a um campomaioirenses: soube-se, e correndo o boato pelo qual outro indivíduo sofria a hilariante pública, e conseguinte um provocante insulto dirigido pela paródia da máscara a um cidadão, parece que o administrador do concelho devia mandar retirar a origem do insulto e cortar o ultraje feito a um cidadão. Creio que o Carnaval não é uma evasiva para se insultar ninguém, sem a autoridade castigar esse atrevido, que falta ao respeito à sua própria autoridade e ao particular. Mas o administrador do concelho não sabe que o acto foi público?... Foi mais um abuso de polícia.

Estamos bem, insultar a parodiar!... tudo se pode fazer, porque em primeiro estamos no Carnaval e em segundo lugar não sabemos quando a falta de polícia deve terminar!...

O poder público atenda e faça respeitar os direitos do cidadão, porque de contrário esquecem-se as leis constitucionais. O escândalo posto em execução teve lugar, talvez por uma vil e mesquinha vingança. O chefe de polícia abusou porque foi indiferente. Reclama-se polícia, e não deixe o chefe dela insultar ninguém, tanto no Carnaval, como em outra e qualquer época.

Morais Sarmiento

## BIBLIOGRAFIA

### I – BIBLIOGRAFIA ACTIVA

#### 1. Principal

- QUEIRÓS, J. M. Eça de, “Colaboração no «Distrito de Évora»”, in *Obras Integrais*, DVD, Projecto Vercial, 2007.
- , *Da Colaboração no «Distrito de Évora» - I (1867)*, Lisboa, Livros do Brasil, 2000.
- , *Da Colaboração no «Distrito de Évora» - II (1867)*, Lisboa, Livros do Brasil, 2000.
- , *Da Colaboração no «Distrito de Évora» - III (1867)*, Lisboa, Livros do Brasil, 2000.
- , *Distrito de Évora*, números 1 a 66, Évora, Janeiro a Agosto de 1867.
- , *Obra Completa*, vol. 3, org. Beatriz Berrini, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2000.
- , *Obras*, vol. 4, org. Aníbal Pinto de Castro, Porto, Lello & Irmão Editores, 1986.
- , *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I e II, Porto, Lello & Irmão Editores, 1981.
- , *Prosas Esquecidas I (ficção 1866-72)*, org. Alberto Machado da Rosa, Lisboa, Editorial Presença, 1965.
- , *Prosas Esquecidas II (crítica 1867)*, org. Alberto Machado da Rosa, Lisboa, Editorial Presença, 1965.
- , *Prosas Esquecidas III (política 1867)*, org. Alberto Machado da Rosa, Lisboa, Editorial Presença, 1965.
- , *Prosas Esquecidas IV (polémica 1867)*, org. Alberto Machado da Rosa, Lisboa, Editorial Presença, 1965.
- , *Textos do «Distrito de Évora»*, vol. 1 e 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 1980.

#### 2. Secundária

- QUEIRÓS, J. M. Eça de, *A Capital*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- , *A Correspondência de Fradique Mendes*, Lisboa, Livros do Brasil, 2002.
- , *Eça de Queiroz: Correspondência*, org. Guilherme Castilho, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

- , *Obras*, vol. 1-3, Porto, Lello & Irmão Editores, 1958.
- , *Obras completas*, vol. 1-3, trad. e org. Julio Gomez de la Serna, Madrid, Editora Aguilar, 1964.
- , *Obras escolhidas*, vol. 1-32, Amadora, Ediclube, s.d.
- , *O Crime do Padre Amaro*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d.
- , *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, 2002.

## II – BIBLIOGRAFIA PASSIVA

- ALMEIDA, António Ramos de, *Eça*, Porto, Latina Editora, 1945.
- BAPTISTA, Jacinto, “Eça Jornalista”, in A. Campos Matos (org.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Caminho, 1993, pp. 207-214.
- BERRINI, Beatriz, “As forças em jogo”, in *Portugal de Eça de Queiroz*, Lisboa, Imprensa. Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 274-280.
- , “Eça e o Alentejo”, in MATOS, A. Campos (org. e coord.), *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 189-194.
- , “Introdução Geral”, in *Obra Completa*, Volume 3, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2000, pp. 11-19.
- , “Nota Preliminar”, in *Obra Completa*, Volume 3, Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 2000, pp. 111-114.
- BRASIL, Jaime, “Eça de Queiroz, Jornalista”, in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa/Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1945, pp. 509-520.
- CABRAL, António, *Eça de Queirós, A sua vida e a sua obra – cartas e documentos inéditos*, 3ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, 1945.
- CASTRO, Aníbal Pinto de, “Entre a sedução da literatura e a busca de um rumo na vida”, in *Eça de Queirós da realidade à perfeição pela fantasia*, s.l., Clube dos Coleccionadores do Correios, 2001, pp. 28-49.
- , “Nota introdutória”, in QUEIRÓS, J. M. Eça de, *Páginas de Jornalismo - «O Distrito de Évora» (1867)*, vol. I, Porto, Lello & Irmão Editores, 1981, pp. V-XXXVI.
- DAVID, Celestino, *Eça de Queirós em Évora*, Évora, A Celta, 1945.
- FILHO, Luís Viana, *A Vida de Eça de Queirós*, Porto, Lello & Irmão, 1983.

- GASPAR, Martins, “Eça de Queiroz jornalista, in *O Dia*, Lisboa, 24 de Janeiro de 1984.
- GONÇALVES, Henriqueta Maria de Almeida, “A Crónica e o Romance pós 1888: interações”, in *150 Anos com Eça de Queirós, Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos* (18 a 21 de Set. 1995), S. Paulo, Centro de Estudos Portugueses, 1997, pp. 228-237.
- , “As crónicas queirosianas de fim de século: entre a crónica e o conto”, in *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos: IV Encontro Internacional de Queirosianos* (6 a 8 de Setembro de 2000), vol II, Coimbra, Livraria Almedina, 2002, pp. 503-513.
- , “Escritos não ficcionais”, in *A Imagem da França na Obra Queirosiana pós 1888*, Dissertação para doutoramento apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 1995, pp. 270-426.
- GUEDES, Fernando, “Livros e leitura na primeira metade do século XIX”, in *O Livro e a Leitura em Portugal*, Lisboa, Editorial Verbo, 1987, pp. 117-164.
- GUERRA DA CAL, Ernesto, *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz (Apéndice – Bibliografía queirociana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra)*, Tomo I, 1.961, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1975-1985, pp. 592-593.
- JURANDIR, Dalcídio, “Eça de Queiroz, Repórter”, in *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa/Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1945, pp. 201-225.
- MAGALHÃES, José Calvet de, “Lisboa: começo da vida literária”, in *Eça de Queiroz, A Vida Privada*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 2000, pp. 51-89.
- MARQUES, Gentil, *Eça de Queirós. O Romance da sua Vida e da sua Obra*, Lisboa, Edições Romano Torres, 1946
- MARRECCAS, Cândido, “Eça de Queirós e o Alentejo”, in *Arquivo de Beja*, Jan.–Jun., 1945, pp. 70-74.
- MASCARENHAS, Óscar, “Um jornal de iniciativa”, in *Diário de Notícias fundado em 1864 – Um jornal ao serviço do leitor*, Lisboa, Editorial Diário de Notícias, 2001, pp. 6-17.
- MEDINA, João, “As Farpas ou «o riso que peleja»: As Farpas Queirozianas (1871-1872)”, in *Reler Eça de Queiroz – Das «Farpas» aos «Maias»*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000, pp. 15-71.
- , “D’As Farpas a’Os Maias: da crítica sociológica d’As Farpas ao opus magnun romanescos de 1888”, in *Eça e «Os Maias», Actas do 1º encontro internacional de queirosianos*, Rio Tinto, Edições Asa, 1991, pp. 151-158.

- , “Eça e o jornalismo” in *Eça de Queiroz e o seu tempo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1972, pp. 16-102.
- MINÉ, Elza, *Eça de Queirós Jornalista*, Lisboa, Livros Horizonte, 1986.
- , “O Jornalista em Eça de Queirós: falas inaugurais para uma utopia”, in *Eça e «Os Maias»*, *Actas do 1º encontro internacional de queirosianos*, Rio Tinto, Edições Asa, 1991, pp. 159-166.
- , *Páginas Flutuantes: Eça de Queirós e o Jornalismo do Século XIX*, S. Paulo, Ateliê Editorial, 2000. pp. 15-25.
- MONTE, Gil do, *O Jornalismo Eborense (1846-1976)*, 2ª ed., Évora, Gráfica Eborense, 1978.
- MOOG, Viana, “Homem de Partido”, in *Eça de Queirós e o século XIX*, Porto Alegre, Livraria Globo, 1943, pp. 92-101.
- MOURA, Helena Cidade, “O caminho a partir da Estrada de Sintra”, in AA. VV., *Vária Escrita, nº4*, *Actas do Colóquio Internacional de Sintra (22 a 25 de Nov. de 1995)*, Sintra, Câmara Municipal de Sintra, 1997, pp. 157-169.
- , “Os Maias: A Azazel de Eça de Queirós”, in AA. VV., *Eça e «Os Maias»*, *Actas do 1º encontro internacional de queirosianos*, Rio Tinto, Edições Asa, 1991, pp. 159-166.
- OLIVEIRA, Lopes de, *Eça de Queirós*, Lisboa, Vida Mundial Editora, 1944.
- OUTEIRINHO, Maria de Fátima, “A imprensa periódica e o folhetim na vida do homem de letras oitocentista” in *Queirosiana, Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração*, 2000-2001, pp. 81-92.
- PIEIDADE, Ana Nascimento, “O espírito Romântico e a antecipação modernista”, in *Fradiquismo e Modernidade no Último Eça (1888-1900)*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, pp. 125-162.
- PINHEIRO, J. M. Monarca, *Évora em Eça*, Évora, Casa do Sul Editora, 2001.
- REIS, Carlos, *Eça de Queirós: a escrita do mundo* (por ocasião do centenário da sua morte), 1ª edição, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2000.
- , “Eça de Queirós e a aprendizagem da escrita ficcional”, in *Estudos Queirosianos - Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*, Lisboa, Editorial Presença, 1999, pp. 167-175.
- , “Eça renovado: fundamentos e objectivos de uma edição crítica”, in *Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, Abril-Setembro, 2000, pp. 266-272.
- , “José Maria Eça de Queirós e o Romantismo”, in BUESCU, Helena Carvalhão (Coord.), *Dicionário do Romantismo Literário Português*, Lisboa, Editorial Caminho, 1997, pp. 447-450.

- REIS, Jaime Batalha, “Na primeira fase da vida Literária de Eça de Queirós”, in *Eça de Queirós, Prosas Bárbaras*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 7-46.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares, *Livros e Leituras no século XIX*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1999.
- RITA, Annabela, “Crónica (Da conformação da crónica queiroziana)”, in MATOS, A. Campos (org. e coord.), *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, pp. 129-131.
- , *Eça de Queirós Cronista: do «Distrito de Évora» (1867) às «Farpas» (1871-72)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1998.
- RODRIGUES, Ernesto, “Introdução”, in *Crónica Jornalística – Século XIX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003, pp. 5-17.
- , *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998.
- ROSA, Alberto Machado da, “Prefácio”, in *Eça de Queiroz, Prosas Esquecidas II (crítica 1867)*, Lisboa, Editorial Presença, 1965, pp. 7-11.
- , “Prefácio”, in *Eça de Queiroz, Prosas Esquecidas III (política 1867)*, Lisboa, Editorial Presença, 1965, pp. 7-16.
- , “Prefácio”, in *Eça de Queiroz, Prosas Esquecidas IV (polémica 1867)*, Lisboa, Editorial Presença, 1965, pp. 7-16.
- , “Resumo de coisas sabidas”, in *Eça, Discípulo de Machado, Rio de Janeiro*, Editora Fundo de Cultura, 1963, pp. 27-38.
- SILVA, Augusto Santos, "Para uma perspetivação histórico-sociológica da obra de Eça de Queirós", in *Eça e «Os Maias»*, *Actas do 1º encontro internacional de queirosianos*, Rio Tinto, Edições Asa, 1991, pp. 267-275.
- SACRAMENTO, Mário, “Conquista da Ironia”, in *Eça de Queirós, Uma Estética da Ironia*, Coimbra, Coimbra Editora, 1945, pp. 17-134.
- SERRÃO, Joel, “Eça à procura de si próprio”, in *O primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, pp. 95-145.
- SIMÕES, João Gaspar, *Eça de Queirós, o Homem e o Artista*, Lisboa, Edições Dois Mundos 1945.
- , *Vida e Obra de Eça de Queirós*, Lisboa, Bertrand, 1973.
- SIMÕES, Maria João A. F., *Correspondências: Eça e Fradique – Análise de estratégias epistolográficas*, Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada Portuguesa e Francesa, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1987, pp. 84-93.

TRABUCHO, Isabel, *A Distância Convergente: Eça de Queiroz e Guilherme de Azevedo Correspondentes da «Gazeta de Notícias» do Rio de Janeiro*, Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares, Lisboa, Universidade Aberta, 2007.

### III – COLECTÂNEAS QUEIROSIANAS

- AA.VV., *150 Anos com Eça de Queirós, Anais do III Encontro Internacional de Queirosianos* (18 a 21 de Set. 1995), S. Paulo, Centro de Estudos Portugueses, 1997.
- , *Actas do Congresso de Estudos Queirosianos: IV Encontro Internacional de Queirosianos* (6 a 8 de Setembro de 2000), vol II, Coimbra, Livraria Almedina, 2002.
- , *Eça e «Os Maias»*, *Actas do 1º encontro internacional de queirosianos*, Rio Tinto, Edições Asa, 1991.
- , *Livro do Centenário de Eça de Queirós*, PEREIRA, Lúcia Miguel, REYS, Câmara (org.), Lisboa/Rio de Janeiro, Edições Dois Mundos, 1945.
- , *Vária Escrita, nº4*, *Actas do Colóquio Internacional de Sintra* (22 a 25 de Nov. de 1995), Sintra, Câmara Municipal de Sintra, 1997.

### IV – OBRAS DE CONSULTA GERAL

- BIBLOS, *Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 1 e 2, Lisboa/S. Paulo, Editorial Verbo, 1995.
- CASCAIS, Fernando, *Dicionário de Jornalismo, As Palavras dos Media*, Lisboa/S. Paulo, Editorial Verbo, 2001.
- COELHO, Jacinto do Prado (Dir.), *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1960.
- CRATO, Nuno, *Comunicação Social. A Imprensa*, Lisboa, Ed. Presença, 1982.
- LOPES, Óscar e SARAIVA, António José, *História da Literatura Portuguesa*, 17ª ed., Porto, Porto Editora, 1996.
- MATOS, A. Campos (org. e coord.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 1993.
- , (org. e coord.), *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Editorial Caminho, 2000.

- RODRIGUEZ, Alberto Pena, “História do Jornalismo Português”, in QUINTERO, Alejandro Pizarroso (org.), *História da Imprensa*, tradução de Fernanda Soares e Paulo Pisco, Lisboa, Planeta Editora, 1996, pp. 351-396.
- SOUSA, J.M. Mota, VELOSO, Lúcia M.M., *História da Imprensa Periódica Portuguesa. Subsídios para uma Bibliografia*, Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade, 1987.
- TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho, 1989.

## V – PERIÓDICOS

*O Alentejano*, Évora, Junho e Julho de 1866.

*O Dia*, Lisboa, 24 de Janeiro de 1981.

*Diário de Notícias*, Lisboa, Junho de 1866 a Agosto de 1867.

*Diário de Portugal*, Lisboa, 8 de Fevereiro de 1880.

*Folha do Sul*, Évora, Janeiro a Agosto de 1867.

*Gazeta de Portugal*, Lisboa, Junho de 1866 a Agosto de 1867.

*A Revolução de Setembro*, Lisboa, Junho de 1866 a Agosto de 1867.

*Seara Nova*, Lisboa, Dezembro de 1943 a Setembro de 1944.

*Sileno*, Évora, Maio de 1866 a Janeiro de 1867.

*Sul de Portugal*, Évora, Maio a Dezembro de 1866.

## VI – MULTIMÉDIA

PIEIDADE, Ana Nascimento, *Metodologia do Trabalho Científico*, Lisboa, Universidade Aberta, 2004 (CD-rom).